

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)

ADRIELY CRISTINA DUARTE DA SILVA

O HEROÍSMO TRÁGICO DE AQUILES E AUGUSTO MATRAGA:
UM ESTUDO DO HERÓI GREGO E DO HERÓI CRISTÃO, EM HOMERO E
GUIMARÃES ROSA

BELÉM – PA

2018

ADRIELY CRISTINA DUARTE DA SILVA

O HEROÍSMO TRÁGICO DE AQUILES E AUGUSTO MATRAGA:
UM ESTUDO DO HERÓI GREGO E DO HERÓI CRISTÃO, EM HOMERO E
GUIMARÃES ROSA

Dissertação apresentada à Universidade
Federal do Pará, como requisito final para a
obtenção do grau de Mestre em Letras, área
de concentração: Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Máximo von
Söhsten Gomes Ferraz

BELÉM – PA

2018

RESUMO

No presente trabalho, discutiremos como se dá o heroísmo trágico, especificamente na obra *A Ilíada*, de Homero, em diálogo com o conto “A hora e a vez de Augusto Matraga”, de Guimarães Rosa. O objetivo deste estudo é pensar o herói trágico na literatura, analisando questões ontológicas do humano, como a angústia e seu temor diante do fenômeno da finitude, onde ocorre a ausculta do sagrado nas vozes dos deuses, no tempo e no mundo. O trágico será um ponto essencial a ser apresentado aqui, pois o herói é aquele que, mesmo diante do terror, onde normalmente o coração é possuído pela angústia e desespero humano, permanece diante da finitude. Deste modo, percebemos Aquiles como um herói grego clássico que se caracteriza como trágico pois enfrenta a si mesmo diante do abismo da morte, e Augusto Matraga como um herói cristão trágico, pois é aquele que caminha na trilha da conversão e nesta vereda não teme perder a própria vida. Nesta senda contemplamos um eclodir de conflitos, valores e acontecimentos poéticos. Este trabalho dialoga com autores que discutem em uma perspectiva ontológica o herói, o trágico, a finitude, como Campbell (1949), Heidegger (2010), Kierkegaard (1979), Staiger (1977), Szondi (2004) e outros.

Palavras-chave: Herói. Trágico. Finitude. Angústia. Humano.

ABSTRACT

In the present paper, we will discuss how the tragic heroism occurs, specifically in Homero's *The Iliada*, in dialogue with the tale “The Time and the Time of Augusto Matraga”, of Guimarães Rosa. The aim of this study is to think of the tragic hero in literature, analyzing ontological questions of the human, such as anguish and his fear in the phenomenon of finitude, where auscultation of the sacred occurs in the voices of the gods, in time and in the world. The tragic will be an essential point to be presented here, because the hero is one who, even in the face of terror, where normally the heart is possessed by human anguish and despair, stands before finitude. In this way, we perceive Aquiles as a classic Greek hero who is characterized as tragic as he faces himself in the abyss of death, and Augusto Matraga as a tragic christian hero, for he is the one who walks on the path of conversion and in this path does not fear losing the very life. In this path we contemplate a hatch of conflicts, values and poetic events. This paper dialogues with authors who discuss in an ontological perspective the hero, the tragic, the finitude as Campbell (1949), Heidegger (2010), Kierkegaard (1979), Staiger (1977), Szondi (2004) and others.

Key words: Hero. Tragic. Death. Anguish. Human.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1. AQUILES E AUGUSTO MATRAGA - O HEROÍSMO TRÁGICO GREGO E O CRISTÃO.....	13
1.1 A jornada de Aquiles e de Augusto Matraga.....	13
1.1.2 Aquiles – o herói trágico clássico	13
1.1.3 Matraga - o herói cristão trágico	21
1.2 O desvelar do herói trágico.....	30
2. CAMINHOS DO TRÁGICO: ESPERANÇA, ANGÚSTIA E DESESPERO HUMANO - POSSIBILIDADES DE REINVENÇÃO CRIATIVA DA CONDIÇÃO HUMANA DIANTE DA FINITUDE.....	47
2.1 Trágico e esperança, uma dança possível?	47
2.2 A angústia e o desespero humano e possibilidades de reinvenção criativa diante da finitude.....	61
3. HERÓIS TRÁGICOS DIANTE DA FINITUDE: UM DIÁLOGO ENTRE AQUILES E AUGUSTO MATRAGA.....	70
3.1. O guerreiro grego e o guerreiro cristão.....	70
3.2. O(s) mundo(s) como questão.....	72
3.3. Para quê heróis em tempos de penúria?	74
3.4. Um lugar chamado sagrado.....	76
3.5. O jogo da vida.....	78
3.6. Thanatos, o abismo intransponível.....	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	94

INTRODUÇÃO

No presente trabalho, discutiremos como se dá o fenômeno do heroísmo trágico da obra *A Ilíada*, de Homero em diálogo com o conto “A hora e a vez de Augusto Matraga”, na obra *Sagarana* de Guimarães Rosa. Para a construção deste escrito abordaremos as personagens Aquiles e Augusto Matraga, fazendo uma análise da essência do ser herói na pessoa dos dois protagonistas. O primeiro, um herói grego; o segundo, um herói cristão.

A escolha de nosso objeto de pesquisa se deu pela experiência com a filosofia clássica em nossa trajetória pessoal e acadêmica. Os diálogos com arte e pensamento grego foram provocados ainda na graduação no curso de Pedagogia, com as disciplinas “Filosofia da Educação” e “Arte e Educação” do currículo vigente na época. Neste contexto foram plantadas sementes que mais tarde germinaram neste trabalho. As ideias para pesquisar sobre as obras *A Ilíada*, de Homero e “A hora e a vez de Augusto Matraga”, de Rosa, surgiram dentro dos diálogos e da aproximação com o grupo de pesquisa Núcleo Interdisciplinar Kairós estudos de poética e filosofia- NIK. Algumas leituras nos inspiraram para a seleção e recorte da obra homérica e Roseana, como elemento de investigação. *Convite ao pensar* (2014) e *Educar poético* (2014) foram fundamentais para a costura desta dissertação. Mas por que especialmente Aquiles, Augusto Matraga e a questão do trágico? Estas personagens além de serem protagonistas, são os heróis das respectivas obras e a problemática do trágico surgiu com a leitura do projeto “O trágico na modernidade literária brasileira” (2010-2012) nas reuniões do NIK. Desta forma, surgiu o embrião para a construção deste texto.

Neste corredor olímpico, dialogamos com diversos autores para a construção desta “casa”, cujos alicerces foram lançados sobre diversas questões como: a incompletude do ser humano, a crença na vida após a morte, a ideia de destino, o trágico e outras problemáticas. Para tanto, conversamos com Heidegger, Kierkegaard, Szondi, Staiger, Campbell, Castro, Leão e outros; além de estender o diálogo para diferentes formas de obra de arte, como filmes, pinturas e toda possibilidade artística, pois uma obra de arte não se resume a um texto teórico. A inovação neste trabalho está na provocação e na comparação dos dois heróis como trágicos, mesmo os dois sendo de mundos e culturas distintos e ao mesmo tempo pertencentes à mesma terra. Outro traço

original deste trabalho está em ir na contramão do que pensam a maioria dos teóricos sobre trágico e esperança, especialmente a formulação nietzschiana paradoxal trágico x esperança. Desta forma, neste trabalho procuramos respeitosamente abrir um mar de possibilidades interpretativas sobre as questões.

O objetivo geral deste trabalho é pesquisar de que forma o herói trágico grego e o cristão, nas personagens Aquiles e Augusto Matraga, reagem ante a angústia e o desespero humano diante da finitude, fenômeno este que acomete a todos os humanos direta e indiretamente, os que viveram e os que ainda viverão sob a terra. Neste caminho, acreditamos que a trajetória trágica é a jornada de todo o humano, no entanto o herói trágico é aquele que poeticamente percorre essa estrada de “tijolos amarelos”¹ e caminha magistralmente sobre ela sem recuar, sem temer a sua sina.

Este trabalho é uma pesquisa bibliográfica, pois parte da análise e leitura das obras *A hora e a vez de Augusto Matraga*, de Guimarães Rosa; em diálogo com Homero e *A Ilíada* e autores que discutem em uma perspectiva ontológica o herói, a tragédia e a finitude. A pesquisa bibliográfica é aquela que é baseada na consulta de fontes secundárias relativas ao tema que foi escolhido para realização do trabalho. Abrange todas as bibliografias encontradas como: livros, revistas, monografias, teses, artigos de Internet. (GOIÁS, 2011, p. 11). A análise das obras partirá da perspectiva de uma leitura comparada, mas não uma leitura qualquer, uma leitura poética, uma leitura que faz o humano se entregar a sua própria humanidade, pois “[...] uma leitura é sempre uma aprendizagem de entrega” (PESSANHA, 2013, p. 116). E desta feita, fazemos reflexões sobre a figura do herói, conversando com as diferentes concepções de heróis propostas por Platão, Hegel e outros.

A abordagem desta pesquisa é qualitativa, pois procura fazer um resgate e uma reflexão histórica – ontológica e uma discussão teórica sobre heroísmo trágico. Esse tipo de pesquisa é basicamente aquela que busca entender um fenômeno específico em profundidade. Ao invés de estatísticas, regras e outras generalizações, a qualitativa trabalha com descrições, comparações e interpretações. (GOIÁS, 2011, p.13).

A epopeia homérica é um dos rins deste trabalho, pois ela filtra a essência do humano e poeticamente faz jorrar para o ser do homem questões ontológicas que são atemporais, portanto vigora em todas as gerações e épocas. Confrontando o ser com ele mesmo, dentro de uma ciranda viva. Assim, a relevância da *Ilíada* para o entendimento

¹ Referência ao Mágico de Oz.

da sociedade contemporânea se desvela na sua forma e conteúdo clássicos mas ao mesmo tempo atual, pois sendo uma obra de arte estudada e apreciada por séculos de pesquisa, continua a oferecer a discentes, docentes, artistas e demais pensadores possibilidades de leituras e interpretações da realidade.

É neste caminho que perseguimos a questão do herói trágico. Seria temerário afirmar que a figura do herói é uma imagem presente em todas as culturas humanas que já existiram e que ainda virão à existência? Talvez esta seja uma questão digna de ser perguntada (HEIDEGGER, 2010, p.18). A presença do herói parece ser algo onipresente em todas as culturas. Para tecer esta escrita destacaremos os protagonistas Aquiles e Augusto Matraga, fazendo uma leitura comparada do heroísmo trágico no herói grego e no herói cristão.

Herói, genericamente, é alguém cuja força ultrapassa os limites humanos, sendo altruísta e corajoso, demonstrando capacidades grandiosas. É desta forma que o herói consegue matar um *dragão*, uma *hidra* ou capturar um *touro* com as próprias mãos.

O trágico é um ponto essencial que é pesquisado aqui, pois o herói é aquele que, mesmo diante deste fenômeno, onde normalmente o coração é possuído pela angústia, pelo desespero humano e desmaia (KIERKEGAARD, 1979), converte-se no paladino que triunfa gloriosamente! Ele enfrenta a finitude. E para investigar o fenômeno do trágico dialogaremos com autores como Heidegger (2010), Kierkegaard (1979), Staiger (1977), Szondi (2004) e outros.

Nesta perspectiva, a principal questão que norteia este trabalho é: como o herói trágico, tanto na dimensão cristã quanto na grega, reage ante a angústia e o desespero humano diante da finitude?

Para Emil Staiger: “Quando se destrói a razão de uma existência humana, quando uma causa final e única cessa de existir, nasce o trágico. Dito de outro modo, há no trágico a explosão do mundo de um homem, de um povo, ou de uma classe”. (STAIGER, p. 1977, p. 77). E é aí que o herói se diferencia do homem comum, pois ele consegue transcender tudo isso.

Defendemos a hipótese de que o herói vence toda e qualquer circunstância. Até mesmo “o calafrio ante a ameaça da morte” (HEIDEGGER, 2010, p. 24). Uma ponte de diálogo existente entre a filosofia cristã e a grega é que o herói é visto constantemente em confabulação com o sagrado. Nem todo herói dialoga com o sagrado, contudo o favor, ou o castigo divino estão sempre presentes nas aventuras dos heróis trágicos. Um exemplo clássico pode ser observado no herói máximo do pensamento judaico-cristão:

Jesus; e no ícone da mitologia grega: Hércules. Os dois heróis, na maioria das vezes, em seus desafios contam com as graças de Deus/Zeus. Hegel (2001), já por outro lado, ao discutir sobre a figura heróica em sua obra *A Razão na História*, exalta os heróis, porém, não como seres auxiliados por anjos. Para o autor, o herói é um indivíduo que tem força e eficiência histórica para materializar suas ambições:

Nele se concentra a situação histórica. Como indivíduo, com todos os seus ímpetos e poderes, ele não é nada senão a matéria-prima do Espírito do Mundo, que o agarra com uma paixão histórica avassaladora. O Espírito abstrato assim adquire o poder concreto de realização. [...] (HEGEL, 2001, p. 35).

Uma das relevâncias deste trabalho se dá por colocar em discussão, mais uma vez, a literatura clássica, e também em pauta as questões ontológicas que ela pode levantar. Para o pensador italiano Ítalo Calvino: “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer, ele chega até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram” (CALVINO, 2007, p. 9-11). Assim como Janus, o deus grego que olha para o passado e para o futuro, a literatura clássica reverbera essa dinâmica tempo/espaço e, ao mesmo tempo em que nos faz olhar para o passado, nos inspira a pensar possibilidades para o futuro. Lajolo (2001) nos mostra como o conceito de clássico é uma dança que se movimenta junto com o mundo e o humano:

[...] originalmente clássico era um conceito que abrangia apenas obras latinas e gregas. Só posteriormente passou a incluir também obras escritas nas várias línguas europeias ao longo dos séculos XIV, XV e XVI. No entanto, na atualidade um autor ou texto não precisam ser contemporâneos nem da Grécia de Eurípedes [...], nem da França de Racine [...]. Basta que sejam reconhecidos como excelentes pela crítica. (LAJOLO, 2001, p.20).

O que é e como nasce um herói? Estas são questões que se doam para a construção deste trabalho e que procuram o que em nós continuamente vigora. “[...] vigorar significa permanência desmedida de ser, ou seja, um sempre existente cuja temporalidade se refere ao infinito, à plenitude” (PESSANHA, 2013, p. 49). Assim, vigora em nós o que nos é próprio, o que somos em qualquer circunstância e que dá-se, desvela-se e vela-se por meio das questões que nos pro-curam². “Uma questão é um

² O hífen será usado regularmente em diversos momentos para marcar poeticamente o uso da palavra, desta forma sugerindo uma escrita e um sentido para além do gramatical, mas poéticos. À semelhança de Manuel de Castro, vejamos o fragmento para ilustrar:

desdobrar perpétuo que nos enlaça no silêncio de ser, na imensidão que nos atravessa, e que nem sempre nos damos conta disso por estarmos calcificados na necessidade pela objetividade, pelas respostas, pelo ponto final” (PESSANHA, 2013, p. 54). Quando nos detemos a pensar na questão do herói trágico, a trajetória da vida nos é questionada como uma obra de arte que nos provoca. O ato de pensar nas questões, que se doam para o desafio do descobrimento daquilo que permanece velado no herói, nos move em direção ao passado, à história dos homens. “[...] o desafio é imposição de limite, convite à queda abismal de uma interpretação: hermenêutica de mar: caixote” (PESSANHA, 2013, p. 114). Em todo o orbe habitado e em todos os períodos já conhecidos o homem guardou mitos e com estes uma figura arquetípica, que se diferenciava entre os demais por seus atributos extra-humanos. “O herói era aquele que - mesmo a partir das várias possibilidades já postas, já dadas - era capaz de criar uma possibilidade nova da vida, conseguindo, desta maneira, participar da instauração do novo na história” (LUZIE, 1999, p. 18).

A mitologia grega é repleta de feitos heróicos e de acordo com Feijó “foram os gregos que deram o nome a eles (os heróis), como também foram os mitos gregos os que mais sobreviveram” (FEIJÓ, 1984, p. 12). Assim, o herói nasce do mito! Mas o que é o mito? É importante pensarmos o mito para além da dicotomia ficção e realidade, verdade e mentira. Para Eliade: “o mito conta uma história sagrada: ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’” (ELIADE, 1972, p. 80). E para Campbell: “o material do mito é o material da nossa vida, do nosso corpo, do nosso ambiente: e uma mitologia viva, vital, lida com tudo isso nos termos que se mostram mais adequados à natureza do conhecimento da época” (CAMPBELL, 1993, p. 195). Apesar de hoje o mito receber uma conotação muito deformada e desgastada, conforme aponta Feijó (1998): “muitas vezes, quando empregamos a palavra ‘mito’ damos a ela um significado de ‘mentira’ [...] dizemos de alguma coisa em que não acreditamos [...]” (FEIJÓ, 1984, p. 12), outrora buscava desvelar o sentido do próprio, cuidando das possibilidades do humano e é sobre este conceito atemporal e sagrado do mito que nos dispomos a a-colher o herói. “Em grego, *mýthos* originou-se do verbo *mytheomai*, que significa: desocultar pela palavra. [...] Tem

“Não somos nós que temos questões. São as questões que nos têm. Quando isto acontece então nos movemos nos elementos da Cura, ou seja, o homem é **de-finido** por ela na medida que deixa eclodir nele as questões” (CASTRO: Cura, 2).

o sentido de palavra divina, através do canto poético aquecido como uma fonte referente ao sentido do ser e às formas divinas do mundo. (GROETAERS, 2007, p. 58).

Partindo do mito o herói atravessa os meandros da história, toando como modelo de funcionalidade à disposição de ideologias e se agasalhando com um novo traje: o de herói histórico. “A classe social dominante exerce o seu poder pelo controle da economia, da política e até do imaginário, através da ideologia. Nesse processo o herói torna-se figura real, palpável da História” (FEIJÓ, 1984, p. 22). É assim que Alexandre da Macedônia, Júlio César de Roma, os santos canonizados pela igreja Católica, Maquiavel, Napoleão, Stalin, Ernesto Che Guevara, Tiradentes e outros passaram a representar o heroísmo na história. “Nesse contexto, a figura dominante do herói histórico passou a se confundir com a figura do rei, do líder, do chefe” (FEIJÓ, 1984, p. 28).

Olhando para a trama de nossa infância, quando acreditávamos como diz Gilberto Gil, que “[...] quem sabe o super-homem venha nos restituir a glória mudando como um Deus o curso da história [...]” observamos que na pós modernidade perdemos a fé em nossos heróis. Contudo, quando nos deparamos com a literatura clássica e reparamos nela como em um espelho, é possível enxergar a figura poética do herói trágico: aquele que carrega em seus ombros a força que abalou estruturas e sociedades em sua época e que ecoa como um hino sagrado por décadas e séculos tendo influenciado e ainda influenciando gerações até os dias de hoje. Eles encarnam o poético, então podem ser considerados poetas, e podem responder a fundamental questão lançada pelo poeta do sagrado, Holderlin: “Para quê poetas em tempo de penúria?”. Os heróis são nossos salvadores, não no sentido dogmático e doutrinário, mas no percurso dos bosques sombrios que atravessa a humanidade, onde há a falta de diálogo, da aceitação das diferenças, o crescimento do fundamentalismo e intolerância e ao mesmo tempo do ceticismo, torna-se um desafio falar novamente sobre a figura sagrada do herói, aquele que conversa com os deuses e enfrenta a jornada da vida e da morte, sem recuar ante o trágico e ao mesmo tempo carregando consigo um pendão de esperança.

Cada um de nós é chamado para uma jornada e para tanto, como afirma Smith (2002, p.1) podemos até ser chamados a abandonar tudo aquilo de que dependemos. Neste caminho os heróis trágicos se tornam chaves que nos ajudam a decifrar os grandes enigmas do humano e assim deslumbram-nos com sua coragem, força e moral. No filme

O Senhor dos Anéis- O retorno do rei, Tolkien³ (2004) por meio do personagem Galdalf, o branco, reflete sobre a morte em diálogo com outro personagem, Meriadoc Brandybuck (Merry): “a morte é apenas outro caminho que todos temos que tomar. A cortina cinza desse mundo se enrola e tudo se transforma em vidro prata. E aí você vê praias brancas e o além, os campos verdes longínquos sobre um belo amanhecer” (2003).

O primeiro capítulo deste trabalho é uma análise da postura de cada personagem-herói destacado, diante do fenômeno do trágico na literatura e na filosofia, problematizaremos a forma como a essência do heroísmo trágico se vela e desvela poeticamente no ser herói dos protagonistas. Neste caminho, demonstraremos as trajetórias de Aquiles e de Augusto Matraga. O segundo capítulo tem a pretensão de discutir na teoria do trágico: a angústia, o desespero humano e possibilidades de reinvenção criativa e enfrentamento destes estados da condição humana diante da finitude. O terceiro capítulo aproxima os dois personagens trágicos e aponta as suas similaridades e diferenças diante da existência e dos acontecimentos dentro das questões: do ser guerreiro, do mundo, do tempo, do sagrado, da vida, da angústia e do desespero da morte.

³ J. R. R. Tolkien (1892-1973) foi professor universitário inglês da Universidade de Oxford, filólogo e escritor, autor de *Senhor dos Anéis* e *Hobbit*, verdadeiros clássicos da literatura fantástica. Em 1972 foi nomeado Comandante da Ordem do Império Britânico pela Rainha Elizabeth II. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/t_r_r_tolkien/> Acessado em: 29 Out.2018.

1. AQUILES E AUGUSTO MATRAGA - O HEROISMO TRÁGICO GREGO E O CRISTÃO.

1.1.A JORNADA DE AQUILES E DE AUGUSTO MATRAGA

Aquiles e Augusto Matraga se constituem como heróis trágicos, pois lidam, sem recuar, com a liminaridade entre a vida e a morte, entre o ser e o não ser diante da sua condição humana mortal. No entanto, apesar de apresentarem pontos de convergência, cada qual possui características próprias, o que será expresso por meio de suas trajetórias e também em virtude do contexto (mundo/cultura) em que estão inseridos: o grego e o cristão. Este capítulo se desdobrará em três subtópicos onde apresentaremos a jornada de cada um desses heróis trágicos: a) primeiro Aquiles b) posteriormente Augusto Matraga; c) e findando o capítulo, como o fenômeno do heroísmo trágico acontece. O principal objetivo aqui será pensar como cada personagem das narrativas reage diante da questão do trágico.

1.1.2. AQUILES – O HERÓI TRÁGICO CLÁSSICO

Numa idade indefinida - situada pela historiografia acadêmica ao redor do século VIII a.C - aparece Aquiles - maior guerreiro da *Ilíada*, de Homero, filho, segundo a mitologia grega, da ninfa marinha Tétis e de Peleu, o rei dos mirmidões. Do mesmo modo que, Hércules, Teseu, Perseu e outros dessa ordem de lendas e mitos pertencentes ao imaginário da civilização Grega, Aquiles é considerado um herói, que ultrapassa os limites de sua natureza humana, pintando-se como um dos grandes exemplos para a alma humana, a clareira da história, um fulgor distante, à volta dos quais se edificam esperanças inspiradas na bravura e no cumprimento do dever.

Diz a lenda que nasceu na Grécia e com a morte de seu pai fora encaminhado pela sua mãe até o rio Estige para que ganhasse imortalidade. Mas para imergi-lo neste rio que banha o inferno de Hades sua mãe o segurou pelos calcanhares, única parte de seu corpo que ficara vulnerável e mortal. É neste quadro que aparece Aquiles iluminado

de graça física e de força sobrehumana. Misteriosamente o seu nascimento foi profetizado por Kalchas Thestórides que soprou aos ventos a sua reluzente missão em Tróia, cuja força das armas não conseguiu ir acima do flamejante bronze sobre o coração do herói.

A principal questão que devemos nos fazer é: quem é Aquiles? Ele é a vontade encarnada, um guerreiro grego hábil e veloz que visava destruir Tróia. Na *Ilíada*, Aquiles trilha uma missão heróica, nunca duvidando do dever. O surgimento de Aquiles se deu dentro do contexto da guerra de Tróia, iniciada pelo movimento dos aqueus em direção à Tróia em razão do rapto de Helena, esposa do rei Menelau, que por sua vez era irmão mais novo de Agamenon. O herói aparece no nono ano da guerra, quando Agamenon, chefe do exército grego, ultrajou Aquiles, o mais valente dos guerreiros.

Crises, sacerdote de Apolo, vem ao campo dos Gregos para resgatar sua filha. — Repelido e ultrajado por Agamemnon, invoca a proteção de Apolo. — A peste, como um castigo divino, lavra pelo exército Grego e mata muitos de seus heróis. — Aquiles convoca a reunião dos chefes, promete sua proteção ao adivinho Calcas, e lhe pergunta a causa da cólera de Apolo. — O adivinho a revela e indica como único meio de afastar o flagelo a restituição de Criseida. — Cólera de Agamemnon contra Calcas: suas ameaças contra Aquiles. — Este lança mão da espada, Minerva lhe aconselha, e dócil à voz da deusa limita-se a responder apenas com insulto o recebido ultraje. — Agamemnon forçado a restituir Criseida a seu pai, toma de Aquiles a cativa Briseida. — Aquiles, indignado, não quer mais combater pelos Gregos [...] (HOMERO, 2009, p. 9)

Em seu caminho, ante à face da desconsideração de Agamenon, revelam-se no herói grego a fúria e a impetuosidade, estas forças o possuem. Impelido ao questionamento a respeito de sua posição na guerra o pélcida repousa em reflexão interior e de-cisão. Ao abrigar-se, assume a cólera, veste-se de mágoas e mantém-se afastado de sua jornada. Seus companheiros, os guerreiros gregos, rogam pela sua participação essencial no combate, pois sem o melhor dentre eles estariam perdidos e fadados ao destino inexorável da queda e derrota fatais. “[...] Pátroclo chegou junto de Aquiles, pastor do povo, vertendo lágrimas candentes, como a fonte de água negra que do rochedo desdenhado por cabras derrama sombrio caudal”. (HOMERO, 2009, p 1-4). Aquiles não era um personagem singelo, era irrequieto, insubmisso e não temia nada, nem mesmo o enfrentamento com o próprio chefe dos guerreiros, por isso no diálogo com seu amado Pátroclo se preenche de desgosto e aborrecimento, mantendo-se obstinado à sua intrepidez: “Porque razão choras, ó Pátroclo, como uma rapariga, uma menina, que corre para a mãe a pedir colo e puxando-lhe pelo vestido, impede-a de andar , fitando-a

chorosa até que a mãe pegue nela ao colo? Igual a ela, ó Pátroclo, choras tú lágrimas fartas”. (HOMERO, 2009, p. 7-19).

Seu rancor e sua revolta o fizeram repousar na dor e na mágoa, mas acaso seria esse o destino de um herói? O que inspirou Aquiles? O que o tornou especial para fazer uma grande diferença na batalha e no mundo? Sua força já era surpreendente, mas o que moveu a sua vontade para que ele tivesse realmente feito a diferença, se tornado herói por escolha apesar de nascer predisposto a isso? Era humano e era semideus, com características próprias, mas que motor moveu o seu caminho em direção ao seu destino?

A angústia perante a morte de seu companheiro, Pátroclo, a quem emprestara suas armas, e de inúmeros outros irmãos guerreiros, foi oportuna para a redenção de Aquiles e a retomada de sua honra, de seu dever e de sua travessia heróica. A dor assolou seu coração, haja vista que por sua responsabilidade a morte tomou parte de seu dileto amigo. Na estranheza provocada pela angústia, sofreu, afundando-se na dor de sua escolha pelo não agir, pelo não lutar e viu como fruto dessa decisão a escuridão do Hades tomar seu amado. “[...] a angústia manifesta o nada” (HEIDEGGER, 1979, p. 39). Encontrou-se Aquiles, assim, na mais completa dor.

“Sim, minha mãe, é verdade que o Olímpio me fez tudo isso; mas, que prazer posso eu ter, se perdi o mais caro dos sócios, Pátroclo, o amigo que acima de todos prezava, estimando-o como a mim próprio?” (Ilíada XVIII, 79-82) “que ninguém venha falar-me em tomar alimento ou bebida, pois infinito é o infortúnio que nesta hora me oprime. Hei de agüentar a fadiga até ver o Sol claro afundarse” (Homero, 2009, p. 306-308)

Observamos em Aquiles uma transformação a partir da questão da morte de seu amigo Pátroclo. Neste contemplar do fenômeno da finitude, diante do peso da miséria da frágil vida humana, Aquiles toma para si a responsabilidade dessa questão que o toca profundamente e deste modo, de homem vil e rancoroso, vemos Aquiles se transfigurar em homem piedoso, servil e comprometido com a causa grega. Ele enfim demonstra acreditar em seu destino! Como escreveu Marco Aurélio (2011):

Se estranho ao mundo é quem não conhece o que há nele, não menos estranho é também quem não conhece o que nele acontece. Desertor é o que foge da razão social. Cego o que tem fechados os olhos da inteligência. Mendigo o que tem necessidade de outro e não tem perto de si tudo o que é necessário para viver. Alheio ao mundo o que renuncia e se afasta da razão da natureza comum pelo fato de que está contrariado com o que lhe acontece, pois produz isso aquela natureza que também em te produziu. (AURÉLIO, 2011, p. 24).

Para aplacar sua ira, em batalha o herói grego mata Heitor, príncipe de Tróia, para vingar seu querido Pátroclo. Tomado pela vingança ultraja o cadáver de Heitor, arrastando-o em torno dos muros de Tróia, no entanto se apieda de Príamo, pai do aguerrido morto, que pede o corpo de seu filho para que este tenha uma morte digna e vê-se aí a mudança de Aquiles diante da questão velada da morte. “O radical de velar nos remete para um cuidado, como no substantivo velório. Mas o que no velório se vela não é o morto, mas o mistério da morte que se faz presente no morto. Essa ambiguidade está em *Bewahrung*, em desvelo” (CASTRO, 2010, p. 237).

Com sua passagem pela dor e pela morte, abandona o caráter individualista e egocêntrico e é mexido e tomado pelo cuidado e pelo compromisso de nobreza. “Depois, porém, de Aquiles ter chorado até que a vontade deixara seu coração e seus membros, ele se levantou da cadeira e fez o velho levantar-se, segurando-o, apiedado de seus cabelos brancos e de sua barba branca [...]” (HOMERO, 2009, p. 2). Os lamentos, dores e conflitos vividos por Aquiles o abrem para a compreensão mais clara de seu destino, como afirma Pinheiro (2011, p.2): “somente quando temos a sensação do *Nostra re agitur*, quando nos sentimos atingidos nas profundas camadas de nosso ser, é que experimentamos o trágico”.

Apesar de movido pelo desejo de vingar o amigo morto, Aquiles decide por entregar o corpo do príncipe, garantindo-lhe dignidade. “Para um grego, esquecer não é um processo dentro do sujeito [...] o homem também se vela para si mesmo sempre que consegue revelar-se num empenho de ser e desempenho de não ser [...]” (LEÃO, 2010, p. 52). Deixou-se desvelar desse modo, nesta ação poética, uma natureza empática e altruísta, consumando seu caminho para o próprio na imensidão de questões que o atravessaram. “E o que nos é próprio? A poético-ecologia enquanto cura poético-amorosa, pois apropriarmos-nos do que nos é próprio é amar. Amar é levar à plenitude de sentido o que nos foi dado e é próprio: o tempo enquanto o ser, o nosso destino” (CASTRO, 2009, p. 29), como reflete Schuler (2004):

Os heróis homéricos não são joguetes passivos entregues aos caprichos dos deuses. O destino não determina a ação dos homens em todos os seus detalhes. Deixa-lhes um espaço em que podem escolher livre e responsavelmente. E é neste espaço que se torna possível a ação heróica. O herói é ativo por definição. (...) O herói épico escolhe até mesmo o inevitável, a morte. Aquiles escolhe morrer moço, entrando voluntariamente na luta para matar Heitor, o matador de seu amigo, Pátroclo. (...) E na escolha livre o herói se eleva em toda a sua grandeza épica. (SCHULER, 2004, p. 15).

Vemos que a questão da morte (*thanaton*) é levantada em Aquiles, que reflete sua condição humana mortal e lamenta o fim de seus companheiros, em especial seu adorador Pátroclo que morrerá em virtude de sua decisão pela não-luta. Nas palavras de Pinheiro (2011):

O problema central de sua ira, força motriz de todo o poema, é que ela é *causa* da possível dissipação de todo o exército aqueu. Ou seja, a sua ação tem consequências para todo o povo argivo. E precisamente isto faz inarredavelmente trágico o seu destino [...] Foi necessária a consequência mais funesta de sua decisão trágica para fazê-lo retornar à guerra e, decididamente, morrer jovem: a morte, intransigente e inegociável, portanto trágica, de seu amado Pátroclo. A liberdade de Aquiles na bifurcação dramática de sua decisão desempenha uma característica fundamental para que possamos denominá-lo trágico. (PINHEIRO, 2011, p. 5).

Como semideus, possuía uma natureza humana e divina, e, no entanto não era esta condição que o tornara herói propriamente. Aquiles se constitui como um herói trágico, pela via da liberdade, ao obedecer (*ob-audire*) as questões que se apresentaram a ele, que se deixaram desvelar em sua jornada e ofereciam-se ao diálogo. Como reflexe Ferraz (2014):

Esta abertura para a escuta e o diálogo subjaz ao próprio campo etimológico da palavra liberdade. No radical latino '*lib*' estão implicadas palavras tais como *libatio* (cerimônia sacrificial em que o sacerdote provava o vinho e depois o lançava ao fogo) e *liber* (o *Diónysos* romano, deus do vinho, por extensão o próprio vinho). Estes termos, por sua vez, remetem à forma grega *léibo* (chorar, ter os olhos marejados, derramar gota a gota, especialmente o vinho para a libação aos deuses). Em todas essas palavras aflora o sentido de uma ação que excede o homem- por isso sagrada- e que a ele se dirige. Trata-se das questões originária das questões de que se provém o humano. (FERRAZ, 2014, p.124-125)

Preenchido de grandeza e coragem diante do que lhe colocara o destino - a morte de seu amigo e de outros companheiros gregos, Aquiles decide pela escuta do seu destino e abraça o trágico, mesmo que isso pudesse colocá-lo no limiar do entre a vida e a morte, haja vista que pôde optar por uma vida longa e sem feitos ou por uma vida curta e gloriosa. Ele escolhe na abertura, o interlúdio, sacrificar a própria vida em nome da honra e do dever. “Escolher [...] não é uma decisão subjetiva. É acolher o que no homem já se dá para que ele seja” (FERRAZ, 2015, p.134). Neste caminho, acolhe o que nele já se destinava e enfrenta a morte com coragem, encontrando-se desse modo com o trágico. “Que eu não morra é de forma passiva e inglória, mas por ter feito algo grandioso, para que os vindouros de mim oiçam falar!” (HOMERO, 2009, p. 304-305). Como nos faz refletir Heidegger à respeito desta abertura para a escuta do destino e das questões:

O destino do desencobrimento sempre rege o homem em todo o seu ser, mas nunca é a fatalidade de uma coação. Pois o homem só se torna livre num envio,

fazendo-se ouvinte e não escravo do destino. A essência da liberdade não pertence originariamente à vontade e nem tampouco se reduz à causalidade do querer humano. A liberdade rege o aberto, no sentido do aclarado, isto é, descoberto. A liberdade tem seu parentesco mais próximo e mais íntimo com o dar-se do descobrimento, ou seja, da verdade. Todo descobrimento pertence a um abrigar e esconder. Ora, o que liberta é o mistério, um encoberto que sempre se encobre, mesmo quando se descobre. Todo descobrimento provém do que é livre. A liberdade do livre não está na licença do arbitrário nem a submissão à simples leis. A liberdade é o que aclarando encobre e cobre, em cuja clareira tremula o véu como o véu que vela. A liberdade é o reino do destino que põe o descobrimento em seu próprio caminho (HEIDEGGER, 2002, p.27).

Durante a trajetória do altivo guerreiro grego, vemos o acontecer poético da cura, do mover-se e procu-rar-se, ele vai das águas turvas de mágoas e fúrias para o encontro com o seu destino glorioso, no entanto cabia a ele a de-cisão. Aquiles em algum momento achou muito agradável prostar-se em lamentações e angústias, mas no kairós oportuno, no tempo adequado do amadurecer, ele demonstra a que veio o seu nascimento, ele acontece no mundo grego para fazer história ao levantar-se e ao escutar o seu destino. “Só a liberdade realiza e plenifica. Eis a demanda e tarefa poética enquanto cura. Por isso, a Cura não será um bem, será o Bem. Bem é liberdade sem atributos” (CASTRO 2011, p 233). Sua missão era importante! Em algum momento o guerreiro achou deleitoso fugir da luta, no entanto, posteriormente, demonstra sua diferença em relação ao homem comum quando se ergue após introspecção e toma parte fundamental na guerra de Tróia. Quem tem vocação histórica vive seu destino.

Irei, pois, continuar insatisfeito, se me encaminho para fazer aquela tarefa que justifica minha existência e para a qual nasci? Ou, por acaso, nasci para me esquentar, reclinado entre pequenos cobertores? “Mas isso é mais agradável”. Nasci, pois, para desfrutar? E, em resumo, nasci para a passividade ou para a atividade? Não vês que os arbustos, os pássaros, as formigas, as aranhas, as abelhas, cumprem sua função própria, contribuindo por sua conta para a ordem do mundo? E tu, então, te recusas a fazer o que é próprio do homem? Não persegues com afinco o que está de acordo com a sua natureza? “Mas é necessário também repousar”. Sim, é necessário; também eu repouso. Mas também a natureza delimitou limites para o repouso, como também fixou limites na comida e na bebida e, apesar disso, não ultrapassas a medida, excedendo-te mais do que é suficiente? E em tuas ações não somente não cumpres o suficiente, como também ficas aquém de tuas possibilidades. Assim, não te amas a ti mesmo, porque certamente naquele caso amarias tua natureza e seu propósito. Outros, que amam sua profissão, consomem-se no exercício do trabalho idôneo, sem cuidarem de sua higiene e sem comer. Mas tu estimas menos tua própria natureza que o cinzelador sua cinzeladura, o dançarino sua dança, o avaro seu dinheiro, o presunçoso sua vanglória. Estes, entretanto, quando sentem paixão por algo, nem comer nem dormir querem antes de terem contribuído para o progresso daqueles objetivos aos quais se entregam. E a ti, parecem-te que as atividades comunitárias são desprovidas de valor e merecedoras de menos atenção? (AURÉLIO, 2011, p.28).

Mas porque optar pela batalha seria um feito heróico? Para isso é necessário desvelar a questão da de-cisão pela disputa, que de acordo com Heidegger: “[...] não deve ser suprimida em um ente que é propriamente produzido para efetivá-la, também não deve ser simplesmente acomodada nele, mas ser inaugurada a partir deste [...]” (HEIDEGGER, 2010, p.40). A jornada de Aquiles é traçada em direção ao seu destino a partir do momento em que este decide lutar na guerra, eclodiu na decisão pela serventia do que a ele se destinava.

A verdade só se dispõe enquanto disputa em um ente a ser pro-duzido, de tal maneira que a disputa se abra neste ente, ou seja, que o próprio ente seja trazido para o traçar. Este configura numa unidade o perfil e o plano fundamental, o recorte e o contorno. A verdade se dispõe no ente tão verdadeiramente que é o próprio ente que ocupa o aberto da verdade. Todavia, este ocupar pode somente acontecer de modo que o que é para se pro-duzir, o traçar, se confie ao que se fecha e que se ergue no aberto. O traçar precisa re-situar-se no peso atrativo da pedra, na dureza muda da madeira, no fulgor sombrio das cores. No que a Terra retoma em si o traçar, então ele é ex-posto ao aberto e assim situado neste, ou seja, posto no que se ergue no aberto como o que se fecha em si e como o que abriga. (Ibidem).

Desta de-cisão antecedeu um questionamento em Aquiles, revelando desse modo a sua natureza humana mortal e também sua vocação histórica e natureza divina, tomado de dúvidas e angústias pela morte de seu companheiro Pátroclo, o herói recolhe-se na pro-cura de sentido da sua existência, situando-se dessa forma para uma experiência humano-histórica, eclodindo assim a necessidade de escolha, deixando-se mover pelo aberto de seus trajetos. Teve fé em seu destino e assim fez história, pois já há quase três mil anos de sua inauguração heróica ele é lembrado entre os povos como desejara, teve vocação histórica pois a partir da abertura para o questionamento se comprometeu firmemente com seu destino. Como nos faz refletir Heidegger (2005):

Todo questionamento é uma procura. Toda procura retira do procurado sua direção prévia. Questionar é procurar cientemente o ente naquilo que ele é e como ele é. A procura ciente pode transformar-se em ‘investigação’ se o que questiona for determinado de maneira libertadora [...] nós nos movemos sempre numa compreensão do ser. (HEIDEGGER, 2005, p. 30).

A história de Aquiles é assinalada pela presença do sagrado! Tal como Cristo teve seu nascimento anunciado, as lendas gregas já profetizavam o nascimento de um grandioso guerreiro que traria a vitória sobre Tróia. Essa relação se funda em sua natureza, pois sendo filho de uma deusa e de um humano, Aquiles nasce semideus e tem

consciência de seu destino a partir da questão do trágico. “Pés-de-prata, a deusa Tétis, madre, me avisou: um destino dúplice fadou-me à morte como termo”. (HOMERO, 2009, p. 410).

Na trama do herói trágico os deuses estão sempre dialogando com os homens, ainda mais com o vaticinado melhor guerreiro dentre os gregos. “Dialogar não é monologar, é exercitar a difícil disciplina da escuta, onde acontecem as diferenças” (CASTRO, 2015, p. 26). Nesse diálogo-escuta Aquiles tem o apoio de Atena e o aconselhamento da mãe que também é uma deusa e que é sempre invocada pelo herói nas estações de escuridão e de dúvida. Sua tutora está sempre iluminando o sentido (*telos*) da sua travessia. “Sentido é o vigorar do ser, é a essencialização do ser, dando-se em verdade e linguagem. No e pelo vigorar do sentido, o suporte teórico-orgânico do ser humano acontece na transfiguração mundificante de seus sentidos e razão” (CASTRO, 2015, p. 282). Desse modo vemos constantemente a confabulação com o sagrado guiar o herói que roga ajuda aos deuses.

(...) Outrora ouviste minha prece, e me honraste, afligindo os Aqueus; uma vez mais atende o meu rogo: no círculo das naus, eu permaneço e mando à guerra –guia dos Mirmidões – meu companheiro. Concede-lhe a vitória, Zeus Pai, altitroante. (...) Mas logo que repila dos navios a guerra e os gritos, dá que volte para as naus, incólume (HOMERO, 2009, p. 236 – 252).

A “grande muralha dos aqueus” tem em seu próprio nome marcado o seu propósito. “Os nomes são palavras que apresentam. Os nomes apresentam o que já é, entregando-o para a representação. Mediante essa sua força de apresentação, os nomes testemunham seu poder paradigmático sobre as coisas” (HEIDEGGER, 2003, p. 178). Do grego *Achilleus* que é uma junção das palavras *akhos*- sofrimento/dor/luto e *laos*-povo/nação temos o nome Aquiles, que é aquele que desabrocha sobre o sofrimento em busca da vitória para o seu povo. Morre por amor à seu ideal, guerreiro e heróico, sob os muros de Tróia e tem a si conferidas honrarias divinas. A glória de sua morte inscreve a imortalidade do herói trágico.

Em todo existir há sempre um motivo, aquilo que nos move, comove e promove em tudo que fazemos e não fazemos: ser amando. Isso decorre de que não somos nós que nos movemos, mas o amar é que dá a energia e o sentido de todo mover. Amar é experienciar-se no entre *Eros* e *Thanatos*. A consumação de *Eros* é *Thanatos*, a morte. Esse é o abismo e perigo em que todo amante, porque é mortal, já está lançado. (CASTRO, 2011, p. 293).

1.1.3. MATRAGA - O HERÓI CRISTÃO TRÁGICO

A trajetória de Matraga é marcada por várias fases. Inicialmente é importante perguntarmos: quem é Augusto Matraga? “Matraga não é Matraga, não é nada. Matraga é Estêves. Augusto Estêves, filho do Coronel Afonso Estêves, das Pindaibas e do Sacoda-Embira. Ou Nhô Augusto — o homem” (ROSA, 2015, p. 298). Preliminarmente vemos o protagonista sendo apresentado como um homem que não é nada, mas é justamente deste nada que se desvela o destino heróico de Nhô Augusto. Sua caminhada nos revela uma trilha de possibilidades do humano, pois ele é e está sendo o que nasceu para ser. Nesta direção, vemos a transformação de Matraga ligada fortemente ao seu nome durante a narrativa. À semelhança de Saulo de Tarso, que tem seu nome mudado para Paulo em virtude do encontro com o sagrado, com a progressão do conto roseano visualizamos semelhante mudança na nossa personagem como nos explica DaMatta (1981):

A novela começa com Nhô Augusto, que se transforma em Matraga apenas no final, podendo se considerar a mensagem narrativa como o estudo desse processo de transformação de um nome em outro - de um homem em outro, já que tais designações são índices fortemente marcados de identidades sociais desempenhadas por seu portador (DAMATTA, 1981, p. 245).

As palavras, os nomes e seus significados são fortemente evocações poéticas na obra de Rosa, pois não é à toa que ele escolhe como título do livro, que contém a novela, a expressão *Sagarana* que traz no prefixo *saga* o sentido de canto heróico. Sendo que o coração desta obra é justamente a narrativa heróica de *A hora e a vez de Augusto Matraga*. Augusto é aquele que é grande, majestoso e posteriormente em seu encontro com o mesmo Cristo de Saulo de Tarso, se torna poeticamente Matraga, aquele que é um vaso alquímico, chamado, vocacionado à herói, moldado pela sorte e o destino.

No princípio ele é e não é, mas o que significa ser ou não ser? como diria o Bardo. Augusto é nos primeiros passos de sua caminhada um ser cujo futuro é certo, somente desgraça e destruição são as marcas deixadas por este homem, parece-nos que ele terminará sua travessia como mais um desgraçado qualquer, contudo, sua sorte e destino são transfigurados. Assim Rosa o descreve preliminarmente:

Duro, doido e sem detença, como um bicho grande do mato. E, em casa, sempre fechado em si. Nem com a menina se importava. Dela, Dionóra, gostava, às vezes; da sua boca, das suas carnes. Só. No mais, sempre com os capangas, com mulheres perdidas, com o que houvesse de pior. (ROSA, 2015, p. 303).

Mas, durante seu percurso ele se encontra com a própria desgraça e destruição que semeou, e então, em meio ao desespero e à angústia como que olhando diante de um espelho e face à própria morte o altivo Augusto tem agora a sua queda. Traído por seus próprios companheiros e caído em desgraça numa pintura horrenda o Senhor das Pindaíbas sofre em agonia.

Puxaram e arrastaram Nhô Augusto, pelo atalho do rancho do Barranco, que ficou sendo um caminho de pragas e judiação. E, quando chegaram ao rancho do Barranco, ao fim de légua, o Nhô Augusto já vinha quase que só carregado, meio nu, todo picado de faca, quebrado de pancadas e enlameado grosso, poeira com sangue. Empurraram-no para o chão, e ele nem se moveu. (ROSA, 2015, p. 308).

Matraga em sua infância recebe ensinamentos cristãos de sua avó que sonhava para o neto uma vida devota como um sacerdote católico, no entanto, a vocação e o chamado de Augusto eram outros. Agora findava um caminho na floresta da vida de Nhô Estevês, a estrada da maldade e da perversidade chegava ao fim e à semelhança de Estevão, mártir cristão, uma morte acontece para o renascimento de uma nova vida, para o nascimento do humilde Matraga. Neste momento o protagonista roseano tem desabrochada em seu coração a semente do sagrado plantada por sua avó, e começa a sonhar e a ter esperanças de novo:

Nhô Augusto comia, fumava, pensava e dormia. E tinha pequenas esperanças: de amanhã em diante, o lado de cá vai doer menos, se Deus quiser... — E voltou a recordar todas as rezas aprendidas na meninice, com a avó. Todas e muitas mais, mesmo as mais bobas de tanta deformação e mistura: as que o preto engrolava, ao lavar-lhe com creolina a ferida da perna, e as que a preta murmurava, benzendo a cuia d'água, ao lhe dar de beber. (ROSA, 2015, p.312)

É dentro desse contexto que o sagrado se mostra enquanto cuidado e cura na vida de Matraga. “A cura é um cuidar, desejar, amar o que se quer pelo vigorar da questão. O que radicalmente queremos e amamos é o que é. O que é antes de tudo, é o ser. [...] (cura) é cuidar, guardar e chocar, amar para que surja a figura”. (CASTRO, 2011, p. 232). Começa a nascer aí o herói que confabula com o divino, e assim abre-se dentro do

bosque da existência do humano a clareira que iluminará a trilha do paladino da bondade e da justiça, ocorre verdadeiramente um novo nascimento no sentido mais cristão da expressão. Durante esta experiência misteriosa, Matraga estranha a si mesmo e o próprio corpo: “Respirava aos arrancos, e teve até medo, porque não podia ter tento nessa desordem toda, e era como se o corpo não fosse mais seu” (ROSA, 2015, p. 310). Nesta caminhada enxergamos o questionar do ser e não ser dentro de uma procura em direção à cura, como nos provoca Heidegger (2005):

Todo questionamento é uma procura. Toda procura retira do procurado sua direção prévia. Questionar é procurar cientemente o ente naquilo que ele é e como ele é [...]. No questionado reside, pois o perguntado, enquanto o que propriamente se intenciona, aquilo em que o questionamento alcança a sua meta. Como atitude de um ente, de quem questiona, o questionamento possui em si mesmo um modo próprio de ser. (HEIDEGGER, 2005, p. 30,31).

O conceito clássico de herói é o de que ele é o ser que nasce de um humano e um deus, Matraga é aquele que nasce como herói de sua experiência com aquele que foi gerado de uma virgem e da figura divina do Espírito Santo, isto o coloca dentro do conceito clássico de herói. Assim, nosso valente guerreiro começa sua aventura rumo ao seu destino. Deste modo, o herói cristão, Matraga, segue sua peregrinação com a benção de seu tutor, o Padre.

[...] Você não deve pensar mais na mulher, nem em vinganças. Entregue para Deus, e faça penitência. Sua vida foi entortada no verde, mas não fique triste, de modo nenhum, porque a tristeza é aboio de chamar o demônio, e o Reino do Céu, que é o que vale, ninguém tira de sua algibeira, desde que você esteja com a graça de Deus, que ele não regateia a nenhum coração contrito! (ROSA, 2015, p. 311).

A partir deste kairós, vemos como que um fruto verde iniciando seu amadurecer. O velho homem vai passando e eis que tudo vai se fazendo novo⁴. Aquele que tinha como sina a perdição, plasma sua realidade, quebra as expectativas sociais, ultrapassando os limites e vivenciando o não-limite, onde transcende o ordinário chegando ao extraordinário. Mas, quem é este novo homem, este novo Matraga? Ele é um herói cristão:

E tomara um tão grande horror às suas maldades e aos seus malfeitos passados, que nem podia se lembrar; e só mesmo rezando. Espantava as ideias tristes, e, com o passar do tempo, tudo isso lhe foi dando uma espécie nova e mui serena

⁴ Referência à Epístola paulina aos cristãos em Corinto, 2 Coríntios 5:17.

de alegria. Esteve resignado, e fazia compridos progressos na senda da conversão. (ROSA, 2015, p.312).

Em sua vida pregressa, Augusto era aquele que gritava e dava ordens, que esbravejava e que promovia a desordem e a balbúrdia, matava sem pestanejar! Se existia um demônio na face da terra este alguém era Nhô Augusto Estêves Matraga, ele tinha vindo para matar, roubar e destruir⁵. No entanto, ele agora era diferente, estava transformado, pois escutava atentamente os conselhos da personagem mãe Quitéria: “Vira o demônio de costas, meu filho... Faz o que o seu padre mandou!” (ROSA, 2015, p. 317). Ele se tornou servo e humilde “[...] sempre saía para servir aos outros, quando precisavam, ajudava a carregar defuntos, visitava e assistia gente doente, e fazia tudo com uma tristeza bondosa, a mais não ser” (Ibidem). Do homem que gritava e esbravejava, agora ele é aquele que dialoga com a própria alma. Desbravando o caminho para o seu destino, Matraga rompe com o passado, com a velha natureza e abre-se para uma contemplação mais plena da vida.

As estradas cantavam. E ele achava muitas coisas bonitas, e tudo era mesmo bonito, como são todas as coisas, nos caminhos do sertão. Parou, para espiar um buraco de tatu, escavado no barranco; para descascar um ananás selvagem, de ouro mouro, com cheiro de presépio; para tirar mel da caixa comprida da abelha borá; para rezar perto de um pau-d’arco florido e de um solene pau-d’óleo, que ambos conservavam, muito de-fresco, os sinais da mão de Deus. E, uma vez, teve de se escapar, depressa, para a meia-encosta, e ficou a contemplar, do alto, o caminho, belo como um rio, reboante ao tropel de uma boiada de duas mil cabeças, que rolava para o Itacambira, com a vaqueirama encourada — piquete de cinco na testa, em cada talão sete ou oito, e, atrás, todo um esquadrão de ulanos morenos, cantando cantigas do alto sertão. (ROSA, 2015, p. 329).

Acontece com o Matraga de Rosa algo semelhante ao personagem Eustáquio de C.S. Lewis⁶. Os dois protagonistas se despem de sua superficialidade para um encontro mais profundo consigo mesmo, nas duas narrativas é possível enxergar o fantástico acontecendo. Em Augusto Matraga vemos uma fera indomável sendo transfigurada, e em Eustáquio observamos o dragão se transformando em menino, nas duas histórias

⁵ Referência ao evangelho de João 10:10.

⁶ C. S. Lewis (1898-1963) foi um escritor, professor da Universidade de Oxford e de Cambridge, crítico literário britânico. Ficou conhecido por seu trabalho sobre literatura medieval. Foi amigo do professor J. R. R. Tolkien. Lewis foi ateu durante muitos anos, mas com 31 anos se converteu ao cristianismo e se tornou membro da Igreja Anglicana. Em 1936, C. S. Lewis publicou “A Alegoria do Amor: Um Estudo da Tradição Medieval”, considerado um dos seus mais importantes trabalhos, que recebeu da Academia Britânica, o Prêmio Gollanz, em 1937. Disponível em: < https://www.ebiografia.com/c_s_lewis/ > Acessado em: 29 Out.2018.

notamos o ser do humano se desvelando e velando novamente. Assim, à semelhança de Matraga que se encontra com Cristo, vemos Eustáquio se encontrando com o leão Aslam:

Tirou-me aquela coisa horrível, como eu achava que tinha feito das outras vezes, e lá estava ela sobre a relva, muito mais dura e escura do que as outras. E ali estava eu também, macio e delicado como um frango depenado e muito menor do que antes. Nessa altura agarrou-me- não gostei muito, mas em seguida foi uma delícia. Quando comecei a nadar, reparei que a dor do braço havia desaparecido completamente. Compreendi a razão. Tinha voltado a ser gente. [...] Depois de certo tempo, o leão tirou-me da água e vestiu-me. (LEWIS, 2005, p.451).

Nesta fase de desvelo da sua natureza, mais humana e humilde, vemos Matraga assumir a tarefa de libertar-se. “A liberdade rege o aberto, no sentido do aclarado, isto é, des-encoberto [...] é o reino do destino que põe o desencobrimento em seu próprio caminho” (HEIDEGGER, 2002, p. 27). E nesta pro-cura em direção à sua interioridade, à seu *próprio caminho*, Matraga determina-se à agir como o bom samaritano da parábola de Jesus⁷, pois como reflete CASTRO (2011, p.217): “É nas pro-curas que acontece o sentido do que somos”.

Trabalhava que nem um afadigado por dinheiro, mas, no feito, não tinha nenhuma ganância e nem se importava com acrescentes: o que vivia era querendo ajudar os outros. Capinava para si e para os vizinhos do seu fogo, no querer de repartir, dando de amor o que possuísse. E só pedia, pois, serviço para fazer, e pouca ou nenhuma conversa. (ROSA, 2015, p.313-314).

E nesta travessia, enquanto escuta do que se é, tal como Cristo suportou três tentações no deserto diante do encontro com o diabo, Matraga teve de cruzar o aberto do horizonte. “Entre o nada e o tudo, inter-está a travessia, onde a obra é a própria travessia. É o que nos diz esta palavra. Tanto ‘vertente’ como ‘tra-vessia’ formaram-se do verbo latino: *vertere*: o dar corpo ao suceder” (CASTRO, 2007, p. 144).

A primeira tentação surgiu como o nascente, com a chegada de Tião da Thereza no vilarejo o Tombador. O velho conhecido Tião tratou logo de despejar sobre o peito transformado de Matraga as piores notícias: dentre elas a circunstância de sua ex mulher ainda amigada com Olvídio, a vida de prostituição adotada pela sua filha, a morte de seu camarada Quim Recadeiro. Todas elas soaram como uma trombada forte no coração de Matraga, que viu florescer algumas emoções de outrora como a raiva, mas ele logo deixou-se tomar pela lembrança dos conselhos de seu querido tutor: “Você, em toda sua vida, não

⁷⁷ Lucas 10. 30-35.

tem feito senão pecados muito graves, e Deus mandou estes sofrimentos só para um pecador poder ter a ideia do que o fogo do inferno é!...” (ROSA, 2015, p. 316). Como escreveu Rosa: “Ser o próprio e não os outros torna-se a questão. Mas o que é o próprio? Apropriar-se do próprio é o mais difícil e doloroso” (ROSA, 1968, p. 16). À beira do abismo, Matraga, revelou sua força e assumiu sua nova identidade, o seu próprio: “[...] Só te peço é para fazer de conta que não me viu, e não contar p’ra ninguém, pelo amor de Deus, [...] Não é mentira muita, porque é a mesma coisa em como se eu tivesse morrido mesmo... Não tem mais nenhum Nhô Augusto Estêves, das Pindaíbas, Tião...” (ROSA, 2015, p. 315). Compreender a si mesmo, descobrir-se como próprio é como uma dança onde aprendemos passo a passo sobre nossa identidade.

A dança jamais pode se pôr a serviço de qualquer sistema, caso contrário perderá sua identidade, seu próprio. E qual é o próprio da dança, a sua identidade? Esta identidade não pode ser diferente da identidade de todo ser humano. O próprio é a medida de cada um. A realização dessa medida corresponde à história de cada um, que é sempre singular e irrepitível. Ou ao menos deveria ser. A medida é o destino. (CASTRO, 2017, p. 82).

Deixando-se vestir pelo vigor originário, observamos desabrochar em Matraga a consumação (*télos*) da sua individualidade originária. E nesta posição vigorosa ainda confrontou-se com a segunda tentação, semelhante à de Cristo no alto da montanha instigado à seguir um caminho de não asculta do destino: Então o diabo [...] levou Jesus para o alto. Mostrou-lhe por um instante todos os reinos do mundo. E lhe disse: ‘Eu te darei todo poder e riqueza destes reinos, porque tudo isto foi entregue a mim, e posso dá-lo a quem quiser. Portanto, se ajoelhares diante de mim, tudo isto será teu. (Lc 4, 3-13). De semelhante modo Matraga foi provocado pela presença de Joazinho Bem-Bem, personagem mais temido e mais famigerado de todos, como descreve Rosa (2015):

[...] o homem mais afamado dos dois sertões do rio: célebre do Jequitinhonha à Serra das Araras, da beira do Jequitaí à barra do Verde Grande, do Rio Gavião até nos Montes Claros, de Carinhanha até Paracatu; maior do que Antônio Dó ou Indalécio; o arranca-toco, o treme-terra, o come-brasa, o pega-à-unha, o fecha-reta, o tira-prosa, o parte-ferro, o rompe-racha, o rompe-e-arrasa [...] (ROSA, 2015, p. 319).

O aparecimento de Joazinho Bem-Bem no vilarejo o Tombador reacendeu em Matraga o velho poder que o encaminhara para o fim trágico que por sua vez o transformara no homem novo, pois nesta passagem ele fora convidado pela figura do jagunço à resgatar as algemas de sua velha natureza: “eu havia de gostar, se o senhor

quisesse vir comigo, para o norte... Já lhe falei e torno a falar: é convite como nunca fiz a outro, e o senhor não vai se arrepender! Olha: as armas do Juruminho estão aí, querendo dono novo...” (ROSA, 2015, p. 333). Mas o que de fato se consumou em Matraga? As chamas do velho poder que se assanhavam para reacender ou o fogo da sua abertura para o vigorar das questões? “Con-sumar quer dizer: conduzir uma coisa ao sumo, à plenitude de sua essência [...]” (HEIDEGGER, 1967, p. 23). Mergulhando no ontológico, em reflexão (*ousia*), vê-se Matraga, tal como Jesus, dizer “não” e assumir a empreitada de libertar-se: “Recorreu ao rompante: — Agora que eu principiei e já andei um caminho tão grande, ninguém não me faz virar e nem andar de-fasto!” (ROSA, 2015, p. 325). Neste caminho a respeito da liberdade, reflete Leão (2013): “A todo instante de ser e não ser, sente-se a urgência de vir a ser, na libertação, a necessidade de libertar-se das e com as necessidades. Sem necessidade não se dá libertação” (LEÃO, 2013, p. 63).

A terceira tentação se apresenta à Matraga como a garantia de vingança. Poderia se vingar de todos que lhe causaram muito mal no passado, bastava aceitar a proposta do treme-terra, o famoso Joazinho Bem-Bem: “A pois, se precisar de alguma coisa, se tem um recado ruim para mandar para alguém...Tiver algum inimigo alegre, por aí, é só dizer o nome e onde mora[...]” (ROSA, 2015, p. 324). Eis a questão, desvelando-se para/com Matraga, explorada na obra Hamlet de Shakespeare (2012):

Será mais nobre sofrer na alma
Pedradas e flechadas do destino feroz
Ou pegar em armas contra o mar de angústias –
E, combatendo-o, dar-lhe fim? Morrer; dormir;
Só isso. E com o sono- dizem- extinguir
Dores do coração e as mil mazelas naturais
A que a carne é sujeita; eis uma consumação
Ardentemente desejável. Morrer- dormir-
Dormir! Talvez sonhar. Aí está o obstáculo!
Os sonhos que hão de vir no sono da morte
Quando tivermos escapado ao tumulto vital
Nos obrigam a hesitar: e é essa reflexão [...] (SHAKESPEARE, 2012, p. 141).

Mas, novamente determinou-se na audiência do destino, na esperança de que se defrontaria com o tempo oportuno da ação enquanto possibilidade de vigorar o próprio. “Agir [...] implica o destinar-se do sentido do ser. O homem faz, o ser age, onde o fazer é o esquecimento do sentido do ser” (CASTRO, 2011, p. 19): “Bastava-lhe rezar e aguentar firme, com o diabo ali perto, subjugado e apanhando de rijo, que era um prazer. E somente por hábito, quase, era que ia repetindo: — Cada um tem a sua hora, e há-de chegar a minha vez!” (ROSA, 2015, p. 326).

Abraça em sua trajetória a sua tão esperada hora e vez, que se con-suma quando Matraga se lança do arraial do Trombador para se deixar ser alcançado pelo destino em outros lugares. “[...] dali a pouco, nada adiantavam, para retê-lo, os rogos reunidos de mãe preta Quitéria e de pai preto Serapião. — Adeus, minha gente, que aqui é que mais não fico, porque a minha vez vai chegar, e eu tenho que estar por ela em outras partes!” (ROSA, 2015, p. 328). Neste caminho de pro-cura, entre rezas e entre contemplações da natureza pintada por Deus, chega ao arraial do Rala- Coco, montado em um jegue tal como Cristo chega à Jerusalém. Do arraial provém uma grande alteração que o apanha e é neste lugar que reencontra Joãozinho Bem-Bem. O igual de Matraga seria o entre de seu tão esperado kairós?

O entre é a abertura constitutiva e originária do ser-humano. Essa abertura se dá na metafísica, pois só o ser humano é radicalmente metafísico, no sentido de ser no ser humano que a *phýsis* se dá como entre em sua ambiguidade radical. Na metafísica, a *phýsis* se dá originariamente como esse enigmático entre (*metá*), horizonte poético-ontológico de todo ser humano. (CASTRO, 2006, p. 19).

A grande agitação no arraial era devido à morte de um dos jagunços do treme-terra que por regra dos cangaceiros devia de vingar os seus, matando a família do assassino que fugira. Matraga pôde presenciar a súplica do pai da família que rogava em nome de Deus pelo perdão do temido Joãozinho Bem-Bem: “[...] não mande judiar com os pobrezinhos dos meus filhos e minhas filhas, que estão lá em casa sofrendo, adoecendo de medo, e que não têm culpa nenhuma do que fez o irmão... Pelo sangue de Jesus Cristo e pelas lágrimas da Virgem Maria!...” (ROSA, 2015, p.334). Movendo-se pela vontade de defender o inocente velho das mãos da morte, Matraga pede que Joãozinho Bem-Bem ouça os apelos do homem e abandone a regra impiedosa dos cangaceiros, mas aquele nega e assim começa a batalha que os levará ao ápice da história. “Pois então... — e Nhô Augusto riu, como quem vai contar uma grande anedota — ...Pois então, meu amigo seu Joãozinho Bem-Bem, é fácil... Mas tem que passar primeiro por riba de eu defunto...”(ROSA, 2015, p. 335).

Vemos a consumação do heroísmo trágico em Matraga quando este decide lutar como um herói cristão, des-encobrendo assim a sementeira da sua transformação interior. “(A vigência) acontece no que Heráclito chamou de *pólemos*, o combate originário em que se manifesta o ser enquanto *legein*, que cria tudo e rege todas as coisas” (CASTRO, 2013, p. 15). Seu sacrifício revela seu amor incondicional (bandeira essa tipicamente cristã) e sua cura. Mas que questão enigmática o moveu? A “sua hora e sua vez” (ROSA,

1984, p. 273) vigorou na questão de sua morte enquanto renúncia de sua vida para evitar a morte de inocentes, eduzindo, desse modo, uma moral transcendente. “[...] Por detrás do seu agir, como aquilo que o move, está sempre o Amor do amar [...] (Eros) como essência do agir é total e completa energia de realização, é luz irradiante em contínuo acontecer”(CASTRO, 2015, p. 45).

Lançado no campo de Kurukshetra⁸ e abraçando a liminaridade como questão, vemos Matraga acreditar em sua vocação histórica e heróica, vemos Matraga passar a ser. “Como a palavra querer, também as palavras questão, questionar e questionamento vêm do latim: *quaerere*. *Quaerere* significa: empenhar-se na busca e na procura do que não se tem, por já se ter e para se vir a ter” (LEÃO, 1977, p. 44). Teve forte comprometimento com o seu momento e o seu futuro e morreu pelo seu ideal, superando o individualismo e encontrando-se com o próprio. “[...] Morrer é o modo mais radical de experienciar a vida, tendo em vista que a morte é um dar de mãos com a existência, um contínuo desdobramento da presença e memória” (PESSANHA, 2013, p. 45). Tornou-se herói, sacrificou-se em nome de sua fé no destino, e na morte encontrou-se, achou a sua tão procurada hora e vez.

Ambos os heróis nos fazem pensar na humanidade do humano, no que ele ontologicamente é, com suas angustias, temores e perplexidades. Outra contribuição deste capítulo é a reflexão de como a vida pode ser portentosa (monstruosa e maravilhosa ao mesmo tempo). Temos de nos perguntar, em diálogo com estes heróis, não somente o “quanto exatamente se pode afirmar que as pessoas são felizes” (ZIZEK, 2003, p. 78), como indaga o filósofo esloveno Slavoj Zizek, mas o que vem a ser a felicidade? o seu sentido em contraste com a morte, até porque o herói é aquele que, em confronto com a finitude, faz uma exaltação radical da vida. Todos esses traços ontológicos do homem, que estão no seu cerne, se tornam uma unidade no herói trágico, pois ele é aquele que enfrenta toda e qualquer catástrofe como uma grande aventura. Zizek ainda reitera que “a verdadeira catástrofe é uma vida sob a sombra da ameaça permanente de uma catástrofe” (ZIZEK, 2003, p. 12). Nesta perspectiva, o herói se torna relevante, pois ele transcende e triunfa em meio ao trágico, eternizando-se para além da morte, ainda que seja um mero mortal, e não um *Highlander*⁹.

⁸ Referência ao campo de batalha presente no livro *Bhagavad-Gita ou Canção Sublime*, sexto e mais famoso livro do Mahabharata, livro sagrado da Índia.

⁹ Referência ao filme realizado pelo Diretor Russel Mulcahy, de 1986 e conta a estória de um guerreiro escocês imortal do século XVI.

Herói, de um modo geral, é aquele que vai além do comum da força humana. Aquiles é herói porque tem força descomunal, enfrenta com singular destemor seus inimigos, e é tutelado por uma deusa em seus feitos (Atena). Augusto Matraga também é herói, tanto por ter tido, a partir dos sofrimentos por que passou, a força de mudar (ele era mau e se torna um homem humilde e devotado ao sagrado, após a tentativa de assassinato que sofreu) quanto por ter dado a própria vida no final da história, para proteger inocentes.

1.2. O DESVELAR DO HERÓI TRÁGICO

Mas, por que Aquiles e Matraga seriam heróis trágicos? Primeiro é relevante destacar a diferença entre trágico e tragédia. A tragédia é um manifestar artístico e poético, um fenômeno que traduz o trágico em expressões da vida. O trágico¹⁰ é uma abertura, é o ser se dando. O herói trágico seria, então, o personagem que assume plenamente a tensão da vida e da morte. E, ao invés de fugir dela, a toma. O herói não recua diante do nada, do não-ser, pelo contrário, ele o assume. Ele se aproxima dos deuses, e sacrifica a própria vida nessa escolha.

O herói, entrega-se à *hybris*, que é o enfrentamento, ou a violação dos limites do humano. Isso não o torna mau. Pelo contrário. Pela *hybris*, ele vai além do humano, constituindo-se, então, em herói.

O heroísmo trágico seria, então, aquela qualidade que possui o homem (os personagens também) que vai além dos limites do humano, aproximando-se dos deuses. Nesse movimento, ele tanto se aproxima do divino quanto é por ele abandonado, porque tem de experimentar radicalmente a sua condição humana mortal. Mas, ao assim proceder, ele se torna uma figura exemplar, que, paradoxalmente, vence a própria morte.

Aquiles e Augusto Matraga são heróis trágicos, isto é, eles têm algo em comum. No entanto, são diferentes, não são iguais. E isto não somente por terem trajetórias diversas, mas também porque se inserem em mundos distintos, o grego e o cristão.

Aquiles é uma das mais proeminentes figuras do exército grego que procura destruir Tróia. Na *Ilíada*, o tema fundamental é a fúria de Aquiles, causada por dele ter sido tomado, por um dos chefes guerreiros, um botim de guerra, uma escrava. A partir

¹⁰ A questão do trágico será melhor tratada no capítulo 2.

desse momento, ele se recusa a lutar, e a guerra começa a pender a favor dos troianos. Mas, quando seu amigo Pátroclo é morto em combate, ele volta à guerra, e termina por matar Heitor, irmão de Páris. Foi Páris quem, ao raptar Helena, tinha dado o motivo para o início do confronto entre gregos e troianos.

Aquiles volta aos combates e, após matar Heitor, desconta sua raiva durante uma semana sobre o corpo de Heitor, por este ter matado seu dileto amigo Pátroclo. No final, aplacada sua ira, devolve o corpo ao pai de Heitor, Príamo. Vê-se que Aquiles vai da ira à vingança, depois esta é aplacada.

Augusto Matraga faz um caminho próprio e diverso. No início, é um homem perverso, que insulta e ultraja as pessoas. Mas, depois de sofrer uma tentativa de assassinato, muda. Torna-se um homem humilde e religioso¹¹. No transcurso da história, encontra um guerreiro, Joãozinho Bem-Bem por quem passa a ter consideração. No desfecho, para impedir que inocentes sejam mortos, luta com Joãozinho Bem-Bem, e os dois morrem um pela mão do outro. Mas Augusto Matraga não odeia Joãozinho Bem-Bem, eles se encomendam juntos ao Senhor, quando estão morrendo juntos e abraçados e fazem uma declaração recíproca de amizade, amor e admiração.

Vê-se, então, que se Aquiles vai da ira à vingança, depois esta sendo aplacada, Augusto Matraga vai da maldade à bondade e à humildade.

Importante notar que Aquiles não luta contra os troianos porque eles sejam maus. Trata-se de uma medição de força, ocasionada por um ultraje, o rapto de uma princesa grega, Helena. Augusto Matraga, por sua vez, mata um homem mau, um jagunço impiedoso, que tirava a vida de inocentes. Mas, nem por isso Augusto Matraga o odeia. Ele apenas protege inocentes, dando a sua própria vida por isso. É, portanto, um herói.

Olhemos para Augusto Matraga como um personagem que tem encenada, em sua trajetória, uma mudança, uma tomada de consciência, que vai da maldade à bondade e humildade. Contudo, ele não evoca a figura do cordeiro manso e resignado que se entrega ao sacrifício, mas é possível enxergar em Matraga a imagem do Leão guerreiro pintado por C.S Lewis e pelo Apocalipse (imagens alusivas a um aspecto guerreiro do Cristo), sua bondade foi guerreira quando foi necessário, até mesmo matando o criminoso. Mas sem ter ódio dele por isso. Até porque ele também foi um criminoso no

¹¹ Usamos essa expressão para denotar a relação estreita de Matraga com o sagrado, como a etimologia da palavra evoca *religare* –religar.

passado. É como se ele, ao matar Joãozinho Bem-Bem, tivesse terminado de matar o mal que houve ou ainda havia dentro dele.

Percebe-se, desse modo, que a questão do bem e do mal se fazem presentes nas duas obras, só que com sentido diverso, pois os personagens pertencem a duas culturas diferentes, a grega (pagã) e a cristã.

Segundo Nietzsche (2006), houve uma mudança nos valores a respeito do bem e do mal na passagem da cultura grega para a cristã. Para o grego, o inimigo não precisava ser mau. Pelo contrário. O inimigo tinha de ter valor, estar à altura do oponente para ser enfrentado. Trata-se de uma moral aristocrática, em que o inimigo é enfrentado por seu valor, não por ser desprezível. O grego concebia o bem como moral guerreira. Nietzsche (2006), no entanto, dirá que o cristianismo nega os conflitos, a morte e a finitude e aponta o sentido da vida para o além-mundo. Tratar-se-ia de uma moral da resignação, da renúncia à vida, ao enfrentamento. Instaura-se, com o cristianismo, uma moral ascética.

Tendo em vista as convergências e divergências entre os dois heróis, Aquiles é guerreiro por natureza, sua concepção já foi destinada a isso pelos deuses, ele luta por prazer, honra e vocação; Augusto Matraga se torna guerreiro com o objetivo de salvar inocentes, se sacrifica por eles, morre e ao mesmo tempo salva, sendo redentor tal qual como o seu Cristo. O significado da saga de Augusto Matraga é uma luta consigo mesmo, contra o mal que havia dentro dele. O assassinato do Joãozinho Bem-Bem, ao final, é, como dissemos, a morte do mal que havia dentro dele próprio. Uma radicalidade no sentido de fazer o bem, protegendo inocentes com o sacrifício da própria vida. Matar, para ele, não foi um gesto de maldade. Pelo contrário, ele, ao matar um criminoso, pratica o bem. O que são o bem e o mal? São questões. Seus conceitos mudam segundo as diferentes épocas. Mas constituem questões, por isso mesmo não podem ser reduzidos a conceitos.

Aquiles e Augusto Matraga são heróis trágicos, mas o que significa ser este tipo de herói? Herói é aquele que é concebido e destinado pela e para a questão do amor, Como afirma Silva, “o nome ‘héros’, herói, está ligado a ‘éros’, amor, pois seria filho do amor” (SILVA, 2018, p. 1). Dentre os mais diversos tipos de heróis, destaca-se o herói trágico, mas, que distinto ser seria este que se ergue diante de uma fileira cerrada de guerreiros e faz a diferença? E porque é relevante estudar a figura deste aguerrido e heróico humano? Continuemos caminhando sobre esta senda de questões para mergulharmos cada vez mais fundo na essência do ser herói trágico.

O herói trágico carrega consigo em seus ombros o poder e a responsabilidade não apenas por si mesmo, mas por toda uma coletividade, no entanto, não nos enganemos, ele não luta por uma classe social ou por uma questão ideológica, o militante de uma causa dificilmente verá refletido na armadura dourada do herói trágico seu drama pessoal, mas este paladino traz em sua espada a verdade e a justiça universais.

O herói trágico é o cavaleiro que traz em seu brasão o desvelar da própria vida e morte enquanto dimensões trágicas, e o que é a vida e a morte? Nascemos por destino, não escolhemos nascer, mas vivemos com o peso e a responsabilidade da liberdade. Embora em nossa história aquilo que nos é proposto pela vida vai sendo desvelado e velado constantemente, a forma como interpretamos o nosso destino está inteiramente ligada à nossa responsabilidade pessoal, embora a vida e o destino não estejam sob nosso controle.

Sabemos, de certo modo, o que são a Vida e a Morte, porque vivemos e morremos, mas não podemos defini-las. Não é o homem quem tem a Vida e a Morte. São a Vida e a Morte que o têm, enquanto ele vive e morre (morremos não somente ao final do percurso, mas durante a própria vida, e até como sua condição de possibilidade, vez que quem existe está sempre em mudança: a morte, portanto, é dádiva). (FERRAZ, 2010, p. 4).

O herói trágico está no entre do destino e da liberdade e suas decisões irão definir o rumo da história de suas épocas. Todo heroísmo trágico carrega consigo a marca da questão originária: “qual o sentido da vida?”. Entretanto, a vida e a morte de toda sua civilização dependerão da escolha do herói trágico, ao decidir enfrentar os troianos Aquiles decide o rumo da guerra de Tróia; ao decidir se sacrificar, Matraga salva inúmeras vidas inocentes, é a escolha que irá marcar a pegada trágica desses heróis, como afirma Corrêa (2006), “o próprio exercício de viver está constantemente oferecendo caminhos conflitantes ou ambivalentes com chances únicas de escolha. São elas que levam à tragédia, ao heróico e à morte” (p.44). A escolha irá marcar a trajetória do herói trágico, pois sua jornada está sempre colocando diante de si encruzilhadas, bifurcações, como nos instiga o poema de Frost (1916):

Num bosque amarelo dois caminhos se separavam, e lamentando não poder seguir os dois e sendo apenas um viajante, fiquei muito tempo parado e olhei para um deles tão distante quanto pude até onde se perdia na mata então segui o outro, como sendo mais merecedor, e sendo talvez melhor [...]. Oh, guardei o primeiro para outro dia! Embora sabendo como um caminho leva pra longe, duvidasse que algum dia voltasse novamente. Suspirando, estarei contando a ti, daqui a mil anos, o que aconteceu: Dois caminhos bifurcavam, e eu – o menos pisado tomei como meu e a diferença está toda aí. (FROST, 1916).

Esta é a trilha que o herói trágico irá desbravar, o desconhecido, “o menos pisado”, o mistério. Nesta senda maravilhosa, o sofrimento será o ayo do herói, é por instrumentalidade da dor e da angustia que o fantástico irá acontecer poeticamente na vida do herói trágico, ele é aquele que abandona uma vida comum, pacífica e longa, para se lançar a um abismo com perigos, dramas, e desventuras, tendo uma temporalidade curta de existência terrena, mas conquistando a glória e se eternizando na memória da humanidade.

O herói trágico tem em si as trevas e a luz, como afirma Nietzsche (1956), “é preciso ter um caos dentro de si para dar à luz uma estrela cintilante” (1956, p.13). É no trágico que esse herói questiona, encontra e desencontra o sentido de si mesmo. O caminho e o destino do humano desvelados na figura do herói trágico nos faz pensar sobre o tempo e sua dinâmica, passado-presente-futuro e como o domínio dessas grandezas não estão sobre o controle do homem, a espiral temporal é como um quebra-cabeça, com diferentes peças que precisam se encaixar e que não faz sentido até ser concluído, o futuro nunca é o que parece. Embora estradas e bifurcações sempre se abram diante do e no nada durante as veredas da vida, o mistério do que haverá por trás de cada porta permanece até o tempo da revelação, e o herói trágico abraça o seu destino, seja qual tenha sido sua escolha e as consequências dela. Mesmo que o caminho escolhido seja de trevas, este herói consegue com a chama da coragem e buscando abrigo no sagrado prosseguir e triunfar!

Outra marca identitária do herói trágico é a sua busca pela verdade, mas que verdade? Não um dogma religioso, inquestionável, mas aquilo que se vela e desvela diante do descortinar da vida. A verdade não é uma coincidência, mas está na caminhada do herói rumo ao seu destino. A trama do herói trágico não é aquele drama pessoal que representa apenas o indivíduo, sua subjetividade e experiência de vida; ele também não está a representar uma questão social apenas, ou uma luta de classes, estas coisas não são uma prisão para este cavaleiro, mas ele as transcende por meio do vigor que há nas questões originárias do ser, a sua batalha é uma pintura que faz eclodir um mundo diante dos olhos daquele que está aberto às questões universais do humano, neste caso, Aquiles e Augusto Matraga não são apenas exemplos de literatura grega clássica ou brasileira (embora também o sejam), mas são o próprio jogo do revelar e esconder da alma humana, com todos os seus conflitos e possibilidades, assim, eles não são uma obra pronta e acabada, mas uma obra de arte viva porque pintam a própria humanidade do humano, sendo e acontecendo enquanto dimensões trágicas e poéticas.

Este guerreiro da justiça e da verdade está no entre e no-nada. Ele está na travessia e no meio da ponte existencial para o ser. As sombras e a luz acompanham sua jornada, ele

não é anjo e nem demônio, ele é humano, embora as potestades e os deuses assistam com expectativa sua caminhada. Como esclarece Matias (2012):

Esse personagem não pode ser injusto, para que a sua queda não provoque benevolência, e sua queda não pode ser completamente imerecida, para que não provoque repulsa [...] o herói trágico tem de ser de uma virtude reduzida: nem virtuoso demais, nem perverso, mas entre os dois [...]. A sua queda tem de ser imerecida, mas na medida exata para provocar terror e compaixão — queda desde certa altura. (MATIAS, 2012, p. 85).

O herói trágico se conduz à ruína sem, no entanto, merecê-la (MATIAS, 2012, p. 86), mas é o seu destino, e a esta dita ele escuta e obedece. Ele segue o brilho desta estrela, mesmo sabendo que sua senda será de sofrimento e angústia, contudo, este é um pequeno preço para pagar em busca da verdade e das demais questões. Que é o herói trágico? Podemos pensar sobre esta questão e personagem como algo ou alguém que nos apresenta uma luta social, e poderíamos escrever aqui um arrazoado ou tratado sociológico de como a nobreza explorava os plebeus na antiguidade e como o capitalismo explora o proletariado hoje, no entanto, não é sobre isso que nos provoca o herói trágico, o que Édipo persegue? a verdade, e esta se encontra por trás de toda dor, sofrimento e angústia que ele talvez como plebeu jamais passaria, contudo pela verdade o herói trágico vai até o fim, atravessando “o vale da sombra e da morte” (Salmos 23). Não é sobre si mesmo a história do herói trágico, não é apenas sobre Aquiles ou Augusto Matraga, mas é sobre as desgraças, misérias e glórias humanas e dos deuses! São as questões da vida, morte, amor e do humano que eclodem nas ações trágicas e ontológicas desse guerreiro alquímico.

Uma característica do herói trágico é que ele confabula com o sagrado, seu diálogo é perfeito, ele se coloca em posição de escuta para cumprir o seu destino e a vontade dos deuses, no entanto entre o destino do herói e os desígnios sagrados não há diferença, é como uma melodia tocada pela mais afinada cítara, é uma dança entre homens e deuses que acontece na jornada deste paladino, embora existam notas distintas, a música é uma só. Para Rocha, essa harmonia não é tão perfeita, segundo o autor, é a vontade dos deuses que prevalece: “O herói [...] – pense-se em Aquiles, Paris ou Ulisses – vence obstáculos, conquista cidades, derrota monstros e todos os inimigos. No final, sua desgraça será mais obra dos deuses do que dos homens” (ROCHA, 2010, p. 139). Contudo, o que é o sagrado? Cabe-nos questionarmos esse traço ontológico que está no humano. Vivemos em uma sociedade de técnica e de matéria, mas o herói trágico nos remete a nossas origens, aos nossos primeiros registros humanos e sua rica cosmovisão e interpretação do mundo, mais

uma vez o sentido da palavra herói está relacionada a sacralidade, em sua própria etimologia está cravada esta originariedade. A proposta de Manuel de Castro (2014) nos assombra com sua acertabilidade:

Os gregos denominaram sua escrita de *hierosgraphein*, isto é, escrever através de hieróglifos. Literalmente: *hieros*, sagrado, e *graphein*, escrever. Portanto, não se tratava de representar o que se via ou ouvia, mas de grafar o sagrado que se dá à visão. Aí entra em cena o que era a realidade enquanto mundo para uma tal cultura: era a própria manifestação do sagrado, onde tudo é sagrado. (CASTRO, 2014, p. 34).

Vemos aí mais uma vez o herói trágico em intimidade com os deuses, pois ele também é o *hieros*, e está junto ao *graphein*, escrevendo seu destino em diálogo com o sagrado, a realidade não é fragmentada, no maior dos ateus há o sagrado se movendo-acontecendo, quer ele queira ou não, pois onde houver a questão do amor, ali estará a manifestação do sagrado, pois, “Deus é amor” (I João 4:8), embora também o seja justiça, condenação e juízo, mas, é sempre perigoso limitar o significado e sentido do sagrado, pois como nos provoca Alberto Caeiro (2012, p. 11): “Que mais sei eu de Deus que Deus de si próprio?”, as questões nunca se esgotam. O sagrado sempre na história da humanidade foi amado, temido ou odiado, no entanto, nunca se viu um cético ou crente indiferente a essa questão, pois as questões nos procuram, nos buscam:

A etimologia do termo, aliás, indica que as questões não só nos excedem, mas “dis-ponibilizam”. A palavra “questão” possui a mesma procedência do verbo “querer”. “Questão” vem de *quaestionis*, que significa “busca”, “procura”. “Querer”, por sua vez, vem do verbo *quaerere*, que igualmente significa “buscar”, “procurar”. (FERRAZ, 2010, p. 4).

O amor nos procura, o sagrado nos procura, e o herói trágico é aquele que cumpre sua sina de encontrar-se com as questões. Alguns autores interpretam o herói trágico como símbolo, para Hauser, “o herói trágico simbolizava o fim que o destino reservava aos antigos soberanos” (HAUSER, 1982, p. 745), mas seria esta interpretação adequada a figura deste herói? Pensemos no que seja um símbolo, ele é uma representação que separa a coisa, o suporte e as demais armações que constroem o todo, a unidade. Mas o herói trágico é aquele que caminha pelo bosque da unidade e não da fragmentação, ele percebe o holístico e adentra no labirinto da ficção e do real e enxerga tudo como realidade. Stuart Hall nos mostra a fraqueza e a limitação do símbolo quando afirma que “O simbólico não

tem o vigor em si mesmo. Há, por exemplo, silêncio simbólico. Porém, não é o simbólico que fala, mas o vigor do silêncio.” (HALL, 2001, p. 71). O herói trágico escuta o silêncio e caminha no-nada, vai além do símbolo, o transpassa transcendentemente. O símbolo tem um espaço simbólico delimitado, o herói trágico ultrapassa tempos e espaços, influencia culturas e civilizações e se eterniza no seio da humanidade. Neves (1987) defende que o símbolo está na esfera do senso comum, esta questão está fundamentalmente ligada à discussão do significado e do sentido convencional ou natural das palavras, mas o herói trágico está no plano do incomum, do originário do re-descobrimento do sentido ontológico do ser da palavra, do *logos*. Ele caminha enquanto escreve o seu destino.

O herói trágico não é uma marionete de classes políticas oligárquicas, mas também ele não é um Robin Hood ou representante dos fracos e oprimidos, ele tem a sua causa e ela é maior que questões sociais, sua ação é de uma responsabilidade cósmica e universal como afirma Emil Staiger, narrando sobre a descida de Ulisses ao Hades, comenta o seguinte: “A linha que o herói então ultrapassa é a mais delimitada fronteira do mundo, mais ainda que as colunas de Hércules ultrapassadas pelo navio do Ulisses de Dante” (STAIGER, 1977, p.44), os limites são quebrados pelo herói trágico, e o impossível, o extraordinário e o fantástico são transfigurados e materializados no mundo dos homens pela ação poética do guerreiro valoroso.

O herói trágico é aquele que reúne em si as características do humano, o holístico acontece sem preocupações com julgamentos ou contradições, pois a humanidade é retratada como um filme com várias tomadas, cenas, momentos, mas que no final demonstram o todo, assim o poeta épico cantava sobre o herói trágico:

Em um tal mundo, o poeta encara o homem de modo diferente do nosso modo de encarar. Nós, mais modernos, aproximamo-nos de qualquer figura com um preconceito. O preconceito consiste em homenagear cada personalidade a partir de ideias e valores fixos. Medimos ideias e valores por um padrão, e apenas o que se coloca no domínio do padrão entra em consideração — assim como num julgamento de um culpado só interessa o que tem relação com seu crime. Ninguém pergunta se o ladrão tem talento musical ou se a paisagem ama. O poeta épico desconhece preconceitos. Por isso o homem aparece frente a ele em sua mais rica multiplicidade. Aquiles aparece arrebatado pela ira, mais tarde tocando o alaúde; como o amigo de Pátroclo, ou rival desumano de Heitor, ou ainda clemente e terno no último canto: um surge após o outro, de acordo com a oportunidade, sem preocupação com a necessidade de um balanço que dê uma idéia global de seu caráter. Posteriormente, é possível reunir as muitas qualidades de Aquiles numa imagem global. Pode-se conseguir essa imagem global, do mesmo modo que se consegue unidade na própria vida, de tão diferentes aspectos. (STAIGER, 1977, p. 54).

Embora grande parte da literatura sobre o herói trágico o localize e o delimite à Grécia antiga, como fenômeno e acontecimento poético, é possível ver suas pegadas em diversas obras literárias como as de Shakespeare, Guimarães Rosa e outros. Aquiles e Augusto Matraga são heróis trágicos porque encaram o abismo da vida e da morte e não recuam diante de seus destinos. E o que é destino? Durante sua caminhada o homem procura construir sua sina, sorte, e nesta vereda repleta de bifurcações há a necessidade de se tomar decisões, que irão definir o futuro de sua senda, enquanto percorre a esteira poética da existência por meio da liberdade que lhe é dada como dádiva, o herói escolhe e é escolhido e dialoga com aquilo que lhe foi dado como destino: ser humano. Ele não é uma árvore, ou um jarro, mas tendo como sina a humanidade cabe ao homem abraçar sua dita e em diálogo com o sagrado usar sua liberdade com responsabilidade. O herói trágico escolhe a glória dos imortais mesmo sendo apenas um mortal. Sua curta vida temporal se torna eterna quando ele abraça a finitude de uma morte grandiosa, sobre alguns foi dito até que enganaram a morte e ressuscitaram ao terceiro dia! Contudo, não são somente as escolhas e os caprichos mortais que desenham o destino final do herói trágico e de qualquer humano, tomemos como exemplo Prometeu: “O sofrimento de Prometeu é lido como sofrimento humano, prova de enfrentamento de poderes, sob os quais não se tem domínio” (PEDRON, 2016, p. 78).

O herói trágico é grande e miserável ao mesmo tempo, refletindo assim o humano e suas possibilidades ou momentos. Kairós e Cronos acontecem na trajetória deste ser. Ele supera dicotomias e contradições, pois as encara como parte de si e não como maniqueísmos quebrando todas as expectativas. Os povos e culturas se inspiram no herói trágico, pois ele encanta pela divindade e atrai pela humanidade. Monumentos e histórias são criados para contar os grandes feitos dos heróis e suas façanhas, isso dá unidade e identidade a um povo, como defende Michel (2008):

O destino de um povo confunde-se com sua história feita de conquistas, invasões, sobressaltos, mas também de crenças, de uma interpretação cultural [...]. As proezas de seus heróis orientam seu destino legendário. Os povos se constroem um destino a posteriori, por meio de histórias lembradas e de um imaginário tocado pela emoção, a fim de forjar uma identidade e consolidar sua unidade. Em nome disso, eles defendem sua liberdade: sua independência, seu direito de dispor de si mesmos, de preservar seus ideais. Soberania, unidade e idealidade [...]. (MICHEL, 2008, p. 33).

A grandeza do herói trágico não está somente na sua influência cultural, civilizacional ou natureza divina. Mas em que se passa sua humanidade ele está na

abertura para as questões. A questão do sagrado constantemente se vela e desvela nas vidas de Aquiles e de Augusto Matraga, mas o herói trágico não “é uma vítima arbitrária da ira dos deuses” (PUPPI, 1981, p. 45), como afirmam alguns autores, contudo ele se coloca diante da esfinge e não teme seus enigmas, mesmo que isso lhe custe a vida.

Aquiles e Augusto Matraga estão no entre das questões do ser herói trágico. Os dois guerreiros enfrentam o destino não temendo o próprio fim. A jornada é cheia de conspirações e aspirações. O encontro com o sagrado e a confabulação com o divino são manifestadamente vivenciados pelas personagens. O amor em suas mais diversas formas é revelado na vida dos paladinos: na amizade, lealdade, acolhimento, e na cura o amor se transfigura e eclode.

Para Kierkegaard, “O herói trágico abandona o certo em favor do ainda mais certo, e os olhos do observador repousam despreocupadamente sobre ele” (KIEKGAARD apud SZONDI, 2004, p. 60). Ele abraça seu destino, não sem lutar por ele, esta personagem não é uma marionete nas mãos dos deuses, mas dá trabalho a estes e estes lhe dão mais do que somente 12 trabalhos. A liberdade e os caprichos humanos são pintados na tela da trama trágica juntamente com os favores, castigos e ardis divinos, é dessa bela harmonia de tons e passos que a canção e a valsa do herói trágico é composta e a tela de seu destino é emoldurada. O herói trágico sacrifica a própria vida pela liberdade, sua essência é o ser livre:

Eles se imolam para se tornarem, para conquistarem o que, por paradoxal que pareça, ontologicamente já são: livres[...]. Não vale a pena morrer pela liberdade? Quando não se aceita a escravidão, não será preferível a morte a uma vida agrilhoadada? Uma vida escrava é um atentado não somente contra si própria, mas contra o que, de divino, de sagrado, nela há. Ao homem sempre é dada a possibilidade, quaisquer que sejam as circunstâncias em que vive, de poder saltar para dentro de onde já está: o livre aberto da liberdade. Neste sentido, a liberdade é a conquista do que já se é. (FERRAZ, 2014, p. 107).

Ele tem asas para voar e decidir seu próprio curso, mas a saber a natureza tem seus tempos e estações, que o herói trágico por sua experiência aprende a lidar. O aprender poético também é uma característica deste guerreiro e o educar igualmente. Embora aprenda com as experiências, elas não o tornam um prisioneiro, ele supera as expectativas e plasma a realidade, não importando quão gigantesco seja o obstáculo.

Existem distintas espécies heróicas, a história registrou vários tipos de heróis, de acordo com o tempo e transformações sociais, como propõe Carlyle (apud Feijó, 1984, p. 33): “a história se resume na biografia dos heróis [...]”. Assim é que temos na história

heróis guerreiros, arruaceiros, populares, desinibidos, culturais, infantis, trapaceiros, triviais, reis, revolucionários, bíblicos, bandidos, nacionais, decadentes e proletários. “O herói na história é mais uma fascinante aventura da invenção humana; só que com um agravante: passa por elaboração racional, ganha foros de verdade, separa-se do mito, da poesia, da imaginação e serve de ideologia dominante” (FEIJÓ, 1984, p. 49). Essas categorias de heróis surgiram dentro de um tempo social e a partir de então abriu-se uma série de possibilidades teóricas para se pensar o desempenho do herói na história. “Hegel foi o último grande pensador favorável ao processo histórico a refletir o papel do herói na história. A partir dele, o pensamento progressista, que tem no marxismo o seu maior momento, ou considerou esta uma questão menor ou a deixou entregue aos conservadores”. (FEIJÓ, 1984, p. 36).

De acordo com Feijó: “no momento em que o herói abandonou o mito, dois foram os caminhos: a separação (fuga) ou a iniciação (aceitar o desafio). O herói literário aceitou o desafio” (FEIJÓ, 1984, p. 52). À vista disso, a literatura também registrou uma série de heróis que por meio dela se transfiguraram numa extraordinária categoria estética e numa importante chave para a reflexão do humano. “Originado do mito, ele passa por um processo de transformação, pela interferência do poeta, que a partir dele busca a compreensão da essência humana, tendo e transmitindo o prazer dessa descoberta” (Ibidem). Temos na literatura os heróis épicos, mitológicos, trágicos, modernos, loucos, problemáticos, vingadores, justiceiros, românticos, guerreiros, cavaleiros, críticos e os anti-heróis. E é assim que Aquiles, Enéias, Prometeu, Édipo, Dante, Dom Quixote, Werther, Augusto Matraga, Ivanhoe, Robin Hood, Stephen Dedalus, Major Policarpo Quaresma, Pedro Malazartes, Macunaíma entre outros se tornam, para além das subseqüentes categorias, heróis “literários” revelando o grande poder presente na literatura. “Pensando de modo mais originário, querer significa essencializar, dar Essência. Esse querer é que constitui a própria Essência do poder” (HEIDEGGER, 1967, p. 29). A respeito do poder da literatura pensa Castello:

Se a literatura tem algum poder- já que, antes de tudo ela promove o contato com nossas limitações-, seu poder é descobrir conexões ali onde parece haver apenas o inacessível e a interdição. É de abrir lugar para que o ausente enfim tome corpo. A ficção traça pontes que ligam mundos incomunicáveis. Ela nos ajuda, assim, não apenas a suportar, mas a desejar o impossível. Trabalha com a ignorância transformando-a em energia. (CASTELLO: Literatura, 5).

Todas as profusas categorias de heróis surgiram dentro de um tempo social, porém, vige em todas elas um fio condutor que as une e as singulariza para além do conceito de tempo cronológico e tradicional, que se aplica a todos os lugares no tempo e no espaço. “Vigente é o que dura - o que vige a partir e no âmbito do desencobrimento... Por isso, pertence ao vigorar, à presença, não somente desencobrimento, mas também presente. Este presente imperante no vigorar é um caráter do tempo.” (HEIDEGGER, 2002, p. 123). Podemos pensar em uma identidade para os heróis? A identidade e a unidade são questões importantes para colocar-se na clareira da espessa floresta, quase sempre sombria, onde triunfam os heróis. Como esclarece Jardim:

É primeiramente imprescindível que seja marcada uma diferença inicial entre identidade e unidade. Identidade, por um lado, se relaciona com a unidade, mas, por outro, substantivamente, difere desta. Esta diferença está presente desde o idioma grego. O uno se diz em grego *hén*, e o idêntico se diz *tò autós*. É para se notar que o um é apenas ele mesmo e tem sua vigência, portanto, como um substantivo. O uno é substantivo e é concreto, isto é, é capaz de desencadear sua própria realidade, e portanto é capaz de desencadear realidade. O idêntico, *tò autós*, por sua vez, é, em grego, um pronome ou um adjetivo que vem substantivado, em geral por um artigo. A identidade, por sua vez, só pode ser compreendida em decorrência de um processo de comparação de, no mínimo, uma unidade com outra. Ela tem por característica localizar-se no plano abstrato das comparações, e desse modo, impõe a presença necessária de uma instância ajuizadora, essa instância ajuizadora é por sua vez uma ideia ou, num sentido que pode ser mais amplo, a constituição de um gênero. A identidade, portanto só é capaz de se estabelecer a partir de uma mediação, quer dizer, a identidade não prescinde de um termo de comparação de um termo médio. (JARDIM, 2005, p. 38-39).

Desse modo, a partir da questão da identidade (*identitas*- de *idem*- o mesmo) podemos vislumbrar a fresta modesta e de pouca largura que abrimos entre o encoberto que se encobre nos heróis. “Na medida em que o ser vige a partir da *alétheia*, pertence a ele o emergir auto-desvelante. Nós denominamos isso a ação de auto-iluminar-se e a iluminação, a clareira” (HEIDEGGER, 2008, p. 155). Assim, quando nos posicionamos para pensar sobre o mesmo dos heróis, somos conduzidos para o livre do silêncio e para a escuta do que propriamente nós somos e que brilha (desvela-se) como um raio de luz estourando nas nuvens e oculta-se (vela-se) como os vestígios desse raio que se apagam rápida e misteriosamente no céu. “[...] no posicionar-se, o ser se dá com a presença. Dá-se, retraindo-se. Acolhe, velando-se. É o amar vigorando no e a partir do enigma do mistério” (CASTRO, 2011, p. 293). E neste posicionar-se desdobra-se o mesmo como travessia, como dobra. “[...] entre o nada e o tudo inter-está a travessia, onde a obra é a

própria travessia” (CASTRO 2007, p. 144). Heidegger nos ajuda a compreender o enigma desta questão do mesmo:

O mesmo não se confunde com o igual e nem tampouco com a unidade vazia do que é meramente idêntico. Com frequência, o igual se transfere para o indiferenciado a fim de que tudo nele convenha. O mesmo é, ao contrário, o mútuo pertencer do diverso que se dá, pela diferença, desde uma reunião integradora. O mesmo apenas se deixa dizer quando se pensa a diferença. No ajuste dos diferentes vem à luz a essência integradora do mesmo. O mesmo deixa para trás toda sofreguidão por igualar o diverso ao igual. O mesmo reúne integrando o diferente numa unicidade originária. O igual, ao contrário, dispersa na unidade pálida do um, somente uni-forme. (HEIDEGGER, 2001, p. 170).

Neste caminho, Campbell (1949) propõe que o fio condutor comum na jornada de todos os heróis, sejam míticos ou históricos, é o “monomito” - a trajetória comum dos heróis. Os heróis, para o estudioso, percorrem etapas em suas veredas que desenham uma unidade entre eles, são elas: separação-iniciação-retorno. “Cada um desses passos corresponde a um momento ou situação no qual o personagem principal é colocado e deve superar a situação. Algumas histórias são mais ortodoxas ou identificáveis em cada um desses pontos, outras nem tanto” (Zanolini & Moreno, 2016, p. 92).

Mas que fato (*factum*) é representado por essa fórmula heróica? “A história tem que se repensar originariamente em seu núcleo de manifestação: o acontecimento, porque o acontecimento é o fato feito ato” (CASTRO, 1982, p. 45). A experiência do encontro com o seu próprio, com sua identidade, que em geral é a busca da unidade interna, harmonia interna, e unidade externa, maior alcance de fraternidade, poderá nos ajudar a compreender esta questão. “Ser o próprio e não os outros torna-se a questão. Mas o que é o próprio? Apropriar-se do próprio é o mais difícil e doloroso [...]”(ROSA, 1968, p. 16). Os heróis todos descobrem em suas travessias algumas chaves de interpretação que con-duzem para este espelhamento do coração. “[...] coração em termos cósmicos, é o local onde se encontra o intelecto, a mente e a consciência [...]” (GADALLA, 2003, p. 93). E nesta aventura os heróis voltam para o mundo de onde vieram para compartilhar seu caminho com a humanidade.

Prometeu foi aos céus, roubou o fogo dos deuses e voltou à terra. Jasão navegou por entre as rochas em colisão para chegar a um mar de prodígios, evitou o dragão que guardava o Velocino de Ouro e retornou com o Velocino e com o poder de recuperar o trono, que lhe pertencia por direito, de um usurpador. Enéias desceu ao mundo inferior, cruzou o horrendo rio dos mortos, atirou um bocado de comida embebida em uma substância calmante ao cão de guarda de três cabeças, Cérbero, e finalmente conversou com a sombra do seu

falecido pai. Tudo lhe foi revelado: o destino dos espíritos e o de Roma, que ele estava por descobrir: ‘e, com essa sabedoria, ele poderia evitar ou enfrentar todas as provações’. Retornou, passando pelo portão de marfim, ao seu trabalho no mundo. (CAMPBELL, 1949, p. 18).

Como nos instiga Heráclito: “Ascultando não a mim, mas ao *logos*, é sábio concordar: tudo é um” (HERÁCLITO, 1991, p. 71). Assim é que deixaremos de lado, sem abandonar propriamente já que existe um enorme mar de águas salgadas que une as ilhas onde habitam todos os heróis, as muitas categorias existentes na história e na literatura para a-colhermos uma dentre todas. “O mar é uma palavra que diz a complexidade do círculo poético [...] sendo mais que palavra, o mar é silêncio que acolhe a fúrias das torrentes pluviais e a sonoridade do que se ausente em sua superfície” (PESSANHA, 2013, p. 113). Escolher, como reflete Ferraz é “[...] colher e interpretar o que por si só já se manifesta sem que o homem, por sua vontade, tenha deliberado: o que nele já se destina. Escolher, assim, não é uma decisão subjetiva. É acolher o que no homem já se dá para que ele seja [...]” (FERRAZ, 2015, p. 134). Desse modo, continuaremos essa aventura heróica navegando no mar poético dos heróis trágicos, mar este que é vivo e abre-se para o vigorar do silêncio do sol. Em *A República*, Platão utiliza a imagem do sol como uma grande metáfora acerca da iluminação enquanto o sendo do real:

“Pois é o Sol que eu chamo de filho do bem, que o bem engendrou à sua própria semelhança. Aquilo que o bem é, no campo da inteligência em relação ao pensamento e aos seus objetos, o Sol o é no campo do visível, em relação à vista e aos seus objetos [...] Tu sabes, logicamente, que os olhos, quando contemplam objetos cujas cores não são iluminadas pela luz da dia, mas pela claridade dos astros noturnos, perdem a acuidade e parecem quase cegos, como se não fossem providos de visão clara [...] Mas, quando se voltam para objetos que o Sol ilumina, enxergam distintamente e mostram que são providos de visão clara [...] Admite, portanto, que se dá o mesmo a respeito da alma. Quando é fixa a olhar naquilo que a verdade e o ser iluminam, compreende-o, conhece-o e mostra que é dotada de inteligência; mas, quando olha para aquilo que está obscurecido, para o que nasce e morre, a sua vista fica embaçada, passa a ter apenas opiniões, indo sem cessar de uma a outra e parece desprovida de inteligência. (PLATÃO, 2000, p. 290).

Mas porque escolher (*excumlegere*) os heróis trágicos? De acordo com Feijó (1984) quando nasceu o teatro os ritos deixaram de ser espontâneos e passaram a ser encenados, chamando a atenção do público de forma misteriosamente emocional, tal como quando contemplamos o nascer ou o pôr do sol e nos sentimos lúcidos. Porque como escreve Caeiro(2012) *Em dias de Luz, Perfeita e Exacta*: [...] que difícil ser próprio e não ver senão o visível!”. As tragédias, então, passaram a evocar uma profusão de sensações e sentimentos humanos e é neste percurso que o herói passou a alcançar mais

claramente a esfera do humano. Feijó aponta como exemplo dessa passagem o caso de Édipo Rei:

[...] diferente da estrutura do mito narrado, o que a peça (que é uma tragédia) mostra é a descoberta de Édipo de sua verdadeira identidade. O que há de misterioso e mágico na versão mítica transforma-se em profundamente humano na versão teatral da tragédia de Édipo [...] Uma comparação pode ser feita para os dois momentos: no mito o que prevalece é o destino, do qual nenhum homem escapa; na tragédia, o que se destaca é a luta do herói contra o destino. O herói trágico é derrotado diante da força do destino, mas o que o humaniza, o que dá a ele uma paixão terrestre, é exatamente a sua luta contra isso. O herói trágico não se conforma com seu destino. Esta é a sua essência” (FEIJÓ, 1984, p. 61).

O trágico (*tragisch*)¹², assim como o mito, recebeu uma conotação deformada de seu sentido essencial, significando simplesmente o acontecimento triste. Como escreve Dias: “Desde Aristóteles a discussão sobre o trágico na literatura tem passado por diversos processos de análise [...] A noção do trágico transcende a qualquer noção de forma, é um conceito que não se limitou à tragédia enquanto gênero literário [...] a ideia do trágico enquanto condição humana é anterior à tragédia” (DIAS, 2009, p.24). Como reflete Eagleton a questão do trágico ultrapassa o final infeliz! ‘Trágico’ e ‘muito triste’ são, de fato, noções diferentes, mas tal diferença não ocorre porque a primeira é técnica e a última é retirada da linguagem do dia-a-dia” (EAGLETON, 2013, p. 24). Neste vasto horizonte pensa Kierkgaard: “O trágico é a contradição sofredora...a perspectiva trágica vê a contradição e se desespera acerca da saída” (KIERKGAARD, s/d, *apud* EAGLETON, 2013, p. 709,)¹³.

Szondi questiona-se e nos enseja à reflexão: “Em que medida as concepções do trágico em Schelling e Hegel, em Schopenhauer e Nietzsche, tomam o lugar da poesia trágica, que parece ter chegado a seu fim na época em que esses autores escreveram? (SZONDI, 2004, p. 24). De modo geral o trágico é uma questão que evoca os conflitos humanos, incomodando o homem para um inaugural modo de olhar a realidade e as suas realizações. “Há no trágico a explosão do mundo de um homem, de um povo ou de uma classe” (STAIGER, 1969, p. 147). A figura do herói trágico nos impulsiona para questionamentos que nossa própria época deixou de fazer! Esta figura nos abre e nos encaminha para a pro-cura do que somos, nos provocando ao retorno da fundamental

¹² O Trágico será melhor discutido no capítulo 2.

¹³ KIERKGAARD, Soren. *Apud* EAGLETON, Terry. **Doce violência a ideia do trágico**. Tradução de Alzira Vieira Allegro. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

questão pensada pela ontologia antiga: o Ser. “Entendemos que retorno não significa voltar a um contexto anterior, mas viagem à interioridade que o homem faz ao se escutar: pro-cura” (PESSANHA, 2010, p. 139).

Nesse sentido é que a figura poética do herói trágico nos encaminha para o humano nas obras, diante de todos os fenômenos ontológicos que o percorrem. “Ontológico é todo ato de nosso agir no existir que tem como medida o sentido do amar. Amar é ser” (CASTRO, 2011, p. 293). Assim, a angústia, o desespero e a finitude são questões que se colocam à cada ser humano e nos convidam para um despertar do espírito. “Na tragédia clássica- por exemplo, em *Édipo Rei*- não se tem apenas o percurso da superioridade de um herói elevado, mas se tem o desvelamento de sua queda e a descoberta de sua maior grandeza na queda” (KOTHE, 1946, p. 25). O herói trágico coloca-se diante de um espelho às vácuas e tal como em *O espelho* de Rosa “desfigura-se” e encontra-se no “ainda-nem-rosto- quase delineado, apenas” (ROSA, 2001, p. 127) e caminha pela trilha do desencobrimento de si.

Tanto na criação quanto no desvelo, o poético da arte dá ao homem uma experiência do sentido originário de si e do mundo que, renovando a linguagem, limpando as suas formulações oxidadas, o desperta de suas compreensões habituais, esclarecendo o sentido de ser na conjuntura do mundo, de descobrir o que se apresenta na exposição sábia de seu acontecimento. O acontecimento da verdade, que se põe em obra na arte, faz o homem recordar de seu esquecimento e, assim, cuidar da sua existência, dar sentido ao seu destino, decidir” (PESSOA, 2014, p. 76).

Os heróis trágicos encarnam o poético, então podem ser considerados poetas, e podem responder a fundamental questão lançada pelo poeta do sagrado, Holderlin: “Para quê poetas em tempo de penúria?” O heróis são nossos salvadores, não no sentido dogmático e doutrinário, mas no percurso dos bosques sombrios que atravessa a humanidade, onde há a falta de diálogo, da aceitação das diferenças, o crescimento do fundamentalismo e da intolerância e ao mesmo tempo do ceticismo, torna-se um desafio falar novamente sobre a figura sagrada do herói, aquele que conversa com os deuses e enfrenta a jornada da vida e da morte, sem recuar ante o trágico e ao mesmo tempo carregando consigo um pendão de esperança. “O pensador diz o ser, o poeta nomeia o sagrado” (HEIDEGGER, 1979, p.51).

Cada um de nós é convidado para uma aventura criadora, desafiante e inaugural de onde se funda o desabrochar de todo o sendo (*on*)! “A vida é sempre outro além do

que se pensa ser, pois aquilo que se pensa da vida costumeiramente é um artifício próprio do descontentamento com a desmedida do real” (JUNG, 1969, p. 85). Como reflete Smith (2002, p.1) nesta jornada podemos até ser chamados a abandonar tudo aquilo de que dependemos! E é assim que os heróis trágicos se tornam as chaves celestiais que nos ajudam a decifrar os grandes enigmas do humano. “Ser humano não era um mundo de dores pré-definidas, mas a abertura para a grandeza inestimável do silêncio e do mistério. E, nesta abertura, havia o prazer profundo de tocar o infinito e sentir a beleza do humano do homem” (TAVARES, 2012, p. 107).

Nestes caminhos, o herói trágico sendo aquele que percorre as questões, acaba se tornando uma questão, ele é o próprio humano se desvelando e velando como questão ontológica, que nos faz questionar o que somos, quem somos? Nenhum caminho é definitivo, nenhuma decisão é uma prisão, o ser de hoje é e deve ser diferente do ser de amanhã, o futuro está mudando constantemente mas é inevitável. Caminhando nesta estrada o coração do herói trágico é o coração humano que se perde e se encontra, que tem certezas e incertezas, confusão e sossego, altos e baixos. Assim é a trajetória de Aquiles o imponente guerreiro grego, e do herói cristão Matraga.

2. CAMINHOS DO TRÁGICO: ESPERANÇA, ANGÚSTIA E DESESPERO HUMANO - POSSIBILIDADES DE REINVENÇÃO CRIATIVA DA CONDIÇÃO HUMANA DIANTE DA FINITUDE

Nas veredas de Aquiles e de Augusto Matraga vemos a dor, a agonia humana e o acontecer da esperança por trás das nuvens densas do desespero humano. Este capítulo versará cantos poéticos sobre como as questões atravessam os heróis trágicos e o humano. Nos dois subtópicos que apresentaremos nesta travessia, trataremos dos seguintes temas-questões: a) é possível trágico e esperança dialogarem? b) como a angústia e o desespero humano em face da morte podem ser possibilidades para uma reinvenção criativa? O principal objetivo aqui será discutir mais teoricamente a respeito dos caminhos que o trágico percorre, como: a angústia, a dor, o sofrimento e de que forma essas questões nos levam a refletir sobre possibilidades de reinterpretação do humano diante da vida e da morte.

2.1 TRÁGICO E ESPERANÇA, UMA DANÇA POSSÍVEL?

Por serem heróis do e no trágico, Aquiles e Matraga incorporam em si essa questão, mas também carregam consigo nos ombros um manifestar de suas sociedades, o primeiro da Grécia antiga e toda sua herança guerreira e poética, o segundo desafia a sociedade cristã ocidental a resgatar o seu sentido originário. Neste capítulo percorreremos a questão do trágico em uma perspectiva distinta da comumente adotada na academia, e especialmente diferente da escola nietzschiana de pensamento, nossa proposta é pensar este tema para além de uma visão maniqueísta, pois, aparentemente o acontecer trágico é antagônico a uma visão de esperança do mundo. Mas seriam necessariamente estes dois pontos de vistas opostos um ao outro, ou há uma possibilidade de confabulação entre o trágico e a esperança? Esta será a esteira que seguiremos no primeiro tópico deste capítulo.

Na obra *A Ilíada*, tradução de Manuel Odorico Mendes, a palavra esperança aparece dez vezes e a todo o momento em que essa expressão ocorre na narrativa, ela traz consigo o brilho da possibilidade do triunfo em meio ao desespero. Aquiles é aquele que carrega consigo o estandarte brilhante dos aqueus e Heitor é a esperança dos troianos. Neste confronto poético, vemos o cosmos com todas as suas forças e fenômenos acontecendo originariamente.

Tão furioso o conflito renovou-se,
Que disseras intactos e indefessos
Pela primeira vez se acometiam.
Diverso ânimo os leva: os Dânaos lutam
Não cuidando escapar; os de Ílio contam
Extinguir seus heróis e às naus pôr fogo:
Insistia a esperança e o desespero. (HOMERO, 2009, p. 298).

Em “A hora e a vez de Augusto Matraga” a esperança é a bússola que guia o herói cristão em sua jornada. Ela atua no coração de Matraga curando-o de suas feridas do corpo e da alma, acalenta-o nas horas mais sombrias e nebulosas e o erguendo nas tentações. Augusto é aquele que abre a caixa de pandora e enfrenta todos os demônios antes adormecidos nela, mas nesse confronto ele agarra-se à esperança que é a derradeira criatura contida no cofre mágico do mito grego, ela o faz caminhar em direção ao seu destino. Nesta senda, Augusto o grande se torna pequeno, assim como suas esperanças, mas é com sua pequena força que ele paradoxalmente se torna forte.

Nhô Augusto comia, fumava, pensava e dormia. E tinha pequenas esperanças: de amanhã em diante, o lado de cá vai doer menos, se Deus quiser... — E voltou a recordar todas as rezas aprendidas na meninice, com a avó. Todas e muitas mais, mesmo as mais bobas de tanta deformação e mistura: as que o preto engrolava, ao lavar-lhe com creolina a ferida da perna, e as que a preta murmurava, benzendo a cuia d'água, ao lhe dar de beber. (ROSA, 2015, p.312)

Nesta caminhada, nos lançamos em favor da abertura para o pensar do trágico em diálogo com a angústia e o desespero humano diante da finitude. Neste sentido, procuramos escutar as questões que giram em torno do humano, para além dos limites teóricos pré-estabelecidos a fim de permitir uma abertura para compreender as possibilidades de reinvenção criativa e enfrentamento destes estados da condição humana.

Toda nossa tradição espiritual ocidental se baseia no sofrimento, mas devemos novamente nos abrir à esta questão para a possibilidade de ver que esta condição é

humana e não de apenas uma ou outra cultura, como nos provoca Alves: “Ostra feliz não faz pérola” - “A felicidade é um dom que deve ser simplesmente gozado. Ela se basta, mas ela não cria. Não produz pérolas. São os que sofrem que produzem a beleza, para parar de sofrer. Esses são os artistas” (ALVES, 2008, p.9). Quando nos abrimos para o sentido dessa condição humana, nos parecem ser estas desventuras e decepções que nos levam à ultrapassagens. Augusto Matraga entende bem que o sofrimento é uma travessia para alcançar o seu destino.

“Você, em toda sua vida, não tem feito senão pecados muito graves, e Deus mandou estes sofrimentos só para um pecador poder ter a ideia do que o fogo do inferno é!...” Sim, era melhor rezar mais, trabalhar mais e escorar firme, para poder alcançar o reino-do-céu. (ROSA, 2015, p. 316).

Em seu dicionário de poética o professor Castro apresenta a compreensão de Václav¹⁴ a respeito da esperança: “[...] um estado da mente, não um estado do mundo [...] ela é uma dimensão da alma [...] [A esperança] não é a convicção de que as coisas vão dar certo, mas a certeza de que as coisas têm sentido, como quer que venham a terminar”. (VÁCLAV: Esperança, 1).

Como alude o próprio título do artigo escrito por Rocha (2005) *esperança não é esperar, é caminhar*. Caminhar, nas palavras de Galera: “é destinar-se historicamente [...] atravessar um percurso [...] sai de, para [...] um caminhar mais fundamental do que um simples percorrer da trajetória e chegar a um destino definido, predeterminado” (GALERA, 2014, p.95). A partir daí pensamos em uma filosofia da esperança e suas implicações para a questão do trágico. Como reflete Heráclito de Éfeso¹⁵: *Se não se espera, não se encontrará o inesperado, pois ele não é encontrável e é sem acesso*. Poderíamos desse modo pensar que a esperança se dá ao encontro com o homem.

A esperança é uma questão que se apresenta ao homem em sua jornada, mesmo que como afirma Rocha (2005, p 2): [seja] parte essencial da formação cristã que tanto marcou a nossa cultura ocidental. A esperança a que nos referimos é ontológica, mas é interessante notar que desde a antiguidade pouco falou-se em esperança e seu lugar de realce sempre fora a religião e talvez este seja o motor que faz inúmeras pessoas

¹⁴HAVEL, Václav. Citado, sem indicação bibliográfica, por Capra, Fritjot, in: *Conexões Ocultas*. São Paulo: Cultrix, 2013, p.273.

¹⁵ Heráclito de Éfeso. Fragmento no 18: “εαν μη ελπηται, ανελπισον ουκ εξευρησει, ανεξερευνητον εον και απορον” (Se não se espera não se encontra o inesperado, pois ele não é encontrável e é impenetrável). Tradução de Hermann Diels: “Wenn er’s nicht erhofft, das Unerhoffte wird er nicht finden, da es unaufspürbar ist und unzugänglich” (Cf. H. Diels. *Die Fragmente der Vorsokratiker*, 1957, p. 25).

considerarem a esperança um tema cristão/religioso e isolado. Até mesmo os apontamentos gregos, como afirma Rocha (2005, p. 3): os textos gregos que mais falam sobre a esperança são também os textos religiosos, ou seja, aqueles consagrados aos cultos dos mistérios e ao culto dos mortos.

A questão do sagrado parece, desta forma, estar intimamente relacionada à esperança. E embora não desejemos raciocinar a respeito de uma esperança cristã, mas ontológica, em realidade elas dialogam, não estão separadas. Como reflete Galera (2014, p. 95) temos a conciliação entre o universal e a diversidade das realizações, porque, no fundo, não há oposição, mas modos de realização do mesmo, do ser. Dado este parecer, vemos o sagrado na obra *A Ilíada* manifestar-se na figura dos deuses e deusas.

Mãe deusa te gerou, valor te sobra;
Tem ele mais poder, que impera em muitos.
Eu to suplico, Atrida, a fúria amaina,
Sê brando para quem nesta árdua empresa
É baluarte e escudo aos Gregos todos. (HOMERO, 2009, p. 71).

Procurando compreender o fragmento 18 do filósofo de Éfeso, Rocha escreve: “Na sua essência, a esperança é, antes, um horizonte que se descortina, um apelo que nos convida a caminhar e a ir sempre adiante pelos caminhos da vida” (ROCHA, 2005, p. 5). Portanto, vai além de um desejo materialista e individualista, a esperança a que nos referimos:

Esta não deve ser considerada um desejo de uma realidade objetiva que se pode representar no presente e que se pode imaginar como uma recompensa que nos será dada no futuro, nem muito menos algo concreto, cuja posse se consegue no fim da caminhada [...] (a esperança é) como uma disposição interior (ou) uma força psíquica, que sustenta o desejo de caminhar. Neste sentido a esperança só se concebe enquanto sustenta o desejo de ir na direção de um objeto que não se tem e que se o tivéssemos, extinguiria o próprio élan da esperança [...] a esperança é o que, em última análise, anima a impele a nossa alma peregrina, que constantemente nos faz ir adiante, impulsionando o nosso ser a caminhar pela simples alegria de caminhar e desbravar horizontes. (ROCHA, 2005, p.6)

Como seria possível o mundo sem esperança? No clássico longa-metragem, *A História sem Fim*¹⁶, Petersen (1984), inspirado na obra de Michael Ende¹⁷ apresenta-nos

¹⁶ Este longa-metragem foi produzido na Alemanha e foi baseado na obra *Die Unendliche Geschichte*, de Michael Ende.

¹⁷ Escritor alemão especializado em literatura infantil. A fama internacional do escritor foi consolidada com a *história sem fim* (1979), na qual Ende deu vida a um mundo de fantasia complexo, rico em referências e implicações filosóficas e literárias. É a história da criança Bastian, que, lendo um livro

a esperança como a base para a jornada humana, pois o seu fim é o fim do mundo das possibilidades e do rio das criações que nos mantém no percurso para o *inesperado*, como escreve o filósofo de Éfeso. É a partir do personagem Gmork, o lobo, em diálogo com o Guerreiro Atreyu, do mundo chamado *Fantasia*, que compreendemos esta questão:

- Fantasia não tem fronteiras [...] garoto tolo, não sabe nada sobre Fantasia! É o mundo da fantasia humana, cada lugar, cada criatura dela é uma peça dos sonhos e das esperanças do ser humano, por isso ela não tem fronteiras. [...] As pessoas começaram a perder suas esperanças e esquecer seus sonhos, por isso o nada ficou tão forte. [...] E aquele foi o fim de Fantasia. Só alguns fragmentos daquele rico e belo mundo foram deixados pelo nada.[...](o nada é) o total vazio, é a destruição absoluta deste mundo (Fantasia). (PETERSEN 1984, 1h13')

A esperança é o grande motor, também é uma forma de fé e de acreditar. Sem esperança quem levantará da cama? Não nos referimos a uma esperança no sentido grosseiro, esta que Nietzsche condena por se tratar de uma intenção egoísta que espera recompensas como à ida ao céu. A esperança a que nos referimos é poética, trata-se de acreditar, simplesmente, de uma forma transcendente. A humanidade está ruindo, temos esperança de que ela vá se modificar e é por isso que os heróis trágicos agem, promovendo uma educação que conduza à mutabilidade e ao que chamamos moral poética. Nietzsche condenou sua sociedade, a considerando hipócrita, formalista e politicamente correta, mas temos que visitar seu tempo para o compreender, pois criticava a moral cristã e afirmava a morte de Deus baseando-se em sua realidade temporal. No entanto, para além de Nietzsche e sua época provocamos uma abertura para o transcendente, que desconhece o tempo, é continuamente o mesmo.

Para ver sentido nos eventos trágicos, necessário faz-se despir de nossos rosários de lamentações ou de indiferenças, caminhar em direção aos imperativos do tempo e conquistar consciência perante os acontecimentos, tal como Antônio¹⁸, em sua afinadíssima estratégia de viver mais pleno, mover-se corajosamente em direção à morte. Como afirma Eagleton: “Aqueles que levam uma vida sem sentido, com toda a ataraxia da morte, são paródias perturbadoras daqueles que lutam para se apropriar de suas próprias mortes, a fim de viver mais plenamente” (EAGLETON, 2013, p. 156).

fantástico, se torna parte dele até se tornar seu protagonista, e consegue ser o herói e salvador de um mundo destinado ao desastre. Disponível em: < <https://www.biografiasyvidas.com/biografia/e/ende.htm> > Acessado em: 29 Out.2018.

¹⁸ Da obra Antônio e Cleópatra (2005).

A era presente é denominada de época do saber e da tecnologia, pois nunca foi possível ter acesso a tanto conhecimento com tamanha celeridade. Obras clássicas da literatura e da filosofia estão disponíveis para acesso em apenas alguns segundos. Desta forma, é provável que tenhamos uma geração de sabichões que já não tem espaço para o não-sabido e para o não-pensado, isso faz lembrar de um certo *guardador de rebanhos...*

Creio no mundo como num malmequer,
Porque o vejo. Mas não penso nele
Porque pensar é não compreender...
O Mundo não se fez para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos) (CAEIRO, 2012, p. 7).

Nesta vereda, propomos um questionar sobre o trágico, livre de itinerários estabelecidos por críticos canonizados, mesmo que isso pareça ser uma utopia, pois citar autores e teóricos consagrados invariavelmente nos seduz a tomar papéis de identificação que não nos espelham realmente. Deixar o próprio se manifestar pode ser considerado pela academia como falta de domínio bibliográfico. Somos obrigados a reproduzir discursos e assumir rótulos que não são nossos, e sempre nos dirão que somos marxistas ou heideggerianos. Contudo, no entre deste caminho, sugerimos a escuta do fenômeno do trágico, a partir do contato com as obras clássicas e universais aqui tratadas; por acreditarmos que o florescimento humano está no cultivo de um pensar para além do que nos é oferecido dentro da normose acadêmica cotidiana. Portanto, podemos e precisamos nos lançar no livre abismo de possibilidades de nossa existência, para além das forças e teorias pré-estabelecidas, conforme a poesia de Marina Colasanti-
Eu sei, mas não devia:

Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia. A gente se acostuma a morar em apartamentos de fundos e a não ter outra vista que não as janelas ao redor. E, porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora. E, porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. E, porque não abre as cortinas, logo se acostuma a acender mais cedo a luz. E, à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplitude. [...] A gente se acostuma para poupar a vida. Que aos poucos se gasta, e que, gasta de tanto acostumar, se perde de si mesma. (COLASANTI, 1996, p. 09).

“Nus” abrimos a uma posição constante de escuta do destino, através do repouso daquilo que ouvimos como canção da Verdade, soltar e relaxar tudo o que não *é* significa cultivar o silêncio para que se flameje o que *é*. O destino, conforme afirma Dolzane: “são possibilidades de ser que nos foram dadas e que, independentemente de nossa

vontade, convocam-nos à caminhada rumo ao próprio, à plenitude de nos tornarmos o que somos: uma abertura questionante” (DOLZANE, 2014, p. 60).

Ao longo da história identificamos vestígios de uma provável unidade presente na natureza. Os ciclos de morte e renascimento, por exemplo, estão sempre impressos por todos os cantos de gaia e dessa forma nos acendem à interpretar que o homem como parte dessa natureza também se imprime de pegadas cíclicas como a morte e a vida. Olhamos para a constelação pintada por Leão:

A história da humanidade se tem movido em ciclos de vinte e cinco séculos. A cada dois milênios e meio fecha-se um ciclo. Atinge-se um clímax e instala-se um fim, mas fim no triplo sentido de término, de plenitude e de transformação. [...] Hoje em dia, nos primórdios desse terceiro milênio, estamos de novo, apesar de todas as diferenças, nos interstícios da história, de passagem para um outro dia histórico. Novamente, todos os parâmetros se desvaneceram, todos os valores se gastaram [...] (LEÃO, 2016, p. 3).

Ora, cabe à nossa humanidade se colocar numa posição de diálogo com o destino e pensar sobre a necessidade destes ciclos e suas manifestações. Na natureza os ciclos findam e recomeçam em virtude de uma necessária renovação. Atualmente nos deparamos com uma humanidade à beira de um fim e de um provável recomeço, onde os princípios da vida perdem força, os valores humanos são subestimados e o antigo já é inútil, como afirma Leão (2016):

[...] o passado enfraqueceu o seu poder e o futuro, que de certa forma já veio, ainda não se instalou de todo. Estamos no hiato da história. É tempo de desinstalação, é dia de criação, é instante de transformação, pois para se reformar, é preciso transformar para não deformar na crise não apenas de todos os seus fundamentos, mas do próprio fundamento como fundamento. Medram as primeiras experiências de desprendimento da prepotência humana. (Ibidem).

O próprio Nietzsche (2011) anuncia em sua obra *Assim falou Zaratustra*, com mensagens de morte e ressurreição, a transição do humano: o nascimento de um super-homem. Mas vale nos debruçar sobre a questão que em nosso entender norteia todo o processo cíclico da natureza: a renovação - renovatio. Leão nos provoca sobre este movimento cíclico de expansão e transformação: “Assim desde o nascimento da humanidade no ocidente, na aurora dos dedos de Rosa de que fala Homero, a história vem conjugando os verbos ser e pensar” (LEÃO, 2016, p. 4). Neste caminho pensemos sobre o que seria renovar. Do aspecto físico ao mais metafísico implica em ordenação

do caos ou educação. Isto nos faz pensar em uma pedagogia do humano, para Fábio Galera (2014, p.84): educação seria o processo que promove o desenvolvimento de alguém, seja em sua dimensão física, moral ou intelectual. Em seu sentido mais próprio, no latim, educação remete ao criar e alimentar [...]. Neste caminho podemos pensar que tipo de homem está sendo criado e alimentado. Sabemos bem das esferas física e intelectual humanas, mas o que seria a moral?

O que é a moral? Questionar o sentido das palavras nos desafia sempre a buscar o originário, a gênese, a verdade presente no logos. É possível que durante séculos tenhamos repetido uma fórmula gramatical ou sintática, sem nos questionarmos se não existe uma face por trás daquela máscara. A expressão moral durante séculos foi e continua sendo sinônimo de dogma, doutrina e religiosidade. Contudo cabe-nos refletir sobre o possível cerne velado no entre dessa questão, e questionar o não questionado. Caeiro nos propõe “[...] raspar a tinta com que nos pintaram os sentidos, desencaixotar as minhas emoções verdadeiras” (CAEIRO, 1994, p. 9).

Porque pensar a moral é relevante? É porque inúmeros teóricos já dissertaram sobre essa questão, e existem concepções de moral distintas, então poderíamos falar no plural “morais”. Fanáticos matam em nome de uma determinada moral, mas outros defendem a vida e sua valorização em nome de outra moral. Isto não nos faz pensar a moral como algo secundário, mas como fundamental, pois ela é o fundamento de povos, culturas e do humano.

A história da humanidade é dividida ao meio em antes e depois de um homem, esse homem foi assassinado covarde e cruelmente em nome de uma moral e ao mesmo tempo porque ensinava sobre uma moral. Hoje, o cristianismo não é nem sombra daquele que o inspirou, mais ainda nos serve para aprendermos sobre o ser e o não ser.

Percebemos em Nietzsche a “repugnância profunda pelo cristianismo” (NIETZSCHE, 2006, p.9) ao afirmar em sua obra *A Origem da Tragédia proveniente do espírito da música* que a evolução proposta pela religião cristã pauta-se numa libertação passageira e portanto ilusória, e que a felicidade, de acordo com o pensador, somente é possível na destruição desta ilusão otimista que gera esperança como válvula de mudança. Nietzsche em suas hipóteses considera a moral cristã como *sintoma de decadência*, neste sentido para ele não somente o cristianismo é decadência, como Sócrates e Platão o são (NIETZSCHE, 2006, p.12). De fato, não há um ser humano ou religião que contenha a posse exclusiva da Verdade, sob este aspecto que consideraremos que nem mesmo Nietzsche está de posse exclusiva da Verdade.

Concordamos que uma religião não deva alienar ou deformar a condição de liberdade do homem, porém não podemos confundir o cristianismo originário com o cristianismo pós-moderno, decadente, que realmente ilude e aliena. Os primeiros cristãos cultivavam a abertura para o sagrado, o diálogo com a transmutação da vida a partir de uma dança com o destino. Portanto, o cristianismo é alimentado pelo trágico em diálogo com a esperança. Neste caminho, visualizamos uma relação dialética entre moral, trágico e esperança; onde a moral não é dogmática, mas poética; e o trágico e a esperança confabulam entre si e se põem em um jogo de velar-se e desvelar-se como o sol e a lua o fazem para o dia e a noite, iluminando as veredas do homem.

A figura poética que encarna o trágico é o herói trágico, ele é fruto da experiência criativa e da inspiração provocada pela experiência da vida humana, e nos convida para o questionar incessante do sentido do ser, contudo, Kierkegaard propõe que não é possível negligenciar a insuperável opacidade da experiência vivida (KIERKGAARD, 1979, p.11). Em sua obra “Temor e Tremor”, apresenta Abraão, embora o personagem da literatura judaico-cristã não seja um herói trágico, ele é a ilustração exata do diálogo intrínseco entre o que outrora por muitos críticos se tornou dicotômico (como um representante do pensamento judaico- cristão pode ser um símbolo do trágico e da esperança ao mesmo tempo?), e ainda esclarece a ordem atemporal com que se nos dá o destino:

Se, portanto, como herói trágico (pois não posso elevar-me mais) houvesse sido convidado a empreender viagem tão extraordinária como a de Moriija, sei muito bem aquilo que faria. Não me acovardaria a ponto de ficar ao canto da lareira; não me divertiria no caminho, não esqueceria a faca do sacrifício para inventar uma pequena demora; estou quase seguro de que estava a postos no momento dado e que tudo teria estado em ordem; talvez até chegasse mais cedo do que a hora aprazada para tudo acabar quanto antes. Sei o que mais teria feito. No momento de montar a cavalo diria com os meus botões: agora tudo está perdido, Deus exige Isaac, sacrifício-o e com ele toda a alegria; no entanto Deus é amor e continua sendo-o para mim, porque na ordem temporal, Ele e eu não podemos conversar, não temos língua comum. [...] A resolução de efetuar o movimento mostraria, em rigor, o meu valor humano. O amor que, com toda a minha alma, dedico a Isaac constitui o pressuposto sem o qual o meu comportamento resulta criminoso; no entanto não o amaria tanto como Abraão porque resistiria certamente no último minuto, sem por isso chegar demasiado tarde a Moriija. Por outro lado, minha conduta teria desvirtuado a história, porque, com recuperar Isaac, logo ficaria em grandes apuros. Muito me custaria alegrar-me de novo com a sua presença, o que, para Abraão, não oferece a mínima dificuldade. Pois quem do infinito da alma, próprio motu et propriis auspiciis, efetua o infinito movimento, sem o poder remediar, só na dor conserva Isaac (KIERKGAARD, 1979, p. 218-219).

É possível visualizar em Kierkgaard (1979) esta escuta do que a nós se destina. Abraão escutou o seu destino, estando disposto à sacrificar seu próprio filho, e nas palavras de Kierkgaard, Abraão acreditou que havia um propósito além daquilo que era absurdo aos olhos humanos:

Vê-se, e é coisa cruel, que a amargura enlouquece o homem; também se vê, e não o tenho em menos conta, que existe uma força de vontade capaz de erguer-se tão energicamente contra o vento que salve a razão, embora se fique um pouco tonto; mas que se chegue a perder a razão e com ela o finito, de que a razão é o agente de transformação, para recuperar então esse mesmo finito em virtude do absurdo: eis o que me espanta; mas não digo por isso que seja coisa insignificante, quando, pelo contrário, é o único prodígio.[...] Lanço-me de cabeça na vida, mas já para o salto seguinte estou incapacitado; permaneço interdito em face do prodígio, não o consigo realizar. (KIERKGAARD, 1979, p.219- 220).

Kierkgaard (1979) afirma por que o que diferencia Abraão de um herói trágico é a esfera moral do primeiro: “[...] toda a expressão da moralidade tem o seu *telos* numa expressão superior da moral” (KIERKGAARD, 1979, p.244). Nas palavras de Kierkgaard: “Assim, enquanto o herói é grande pela sua virtude moral, Abraão é-o por uma virtude estritamente pessoal. Na sua vida, o moral não encontra mais alta expressão que esta: o pai deve amar o filho” (Ibidem). A moral para o herói trágico, segundo o filósofo, é o próprio divino:

Aquele que se renega a si próprio e se sacrifica ao dever renuncia ao finito para alcançar o infinito; e não lhe falta segurança; o herói trágico renuncia o certo pelo mais certo, e o olhar pousa nele em confiança. [...]o herói trágico realiza seu ato num momento preciso do tempo; mas no decurso do tempo realiza também uma outra ação de não menos valor: visita aquele cujo peito oprimido não pode respirar nem abafar os suspiros, aquele cuja alma se verga ao peso da tristeza [...] aparece-lhe, liberta (KIERKGAARD, 1979, p.245).

O trágico é comumente entendido como um acontecimento fatalístico. Contudo, para compreender melhor suas nuances é preciso elucidar seus diversos aspectos. Pois o trágico é uma questão que transborda em uma eclosão complexa de reflexões sobre a condição humana.

Para se compreender a expressão central de estudo deste texto, é preciso apreender a origem do *logos*, da essência da palavra. Não há como se estudar sobre o trágico, sem se remeter às suas origens que estão relacionadas à tragédia grega, embora o trágico seja uma questão ontológica do humano, e não exclusivamente dos/ou inventada pelos gregos. Tragédia vem do termo *tragoidía*, que é originária da complementaridade de duas

palavras *tragos* e *oíde*, que significam “bode” e “canto”, assim denotando a expressão *canto do bode*. Conta-se a seguinte história para explicar a origem etimológica do trágico:

Após o nascimento de Dionísio em Tebas, Zeus leva o pequeno semideus para longe da Grécia a fim de escapar das perseguições de Hera. Entrega-o nas mãos de Sileno, que o cria juntamente com as Ninfas, os Sátiros e as Musas, Mênades, conhecidas como bacantes, em local distante, no monte Nisa, na Ásia. Sileno, filho do deus Pã, é o velho sábio beerrão que ensina Dionísio a fazer o vinho. [...] Mais tarde, essas figuras míticas, exceto as Musas, formarão o cortejo dionisíaco, ao qual se juntam Pã e os Centauros. Lá, Dionísio vive cercado de frondosa vegetação e caba por descobrir a videira e seu uso: ensina aos homens, pela primeira vez, a arte de cultivar vinhas. As uvas são colhidas das viçosas vides, espremidas e originam o vinho que é bebido pelo semideus em companhia de sua corte. Porém, conta-se que, certa feita, assim que as videiras cresceram, um bode, acusado de tê-las destruído, fora castigado com a morte, após ter sido perseguido e esquartejado. Os sátiros, as ninfas e Dioniso teriam bebido o novo néctar, o vinho, cantado e dançado sobre a pele do bode, até caírem desmaiados pela embriaguez. (PASTORE, 2012, p. 65).

Desta forma, é possível visualizar a relação existente do trágico com o sagrado e com o humano, logo em seus primeiros registros.

A figura do bode evoca o lócus do sagrado presente no coração do trágico. A religião em sua essência é colocada em questão, do vocábulo *religare*, não como alienação e controle como é desenhada na pós- modernidade, mas como possibilidade de se religar com o divino, confabular com os deuses. Mas afinal o que é o sagrado?

Essa pedra preciosa está cravada no meio do trágico e não há como ignorar seu brilho. Uma doutrina religiosa não pode conter toda a verdade e a essência das coisas. Instituições podem conter a verdade, mas não toda a verdade. Os mitos gregos em suas dinâmicas ritualísticas espelhavam a beleza poética da dança entre humanos e deuses e a celebração que eclodia nesse diálogo e confabulação.

[...] esta religião apresenta-se-lhe sob a forma dupla do ritual e do mito. Não existem fundadores da religião ou documentos da revelação, não há organizações de clero ou de monges. A religião encontra-se legitimada enquanto tradição que se comprova, a ela mesma, com a força incisiva da persistência que passa de geração para geração. [...] No ritual “sagrado”, é incluída a exortação de forças invisíveis, que são interpeladas como algo pessoal que se encontra perante o homem. Nos textos que temos em nossa posse elas são denominadas “deuses”, *theoi*. O que mais há a dizer sobre elas, é- nos relatado pelo Mito – um complexo de narrações tradicionais. (BURKERT, 1993, p. 35-36).

Após a passagem do politeísmo greco-romano para o monoteísmo cristão, cabe-nos pensar como o trágico se configurou. Nietzsche irá defender que o cristianismo com sua doutrina de esperança supera o trágico. Para o pensador alemão, o cristianismo empobrece a filosofia, pois divide as coisas em luz e trevas, verdade e mentira. No entanto, a interpretação do filósofo é a única possível? Vejamos.

A voz de Nietzsche é o eco filosófico que irá ressoar na maioria dos críticos do cristianismo, que acreditam que o mesmo é uma filosofia maniqueísta, que simplesmente divide o bem e o mal. No entanto, quando nos detemos a olhar para os textos do cânon judaico-cristão que foi escrito e chegou a nós, esse maniqueísmo não é tão evidente. O cristianismo ficou mais famoso por aquilo que os seus críticos, leitores e intérpretes escreveram, do que pelo que aquele que o inspirou realmente disse e fez. Neste caminho, é relevante resgatar o sentido originário do cristianismo, ouvindo as questões que o texto principal desta doutrina, a Bíblia, revelou. No entanto, para isso propomos olhar para o texto das escrituras com uma visão poética e não dogmática.

Na literatura judaico-cristã, Deus também é mostrado como aquele que tem suas mãos a bênção e a maldição, a vida e a morte. Nesta abertura é possível perceber que os judeus e posteriormente os cristãos enxergavam o sagrado como um fenômeno cuja essência não era dicotômica. O livro de Jó expõe de maneira esclarecedora como a dinâmica bem e mal funcionava na mente judaico-cristã. Na narrativa, Jó expõe a figura de Deus como aquele que dialoga com o mal na figura de Satanás, e o patriarca hebreu, o protagonista da história, mostra de maneira clara e cristalina que o bem e o mal provém do uno, do sagrado “receberemos apenas o bem de Deus e não também o mal”?

Os primeiros cristãos enxergavam tudo como holístico (bem-mal), pois tudo fazia parte de um propósito sagrado maior, os cristãos da idade média passaram de salvadores, para perseguidores e executores e os da pós- modernidade trocaram a simplicidade e amor ao próximo, pelo luxo e o amor ao dinheiro, tão condenado pelo seu mestre Jesus. Paulo, um dos maiores doutores da fé cristã, enxergava tudo e todas as coisas como destino: “E sabemos que todas as coisas trabalham juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito.” (Romanos 8:28).

O maior fenômeno histórico do cristianismo é a crucificação de Cristo, sendo este o evento mais trágico e marcante da humanidade, pois dividiu a mesma em antes e depois. Desta forma, não há como não enxergar que é o trágico em diálogo com a esperança que

alimenta o cristianismo, pois não poderia haver esperança sem a existência do trágico. A própria linha de raciocínio de Nietzsche (2006), quando pensada dialeticamente cria uma possibilidade de apologia do cristianismo, pois se a doutrina cristã supera o trágico pela esperança, tese defendida pelo autor, então teríamos que olhar dicotomicamente todas as outras questões que norteiam o universo humano. Então veríamos vida e morte, mal e bem, mentira e verdade, ficção e realidade como questões opostas e contraditórias, e não dialogais. Para Kierkegaard (1979), não existe somente o real e o absoluto, mas sim uma inseparável relação entre ambos que guiam as experiências humanas. Desta forma, seria impossível então pensar sobre a própria teoria nietzschiana, em uma filosofia para *além do bem e do mal*.

A crítica feita ao cristianismo, de que o mesmo nega o trágico em nome de uma moral de otimismo e recompensas eternas, pode ser uma visão apoiada pela maioria dos teóricos do trágico, contudo, não é uma verdade absoluta. Para outros autores, o cristão é aquele que abraça o trágico e o reinterpreta, não o nega. O cristão é aquele que é convidado para viver o trágico e dialogar com ele. Kierkegaard (1979) cita o exemplo de Abraão, aquele que é mandado pelo sagrado para sacrificar o próprio filho no monte Moriá. Esta é uma cena tão forte do trágico na cultura judaico-cristã, que ilustra a capa da obra *Doce violência: A ideia do trágico*, de Terry Eagleton (2013). O próprio Cristo é aquele que encara a finitude e não recua diante do trágico. Sem contar nos inúmeros textos presentes nos escritos do antigo e novo testamento sobre esta questão. Para John Piper (2008), o trágico tem seu ápice na ideia de o próprio Deus planejou o assassinato do filho:

Isso levanta a questão de também serem o mal e os ventos calamitosos no mundo, parte do plano soberano de Deus. [...] Se Deus reina soberano sobre o mundo, então o mal no mundo não está fora do seu desígnio. ‘Sucederá algum mal à cidade, sem que o Senhor o tenha feito?’ (Amós 3:6). O exemplo mais claro de que até o mal moral se enquadra nos planos de Deus, é a crucificação de Cristo. [...] A traição foi pecado, mas fez parte do plano determinado por Deus. (PIPER, 2008, p. 24-25).

Destarte, acreditamos que os primeiros cristãos não enxergavam o mundo e as suas questões, inclusive o sagrado e o trágico, de forma fragmentada como propõe Nietzsche e sua escola de pensamento. Mas de forma holística, compreendiam que assim como o yin-yang fazem parte de um todo, o trágico e a esperança eram questões que dançavam uma com a outra.

Pensamos aqui neste escrito em ponderar sobre o trágico com cuidado, para não incorreremos em arrazoados do senso comum. A questão da proximidade entre tragédia e trágico é real, mas é preciso distinguir os dois termos, pois como esclarece Staiger (1969) nem toda tragédia é trágica. O pensar sobre o trágico não é tarefa simplória, mas está no seio do vigorar da humanidade e seu ciclo de vida e finitude. Existimos e nos questionamos sobre o existir, somos provocados na travessia do humano. A obra de arte nos coloca diante do trágico como se olhássemos para um espelho e enxergássemos a nós mesmos dentro de uma possível quarta dimensão onde seria provável ver tempo e espaço como em um Hiper-cubo. Por isso é preciso tecer cada fio desse tecido com destreza para não se errar na costura.

Apenas um espírito extraordinariamente consequente pode vir a conhecer o trágico. Mas esse espírito assim consequente será destruído por ele. Terminará louco ou suicidando-se, a menos que o cansaço cubra sua alma como uma sombra protetora. Por isso o trágico não pode ser expresso pura e diretamente na poesia. Aquele que poderia expressá-lo terá no mesmo momento deixado a esfera da realidade compreensível dos homens. A compreensão baseia-se na comunidade de um mundo limitado. Mas o desespero trágico faz justamente explodir os limites desse mundo. (STAIGER, 1969, p. 152).

O trágico não é sinônimo de vida ou de morte, mas ele faz parte e está presente nas travessias da vida e da morte. Para ilustrar o trágico, Ferraz (2010), nos conta em seu diálogo com Eulália o seu sonho.

Assim, o sonho me parece falar, Eulália, da Aurora e do Crepúsculo do Ocidente, consignados no Aristóteles criança e no Pessoa no leito de morte. Transpassando a circularidade da viagem solar no fluxo de um Dia Único, está presente a questão do trágico, ou seja: a questão da devenida e da transformação de todas as coisas. O velho a morrer é a criança a nascer e a criança a nascer é o velho a morrer. (FERRAZ, 2010, p. 183).

O pulsar do coração e a passagem do tempo possibilitam o fenômeno trágico, mas o silêncio da lápide fria igualmente nos importuna a pensar sobre essa questão. Eis aí o silêncio, outra questão que brota desta fonte que jorra sem cessar, denominada trágico. O humano vive e pensa o/no trágico.

O homem simples do campo talvez não pense (pelo menos não como a ciência concebe o pensar), mas não quer dizer que não experimente e dialogue com as questões, até mesmo com mais verdade que o homem ilustrado e conhecedor das letras, afinal de contas “pensar incomoda como andar à chuva” (CAEIRO, 2012, p. 5). Van Gogh, em sua

obra *Caveira*, nos coloca diante de um mosaico onde vemos várias cores como que em uma aquarela viva e enxergamos a vida, a morte, o tempo, o amor, o trágico.

Assim como fez em *Natureza-morta com Bíblia*, o artista deixa transparecer a influência cristã que teve. Desse ponto de vista, o crânio delineia dois caminhos de reflexão em sua Obra: nossa condição de mortal e a necessidade de abrigo para o espírito. Nas cartas que escreveu ao irmão, já em Arles, percebe-se o quanto van Gogh era descrente em relação aos valores materiais da sociedade burguesa e como buscava resgatar sentimentos espirituais na vida simples das pessoas, na compreensão da natureza e das coisas (ponto em que a Obra de van Gogh encontra um cruzamento com a de Vermeer): “É certamente um estranho fenômeno que todos os artistas, poetas, músicos, pintores, sejam materialmente infelizes – inclusive os felizes – [...] Isto renova a eterna questão: a vida é inteiramente visível para nós, ou antes da morte só lhe conhecemos um hemisfério?”. Segue seu pensamento: “na vida de um pintor, talvez a morte não seja o mais difícil”.¹⁹

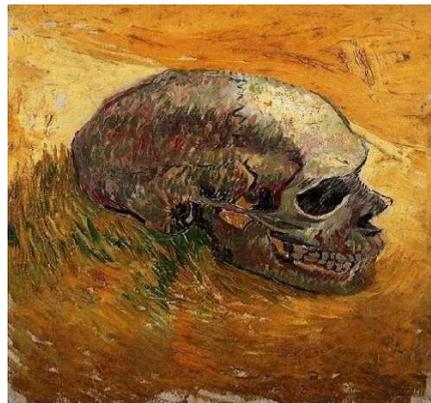


Ilustração: Caveira, de Van Gogh.²⁰

2.2 A ANGÚSTIA E O DESESPERO HUMANO E POSSIBILIDADES DE REINVENÇÃO CRIATIVA DIANTE DA FINITUDE

A maior de todas as angústias está no existir. Sabemos que temos um ciclo a cumprir, determinado pelo tempo, pela vida e morte. Mas, o que nos espera durante essa viagem?

¹⁹ Disponível em <http://www.casthalia.com.br/a_mansao/obras/vangogh_caveira.htm>. Acessado em 12 de janeiro de 2018.

²⁰ Ibidem

A literatura e a filosofia retratam o humano em busca de suas descobertas exteriores e interiores. O não-saber angustia o homem, por isso a técnica se desenvolve tão belicamente, mas não há uma compreensão de sentido para isto, apenas se produz por produzir sem se pensar no seu fim. Não é o homem a maior das questões? Para Junqueira (2014) o mistério é o que seduz o homem, colocando-o de frente com seu não-saber como angústia inerente à procura do sentido de seu próprio destino, no palmilhar da existência (p. 158).

Durante esta travessia chamada vida, não sabemos que destino teremos, somos livres e a própria liberdade nos angustia, pois podemos amar ou odiar, ser felizes ou infelizes. É uma verdadeira aposta onde todos se esforçam para vencer, mesmo sabendo que alguns irão perder. No entanto, o mistério da vida se vela e se desvela, e nesse jogo de sorte e de revés a própria vida acontece e nos molda conforme lhe apraz, porque não somos nós que temos a Vida, mas ela que nos tem.

Experimentamos a vida no corpo, e a dança do corpo nos move em direção ao sentido do existir. Buscamos o significado do vigorar no tempo da maturidade, no entanto não conseguimos traduzir e interpretar as questões de forma plena em nosso *relógio*, pois o mistério do kairós se vela e desvela na ocasião oportuna.

A flor não eclode antes da hora, e quando chega o tempo de morrer, ela morre. A vida eclode também no homem, e do mesmo jeito, termina. Refletir sobre o tempo significa pensar esta dimensão de limite, mas não o limite calculável que contamos em anos, mas a essência do homem como liminaridade no tempo, como um ser que atravessa, ele mesmo travessia, enquanto doação do tempo. (TAVARES, 2014, p.236).

Neste caminho encontramos o limite no tempo e na vida, e o não- limite na finitude. Esta também nos angustia, pois se faz presente novamente o não-saber. O que há no devir depois da vida? Anjos, demônios, inferno, paraíso, Deus, Diabo, o nada. São imagens que nos assombram, desesperam ou consolam. Mas o que se sabe (ou se acredita saber) não se pode concluir como a verdade, ou pelo menos como toda a verdade, pois isso se traduziria no fim da angustia que mesmo o mais fervoroso santo sente ante a morte.

A caminhada do humano não pode ignorar a finitude, o encontro com a foice do ceifeiro é mais real do que nos contos de terror. Não há como dar uma escapadela, mas na jornada do homem este é o seu derradeiro capítulo. Existem caminhos de vida e de morte, e o humano tem que atravessar todas essas veredas. Durante essa trilha é preciso

escutar o silêncio, pois é nele que se desvelam as questões. Nesse silenciar do burburinho dos pressupostos é que se torna possível o operar da vida e da morte, do tempo e da paixão, do trágico e do amor. Mas é preciso caminhar por essas sendas serenamente, pois, “ao saltar da carruagem são maiores as possibilidades de o vestido ficar preso que quando se desce tranquilamente” (KIERKEGAARD, 1979, p. 40).

Diante da morte nos encontramos no império do silêncio. O vigorar do silêncio nos conduz para o caminho do não-sabido e assim alimenta as questões que nos procuram. É a possibilidade do aprender no estado de abertura, uma escuta que repouse no anseio de conhecer e um abrigo. Desta forma, vige no silêncio toda a possibilidade do acontecer poético.

Os pés que se firmam no chão jamais se lançarão ao abismo do desconhecido. Aquele que não se deixa tomar pela angustia jamais conseguirá se metamorfosear em outras possibilidades, a sentença daquele que tem consigo sua verdade absoluta é a de que ele não poderá vir a ter acesso ao não-sabido, e a desvelar aquilo que uma vez esteve velado. Os mistérios ocultos nunca serão revelados a tal homem que já tem em si todos os limites pré-estabelecidos. Para voar é necessário:

[...] colocar-se diante de novos limites, de novas possibilidades de realização que nos transvertem lançando-nos e gerando uma travessia, a nossa travessia de sentido. Transverter é deixar a própria travessia nos atravessar. É lançar-se, lembrando aqui Guimarães Rosa, na terceira margem do rio. (FILÍPOVNA, 2014, p. 165).

Ao nos defrontarmos com a angustia se abre diante de nós a possibilidade do diálogo e do educar, pois ela nos mostra pegadas que se desvelam e velam sobre o que não sabemos e que podem nos verter à novas travessias. Pensar sobre as questões, é compreender que elas nos querem e se deixar ser tomado por elas. Para isso é preciso usar a liberdade e dialogar com o destino.

Se é destino do homem ser livre, disso ele não pode fugir, ainda que a liberdade seja fonte de angústia, por lançá-lo no abismo de um *entre* que não tem fundo. Mas, sem essa angústia, não haveria a liberdade de se elaborar criativamente o destino. Se é destino do homem ser livre, disso ele não pode fugir, ainda que a liberdade seja fonte de angústia, por lançá-lo no abismo de um *entre* que não tem fundo. Mas, sem essa angústia, não haveria a liberdade de se elaborar criativamente o destino. (FERRAZ, 2014, p. 104).

Ao cultivar a quietude natural do silêncio, um descuido e a liberdade da linguagem, ganhamos a possibilidade de ouvir o que se vela e desvela no herói trágico, cuja postura ante ao destino e às questões poderá nos encaminhar para uma travessia e aventura no labirinto que é o não-saber, que se emaranha nos *Fios de Ariadne*²¹. Muitas culturas se moveram e se inspiram nos heróis trágicos, os seus caminhos provocam questões em incontáveis vidas, em meio às árduas angústias e sofrimentos do drama que é a epopéia do existir humano no limiar entre a vida e a morte. Vemos nesse sentido a esperança dialogar com o trágico, pois inspiradas pela figura heroica, inúmeras culturas ficcionaram²² o ideal fantástico da percepção de que houvera quem tivesse vencido a morte, e trilhado as veredas que agora se enleiam com o céu estrelado. No ensaio *A paixão de Cristo*, o professor Manuel Castro em referência ao filme *A paixão de Cristo*, de *Mel Gibson* interpreta o trágico presente na obra de arte (o filme):

Todo o filme está constituído e tecido na presença dessa violência tanto interior como exterior. Começa com a tremenda solidão no horto, os discípulos dormindo, e, pressentindo que seu *kairos* (termo grego que diz momento oportuno, de plenificação) chegou, o homem-Jesus lançado na maior de todas as angústias e solidões: só, abandonado, traído, busca na oração, no sagrado a força para o enfrentamento da dor e da violência, e para a realização do seu sentido e transfiguração humana, vigor e vigência de toda transfiguração humana. Porque se não fosse a dor e violência de todo homem, essa dor, violência e solidão não teria sentido. Nesse momento Cristo é todos os homens em todos os tempos. Ele é cada um de nós. É a caminhada de todos os homens e também a possibilidade de encontro da dignidade e libertação de todos que ele realiza. (CASTRO, 2004, p.5-6).

Nossa cultura pós-moderna abandonou o interesse pelo metafísico, secando o mar interior das possibilidades do ser e hoje se encontra no deserto de Gobi²³ ocupando-se dia-a-dia com a questão física, portanto há o homem que submergir em terras de investigação e abertura, tal como ao fio de alguns séculos o Nilo recusou arruinar-se nos lameiros areentos e desembocou livremente no Mar Mediterrâneo. Um par de milênios, aquele que dividiu a história em antes e depois dele encarnou entre aqueles povos angustiados e promoveu o renascimento e assim as gerações posteriores beberam as águas de sua sabedoria, que com o passar dos tempos foi sendo traduzida e distorcida

²¹ Referência ao Mito Grego do Minotauro.

²² Ficcionalizar está aqui para além do seu sentido usual, de ficção como mentira, pois o termo vem do latim *fingere*, que dentre vários sentidos significa “educar, reinventar o real, instaurar um novo mundo, significa retirar as máscaras que vestimos” (MATTOS, 2015, p.11).

²³ Referência ao Mito do continente Atlante (chamado pelos gregos Poseidonis).

das mais variadas formas por seus posteriores adoradores, tornando imprecisa a proposta originária do fundador religioso. Portanto há que se resgatar o sentido do herói trágico, pois ele representa um caminho já trilhado por alguém que enfrentou a liminaridade com singular destemor, conforme reflete em seu ensaio sobre o filme de Mel Gibson o Professor Castro (2004) escreve:

O drama trágico de Cristo é o drama dos homens. A ceia é um acontecer humano permanente e irreversível. Nela e por ela o homem se transfigura e ressurge. A grandiosidade do sentido deste drama trágico para os homens aparece quando o comparamos a outros dramas trágicos como, por exemplo, o de Édipo e o de Antígone. Ele é prefigurado por Prometeu. Mas em Cristo se dá o castigo do sagrado e a transfiguração pela ressurreição (que não acontece em Prometeu), onde a dimensão humana e sagrada se integram e redimensionam. Nem o homem é mais o mesmo homem nem o sagrado é mais o mesmo sagrado. Um novo horizonte surge para o homem e para o sagrado. (CASTRO, 2004, p.7).

Eagleton (2013, p. 79), para quem o herói trágico é aquele que faz sacrifícios em prol de questões universais, compartilha junto a Hegel e Kant, a compreensão de que a virtude é bordada pela escolha de ignorar os desejos particulares em nome do dever moral. Nesse sentido, o herói trágico é distinto do Abraão de “Temor e tremor”, de Kierkegaard (1979), pois enquanto esse tem consciência de que seu ato não é realizado em nome de nenhum *télos* universal, aquele se move pelo dever ético universal. Abraão se dispõe à suprimir seu filho, mesmo que isto em nada contribua para o bem universal e é neste sentido que *ele difere do clássico herói trágico que se sacrifica pelo Estado ou pela nação ou para apaziguar os deuses irascíveis e que, ao fazê-lo, desperta a amorosa compaixão de seus companheiros.*

O herói trágico nos lança em um roldão de questões e promove a angústia, pois movido pela necessidade do dever toca o cerne humano que se perturba e se reúne em função de uma ética que chamaremos atemporal, que se manifesta pelo humano independente de suas diferenças de cor, de sexo, culturais, religiosas e temporais. Afirma Eagleton (2013, p. 80): o herói trágico renuncia à sua particularidade para expressar o universal, transportando-se para essa augusta esfera.

Como afirma Platão (2000) em *A República* há na natureza um *alto*, um *baixo* e um *meio* pelo qual devemos nos abrir à reflexão quanto ao não-sabido:

- [Sócrates se pronuncia:] Achas que alguém que é levado de baixo para o meio julgará outra coisa que não seja que está sendo levado para cima? E aquele que estiver no meio, ao olhar para o lugar de onde partiu, que outra coisa poderá supor senão que está em cima, por não ter visto a altura real? (PLATÃO, 2000, p. 284).

Com este trecho do diálogo podemos visualizar que não nos acendemos para muitas questões que nos pro-curam com escopo pedagógico de nos tornar mais conscientes e abertos ao nosso destino e sentido da existência, como afirma Sócrates em *A República*:

- Porventura a ignorância e a insensatez não são também um vazio no estado da alma? [...] Aquilo que está estritamente ligado ao imutável, imortal e verdadeiro, e que tem, ele mesmo, essa natureza, e se origina num sujeito semelhante, parece-te ter mais realidade do que aquilo que está adstrito ao mutável e mortal, que tem, ele mesmo, essa natureza, e se origina num sujeito dessa qualidade? [responde Adminato:] tem muito mais realidade o que está estritamente ligado ao imutável. (PLATÃO, 2000, p. 285)

Neste caminho, há quem questione a necessidade da angústia e do sofrimento humano para se atingir o caminho da renovação, contudo há que se meditar antes que dentro dos padrões humanos individualistas não conseguimos entrever motivo justo no destino sanguinolento e obscuro, pois priorizamos os desejos pessoais em detrimento da visão metafísica da vida e morte, tal como Alferi²⁴ muitas vezes nos restringimos ao mediano ato de viver em recusa ao metafísico numa experiência tediosa e sem propósito até que...o mistério da vida se desvela e se revela velando-se por vezes pelas vias do desmaio, da morte, nas palavras de Eagleton (2013, p.115-116): *poderíamos argumentar, a mesma coisa fazem Édipo Rei e Rei Lear. ‘Disseram-me que eu era tudo’- diz Lear- ‘é mentira: não sou imune a uma febre intermitente’*. Krook, sobre o trágico afirma que: *o que pode parecer brutal e injusto para os padrões humanos, então, faz pleno sentido para os padrões cósmicos*, portanto é a partir da coragem e persistência a que se lança o herói trágico que multidões são inspiradas por meio da fé na condição humana que se fortifica e renova até mesmo originando a transformação profunda da humanidade, o que faz lembrar de Galvão e sua *Canção de Tróia*:

...Ouço a voz de alguém que canta ao Valor...
Corre, nas veias da história,
sangue de heróis.

Fúria insaciável, desafio ao próprio tempo,
aos limites, aos lamentos,
um convite para conquistar, combater,
confrontar e crescer,
desvelar, definir,
procurar, persistir.

²⁴ Referência à peça *Um panorama visto da ponte*, de Arthur Miller, obra compilada por Tony Kushner, na coleção *Arthur Miller: collected plays 1944-1961*, no ano de 2006.

Olhos de um poeta cego que vê mais que
o mundo inteiro...
Portas para um mundo eterno, forte, intenso e verdadeiro... (GALVÃO, 2011)

Tal transformação humana surge de um processo pedagógico, satisfaz observar a maneira com que lidamos com as questões de vida ou de morte e enxergar que estas têm uma dependência estreita com esta travessia de lições da mutabilidade que percorremos. Como afirma Eagleton (2013, p.129): Aqueles que vivem de maneira a negar o frágil, a natureza temporária das coisas, agarrando-se a fins absolutos, provavelmente não terão uma morte fácil.

Alguns homens como Nietzsche amarram o trágico como a finalidade da existência e o que dá sentido à ela e origem às sociedades humanas. No entanto ela não é o fim em si, é o caminho pelo qual muitos heróis trágicos trilharam e venceram o encontro com a morte e outras questões. Como afirma Eagleton (2013, p 147): não é uma questão de masoquismo, de autodegradação servil, de glorificação do sofrimento; mas se tal sofrimento nos é imposto, pode haver maneiras de transformá-lo nas precondições de uma existência transformada.

Por todos os cantos há pegadas que querem nos comunicar algo, como cantam Caetano Veloso e Gilberto Gil no álbum *Dois amigos, um século de música* por meio da canção *esotérico*: [...] *mistério sempre há de pintar por ai [...]*. O herói trágico é aquele que age diferente da maioria e inspira por suas missões, seus feitos e suas batalhas que são a nova dança no salão das almas em suas horas de escuridão. Nunca morre (apenas fisicamente), apenas desmaia, luta com todas as suas forças e seu poder interior que se faz espelho para nos dar esperança (sperantia) e se torna luz para nossos olhos limitados à função meramente física de ver sem ver, guardados que ficam numa *caixa de ferramentas*²⁵, algo em seu jeito esclarece e brilha de uma forma misteriosa. O herói trágico faz sacrifícios universais, Jesus se sacrificou para nos ensinar algo. Como provoca-nos Alberto Caeiro em seu *Poema do Menino Jesus/Doce mistério da vida* (PESSOA, 1994, p. 126).

Num meio-dia de fim de Primavera
Tive um sonho como uma fotografia.
Vi Jesus Cristo descer à terra.
Veio pela encosta de um monte

²⁵ Referência ao texto de Rubem Alves- A complicada Arte de ver- Disponível em: <folha.uol.com.br/folha/sinapse> Acessado em 20. Març2018.

tornado outra vez menino,
a correr e rolar-se pela erva.
E a arrancar flores para as deitar fora.
E a rir de modo a ouvir-se de longe.
[...]
[Deus] deixou-o pregado na cruz
que há no céu
E serve de modelo às outras [...]
[...] A mim ensinou-me tudo.
Ensinou-me a olhar para as coisas.
Aponta-me todas as coisas que há nas flores
Mostra-me como as pedras são engraçadas
Quando a gente as tem na mão
E olha devagar para elas. [...]. (PESSOA, 1994, p. 194).

Alves (2004) escreveu em seu texto *A complicada arte de ver*: Há muitas pessoas de visão perfeita que nada veem. Não é bastante não ser cego para ver as árvores e as flores. `Não basta abrir as janelas para ver os campos e os rios`, escreveu Caeiro. Manuel de Barros (2003), em sua obra *Memórias Inventadas- a segunda infância*, escreveu:

Eu tive uma namorada que via errado. O que ela via não era uma garça na beira do rio. O que ela via era um rio na beira de uma garça. Ela despraticava as normas. [...] Falou por acréscimo que ela não contemplava as paisagens. Que eram as paisagens que a contemplavam. (BARROS, 2003, p. 10).

Nesse caminho, *despraticar as normas* é cultivar um olhar poético o que significa se abrir para o transcendente. Para Hummes: “Transcendente é o que ultrapassa [...] todas as formas diferenciadas do ser e que, portanto, valem de tudo o que, de alguma forma, participa do ser”. (HUMMES, 1963, p. 8).

Na física todos os materiais têm uma escala de transformação. A água, por exemplo, submetida à baixa temperatura pode virar gelo e se aquecida virar vapor, ou seja, a física tem seus elementos de transformação, de transcendência- mudança de estado. Um outro exemplo é um atleta que corre diariamente 1km por dia e mantém, digamos, a mesma dieta todos os dias. Com o tempo este atleta terá seu corpo acostumado com o ritmo de corrida diária de 1 km e desse forma já não perde tantas calorias, portanto, este atleta provavelmente desejará fazer algo diferente para transcender, modificar, transformar. E é sobre isso que estamos pensando: a importância da transcendência para não estagnarmos.

O herói trágico se abre para uma moral poética, transcendente e atemporal que o conduz para a realização de seus deveres universais. Platão e Aristóteles falavam de uma

moral metafísica, que ultrapassava os usos e costumes diários, voltada diretamente para a abertura das questões que procuram o homem. Rubem Alves em entrevista com Abjurama em seu programa *Provocações*²⁶, declara que recebeu uma correspondência eletrônica de um moço que não conhecia, este moço relatou que não gostava de ler e que o aprendeu graças à Rubem Alves, declarou ainda, nas palavras do educador:

Eu ia indo para casa a pé e tive uma visão que eu nunca tinha tido: eu passei perto de uma árvore e lá tinha um cacho de vagalumes. Ele disse que ficou estático diante daquilo e disse: 'aí eu agradei por ser soro positivo, porque se eu não fosse soro positivo eu teria passado sem ver'. [...] [Diz Alves] essas pessoas são as pessoas que podem ser educadas.

Pensar o trágico para além dos pressupostos estabelecidos implica em desafiar para um combate uma turba de teóricos enfurecidos e seguros de sua compreensão sobre as questões. Portanto, é necessário se abrir para o nada e para o não-pensado, afim de permitir que uma eclosão de novas possibilidades nasçam para o entendimento do humano, da vida e do sentido do ser. É o que nos diz Alberto Caeiro (1994):

O único mistério do Universo é o mais e não o menos. Percebemos demais as coisas — eis o erro e a dúvida. O que existe transcende para baixo o que julgamos que existe. A Realidade é apenas real e não pensada. O Universo não é uma ideia minha. A minha ideia do Universo é que é uma ideia minha. A noite não anoitece pelos meus olhos. A minha ideia da noite é que anoitece por meus olhos. Fora de eu pensar e de haver quaisquer pensamentos. A noite anoitece concretamente e o fulgor das estrelas existe como se tivesse peso. (PESSOA, 1994, p. 135)

²⁶ Programa comemorativo ao Dia da Língua Portuguesa (05 de maio), exibido em 03.05.2011
Disponível em: <[youtube.br/VASben3f4GM](https://www.youtube.com/watch?v=ASben3f4GM)> Acessado em: 15.Fev2018.

3. HERÓIS TRÁGICOS DIANTE DA FINITUDE: UM DIÁLOGO ENTRE AQUILES E AUGUSTO MATRAGA

Durante nossa caminhada enxergamos Aquiles e Augusto Matraga se tornando heróis trágicos, deste modo, encarando a vida e a sua inevitável sina: a finitude. É neste sentido que perscrutaremos o próprio de cada um destes heróis diante da questão do existir e seus acontecimentos dentro dos seguintes aspectos: a) do ser guerreiro; b) do mundo; c) do tempo; d) do sagrado; e) da vida; f) e por fim da angústia e desespero da morte. Nestas veredas procuraremos seguir as pegadas de cada um deles, em seus cruzamentos e bifurcações. Assim, veremos o manifestar do diálogo e do encontro de dois universos apontando similaridades e diferenças entre os dois personagens.

3.1. O GUERREIRO GREGO E O GUERREIRO CRISTÃO

Aquiles e Matraga são guerreiros, mas o que nos revela a palavra guerreiro? O guerreiro é o que enfrenta desafios, combate em batalhas por seus objetivos, luta e serve em nome de um povo, ele é aquele que se destaca na guerra. Como escreve Saraceni (2016): “traz em si o amor, mas nele também lateja a dor. Tem em si a luz, mas nele latejam as trevas. [...] Tem em si a paz, mas nele também a revolta explode. [...] Tem em si a vida, mas nele a morte é visível. [...] Enfim, ele é o que os seus olhos apreciam” (SARACENI, 2016, p.10). O guerreiro está constantemente na disputa, é neste equinócio que ele vibra em si as possibilidades do devir, é nesta disputa que este homem faz vigorar o diálogo e o humano:

O ser humano é essencialmente diálogo porque é disputa. Na disputa há uma dupla tensão. Pela primeira, surgem os dialogantes a partir do *Lógos*. Só pelo *Lógos* há inter-subjetividade. Pela segunda, essa disputa manifesta uma dupla tendência que traz a essência da renúncia, faceta essencial da disputa. Ela fica bem clara no seguinte diálogo que tive com meu filho. Perguntado se ele, ao jogar, não gostava de perder, disse que não. Como quando perdia ele saía correndo, zangado, eu dizia para ele que, na vida, é importante aprender a perder. É o lado negativo da renúncia. E meu filho, jogando com o sobrinho, ouviu dele, ao ganhar: tio, você não me deixa ganhar. Ao que, de pronto, meu filho respondeu: você precisa aprender a ganhar. É o lado positivo da renúncia. Aprender a perder ou aprender a ganhar: a disputa que, no diálogo, exercita sempre as diferenças. Todo diálogo é disputa porque é afirmação de diferenças na identidade do *lógos*. (CASTRO: Disputa, 1).

O guerreiro é aquele que está no não-lugar, ele não se limita a nenhuma forma, a nenhum aspecto, a nenhum som e a nenhuma cor. Ele está no além do definível. Ele está presente no conflito eterno do ser e não ser, ele é humano e em sua humanidade habita toda a fertilidade da terra. Ele não é do inferno e nem do céu, ele é do mar, em seu sangue pulsa a vida e a morte. O guerreiro é um lutador-pensador que é na verdade o próprio humano lutando consigo mesmo em busca do próprio, Merton (1999) em seu poema, descreve a senda do guerreiro da seguinte forma:

Não se limita pela forma. Ele é mais.
Não pode atingir a não-forma.
Quando está ele além da forma e aspecto,
Além 'deste', ou 'daquele',
Onde a comparação
Com outro objeto?
Onde o conflito?
O que pode servir de obstáculo?
Ele ficará em seu lugar eterno
Que é o não-lugar (MERTON, 1999, p. 137).

Aquiles está dentro do panteão dos maiores guerreiros gregos da história da humanidade, ele é grande não somente por sua estatura física, mas por sua grandeza de espírito, em sua jornada não somente protagoniza, mas realiza o extraordinário, indo além do comum e do ordinário. Representa não somente o mundo grego, mas a própria Gaia, pois é *húmus*, terra, força, vigorar. Enquanto que, de maneira diferente, Augusto Matraga é um guerreiro cristão que caminha pela “senda da conversão”, é também um vaso alquímico que é moldado pelo destino em direção ao sagrado. Ele trilha pela estrada das trevas e da luz e em sua quase morte encontra a vida, em meio à desesperança encontra a esperança, e dentro do desespero e da angústia, descobre a serenidade e o propósito de sua vocação heroica. Na história de Aquiles vemos a palavra guerreiro aparecer quarenta e oito vezes. Enquanto que Augusto Matraga depois de sua conversão se torna um guerreiro solitário que se recusa a se juntar a um bando de guerreiros quaisquer, perdidos e sem propósito.

Fazer parte do bando de seu Joãozinho Bem-Bem! Mas os lábios se moviam — talvez ele estivesse proferindo entre dentes o creio-em-deus-padre — e, por fim, negou com a cabeça, muitas vezes: — Não posso, meu amigo seu Joãozinho Bem-Bem!... Depois de tantos anos... Fico muito agradecido, mas não posso, não me fale nisso mais... E ria para o chefe dos guerreiros, e também por dentro se ria, e

era o riso do capiau ao passar a perna em alguém, no fazer qualquer negócio. (ROSA, 2015, p. 333).

Ambos são guerreiros, mas não guerreiros comuns, que lutam por causas quaisquer, pois suas batalhas são a consagração do humano e da vida. “A vida é uma batalha. Sempre foi e sempre será. E se tal não acontecesse ela chegaria ao fim” (JUNG, 1964, p. 85).

3.2. O(S) MUNDO(S) COMO QUESTÃO

Ao raiar da aurora do herói trágico brilha a questão do mundo. Aquiles carrega em seus ombros todo o peso e glória da civilização e do mundo grego. Augusto Matraga é aquele que é o que todo o cristão diz que é mas não é e deveria ser, sua alma é o brilho originário do herói lendário que inspira toda a civilização cristã ocidental, o Cristo. Mas, o que é mundo? Se concebermos esta expressão apenas como um símbolo representativo de uma nação, cultura ou povo, limitamos e reduzimos sua compreensão como algo sociológico e histórico, no entanto, a instauração de um mundo é um acontecer poético onde vigora o não dito ou ausente do dito. “Mundo é o acontecimento apropriador de clareira e iluminação” (HEIDEGGER, 2012, p. 244). O herói trágico é aquele que é mundano e sagrado, nele habita e se concilia toda a contra-dição, ele está na confluência entre terra e céu e expressa o centro de onde convergem as forças paradoxais que dançam no mundo.

Subindo a montanha sagrada onde orbe e resplandece a luz das estrelas que iluminam o(s) mundo(s) dos homens, os heróis Aquiles e Augusto Matraga encontram-se em meio ao nada, lançados e mergulhados no mar da vida e da morte, tal qual o lendário poço de Lázaro que era capaz de devolver à vida aquele que jazia na escuridão da sepultura. É assim que esses heróis manifestam o fenômeno do mundo por meio da linguagem. “No fazer-se Linguagem do Ser, o homem vem a si mesmo e o mundo vem ao homem para ser mundo” (LEÃO, 1977, p. 262). Assim, nesta trilha onde o homem escala a montanha do mistério sagrado que os deuses escondem dos mortais, como diz Matraga “rolando por este mundo ao deus-dará...” (ROSA, 2015, p. 316) vemos o mundo sendo esvaziado do sagrado, como lamenta Netuno:

O Enosigeu Netuno:
“Júpiter, vozeou, quem há no mundo
Que de ora avante nos consulte e implore?
Não vês como os Aqueus de ênea loriga,
Sem preces nem solenes sacrifícios,
Trincheira e fosso e torreões fabricam?
Por onde a luz se expande, irá seu brado
Calar o das muralhas que eu e Apolo
A Laomedonte a custo levantamos.” (HOMERO, 2009, p. 174).

Aquiles e Matraga habitam poeticamente no limite do ser, eles ultrapassam o sentido usual de mundo como cultural, manifestam o mundo em seu sentido pleno, como inexplicável. “O habitar poético sobrevoa fantasticamente o real” (HEIDEGGER, 2002, p.169). Há vários sentidos para o entendimento de mundo, porque como propõe Castro: “Em si, mundo é uma das questões mais complexas” (CASTRO: Mundo, 7). Uma outra diferença dos dois heróis é que vemos Aquiles e Matraga distantes no tempo e no espaço cronológico, mas também mergulhados no mar ontológico propiciador do encontro. Neste mar translada toda e qualquer questão de todo e qualquer homem humano, de onde ultrapassam estações e culturas, de onde convergem no horizonte. Mas que motor propicia o encontro destes heróis? A linguagem, o *logos*. “Não pode haver mundo sem linguagem. *Logos*/linguagem é mundo” (Ibidem). Neste caminho desvela-se o amor pela sabedoria, pois o amor une e relaciona as diferentes fontes do passado e do presente e nos fornece vestígios, caminhos, para o entendimento de mundo que como escreve Castro: “Devemos ter o cuidado de não confundir mundo, que é uma questão, com mundo seguido de um adjetivo, que se transforma simplesmente em conceito. Por exemplo: mundo medieval, social, exterior, interior, masculino, feminino etc”. (Ibidem).

O mundo é poesia em movimento, neste sentido Aquiles e Augusto Matraga são poetas quando interferem no mundo e nos mundos das pessoas ao seu redor, o leitor de suas tramas tem se(us) mundo(s) poetificado(s) com as sementes que esses heróis plantam. Suas trajetórias são poemas vivos, suas aventuras iluminam a escuridão de qualquer noite, como canta a poetisa polonesa Szyborska (2007):

O poeta lê seus versos para os cegos.
Não esperava que fosse tão difícil.
Sua voz fraqueja.
Suas mãos tremem.
Ele sente que cada frase
está submetida à prova da escuridão.
Ele tem que se virar sozinho,

sem cores e luzes.
Uma aventura perigosa
para as estrelas da poesia,
para as manhãs, o arco-íris, as nuvens, os neons, a lua,
para o peixe tão cintilante sob a água
e o falcão tão alto e quieto no céu.
Ele lê- pois já não pode parar [...] (Szyborska, 2007, p. 11).

A ação desses heróis faz um eclodir de mundo(s), nessa caminhada se dá um educar poético com vida se manifestando e se doando, a vida é um educar por manifestação, e o que a vida de Aquiles e Matraga nos ensinam nessa ciranda da diferença poética? A trama de cada um deles é a trama de nossas próprias vidas, não podemos cair em reducionismos como mundo grego e mundo cristão, embora também haja o manifestar destes mundos nestes heróis, vemos claramente o(s) mundo(s) do(s) humano(s) eclodindo e revelando-se na vida desses personagens. Mas como se daria esse educar poético?

A tensão dialética de vivente e Vida joga o educar poético na necessidade do diálogo e, como este é o testemunho da finitude de sermos narrativas (sempre incompletas e em retomadas), acontece como tempo poético. É esta possibilidade dialética de ser narrativa que o educar poético deve tomar por sua essência. (CASTRO, 2014, p. 32).

Desta forma, mundo é a questão que conduz ao educar poético a medida que as narrativas do humano povoam o pensar e conduzem a um estado de meditação poética que transcende todo e qualquer paradigma teórico.

3.3. PARA QUE HERÓIS EM TEMPOS DE PENÚRIA?²⁷

Parafraseando o pensador-poético alemão, o fenômeno do heroísmo trágico nos revela que os deuses estão vivos em nosso tempo e que os poetas são a nossa salvação na penúria, ora, o herói trágico é um poeta, mas que tempos seriam esses que Holderlin anuncia? Tempos de pobreza e carístia, não somente econômica e social, mas fundamentalmente poética. Aquiles e Augusto Matraga vivem em tempos diferentes, embora na mesma terra, no mesmo *húmus*. Para Heidegger: “O tempo é uma questão. E

²⁷ Paráfrase da célebre expressão “Para quê poetas em tempos de penúria?”, do poeta alemão Friederich Holderlin.

como questão não podemos viver fora do tempo nem sem tempo. Em si, ele, não como conceito, mas como questão, é o tempo poético, o tempo do existir, fazendo-se, ou seja, o acontecer [...]” (HEIDEGGER, 1979, p. 255). Neste caminho cabe-nos questionar o tempo não apenas como unidade cronológica, mas como questão ontológica. O tempo é a comunhão dos homens e dos deuses, como canta Holderlin (1959) em *Pão e Vinho*:

Mas amigo! Viemos demasiado tarde.
Na verdade vivem os deuses
mas sobre nossa cabeça, acima em outro mundo
trabalham eternamente e parecem preocupar-se pouco
se vivemos. Tanto se cuidam os celestes de não ferir-nos.
Pois nunca poderia contê-los um débil navio,
somente às vezes suporta o homem a plenitude divina.
A vida é um sonho dos deuses.
Mas o erro nos ajuda como um adormecimento.
E nos fazem fortes a necessidade e a noite.
Até os heróis crescidos em uma cunha de bronze,
como em outro tempo seus corações são parecidos em força
aos celestes.
Eles vivem entre trovões.
Me parece às vezes melhor dormir, que estar sem companheiro.
A esperar assim, o que fazer ou dizer eu não sei.
E para que poetas em tempos de penúria?
Mas, são, dizes tu, como os sacerdotes sagrados do Deus do
vinho, que erravam de terra em terra, na noite sagrada.
(HOLDERLIN, 1959, p. 215).

Assim é que nos referimos ao tempo como questão fenomenológica. Aquiles e Augusto Matraga acessam uma dimensão do tempo que ultrapassa *Kronos*, o tempo ordinário onde acontecem as coisas da ordem do dia, comer, beber, etc. Eles, embora habitem épocas diferentes, encontram-se na esfera onde vigora o tempo da plenitude, *kairos*, o momento da oportunidade, a estação onde o fruto amadurece. “(*Kairos*) é todo nascimento no seu tempo de vir à luz” (CASTRO: Tempo, 6). Aquiles e Matraga nascem, vivem e morrem cumprindo um tempo, mas suas jornadas ecoam através de todos os tempos. Eles têm infância, infâncias diferentes, e é nesta fase que se dá toda gênese e diferença, todo brotar e florescer, nenhuma árvore amadurece ao mesmo tempo, mas é no *kairós* de cada um que acontece todo o fenômeno poético. Aquiles tem o seu encontro na aurora da finitude de seu amigo Pátroclo, enquanto que Matraga tem a sua hora e vez na angústia onde sua vida é colocada por um fio. Neste caminho, percebemos o tempo como *senhor dos destinos*, como nos ensina a oração de Caetano Veloso (1989):

Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo [...]
Entro num acordo contigo
Tempo [...]
Por seres tão inventivo
E pareceres contínuo
Tempo [...]
És um dos deuses mais lindos
Tempo [...]
[...] Peço-te o prazer legítimo
E o movimento preciso
Tempo [...]
Quando o tempo for propício
Tempo [...]
[...] E quando eu tiver saído
Para fora do teu círculo
Tempo [...]
Não serei nem terás sido
Tempo [...] (VELOSO, 1989).

Aquiles e Augusto Matraga manifestam a questão do tempo de maneira bela, poética e própria. Cada um trilha na esteira do tempo e do espaço caminhos diferentes. O herói grego é aquele que salva seus contemporâneos da hora fatal.

Que, longe das fecundas pátrias veigas,
O céu nos fade a perecer em Tróia.
Sus, bem que tarde, acode a aflita Grécia;
Dor sentirás depois se a desamparas,
Pois o mal consumado é sem remédio:
Salva a tempo os Aqueus da fatal hora. (HOMERO, 2006, p. 194).

Nhô Augusto é aquele que procura a sua hora e vez que se desvela durante sua travessia heróica e sacrificial. Para tanto, Matraga também se perde no caminho “E, desse jeito, achou que não era hora para ponderados pensamentos” (ROSA, 2015, p. 306). Mas, é enquanto ele se perde que ele se acha, e nesta senda onde o inesperado o aguarda, depois de mergulhar nos vales sombrios da morte e renascer, ele encontra a sua sina. “— Adeus, minha gente, que aqui é que mais não fico, porque a minha vez vai chegar, e eu tenho que estar por ela em outras partes!” (ROSA, 2006, p. 328).

3.4. UM LUGAR CHAMADO SAGRADO

Revisitando a trajetória dos heróis trágicos de Homero e Rosa, vemos: Aquiles nascer do ventre de uma deusa, marcando desde o embrião a sua ligação com o extraordinário, enquanto que Matraga nasce de um ventre mortal e posteriormente

renasce do “nada” para o acontecer do inefável. É assim que o sagrado se doa como questão para estes heróis. Mas o que é o sagrado? Diz HAAR (2000):

O sagrado, o ‘intacto’, escapa a qualquer definição conceitual, é mais incapturável que o próprio ser, é uma derrota para a lógica, paradoxal, ao mesmo tempo arqui antigo e sempre novo, próximo e inabordável, familiar e desorientador; é o que permanece em si e o que atravessa tudo (HAAR, 2000, p. 95).

Auscultando o não-dito e o silêncio que dele se escuta, é possível adentrar pelas portas do mistério que envolve o sagrado. Nossos heróis caminham sobre fios dourados que os conduzem aos seus destinos. O sagrado é a manifestação da glória do divino entre os homens, como o Emanuel.²⁸ É nesta confabulação entre homens e deuses que acontece uma dança onde um agarra o outro, como um parceiro em uma valsa, vemos o humano dançando com o trágico e a finitude. Como declama Castro: “O sagrado é a energia que dá vida iluminando e sentido a tudo. Iluminar é fazer vigorar a claridade e a escuridão.” (CASTRO: Sagrado, 1). Contudo, vemos na pós-modernidade um processo de dessacralização ou como diz Heidegger em Caminhos de Floresta “uma desdivinização”:

Um quinto fenômeno da modernidade é a desdivinização. Esta expressão não visa a simples eliminação dos deuses, o ateísmo grosseiro. A desdivinização é o duplice processo de, por um lado, a imagem do mundo se cristianizar, na medida em que o fundamento do mundo é estabelecido como o infinito, o incondicionado, o absoluto, e, por outro lado, o cristianismo transformar a sua cristianidade numa mundividência (a mundividência cristã) e, deste modo, se modernizar. (HEIDEGGER, 1977, p. 98).

Aquiles e Matraga se encontram num lugar de abertura e meditação sobre o divino, no alto da montanha, onde vibra o coração do universo e brilham as constelações que iluminam os homens. No entanto, percorrem cada qual a seu modo um caminho de horror e louvor, de iminentes perigos que os chamam para decorar o enigma do altar sagrado que desvela-se e foge como as sombras da luz. É assim que estes heróis são aqueles que dialogam com as vozes divinas. Os deuses são aqueles que promovem a paz e a guerra e os homens são os seus cavaleiros:

A deusa entre os Etólios e os Curetes,
Pela cabeça horrenda e hirsuta pele,
Move guerra e tumulto. Enquanto o Marte

²⁸ Uma referência a um dos nomes do Cristo, que significa: Deus encarnado ou Deus conosco.

Enides combatia, inda que imensos,
O arraial os Curetes não largavam;
Mas, de ira, que incha o peito aos mesmos sábios,
Contra a mãe sua Alteia, em ócio esteve
Junto à mulher Cleópatra, progênie
Da Evemina Marpissa, cujo esposo
Idas, então neste orbe o mais valente,
Pela de pé mimoso casta ninfa
De arco arrojou-se a Febo. (HOMERO, 2006, p. 200).

Aquiles é aquele que luta contra e a favor dos deuses, ele está no entre, no-nada, mesmo quando na possibilidade de seu exército ser atacado pelo deus Apolo, ele não perde a coragem. Ele também é querido, consolado, exortado e amado pelo sagrado:

Há uma grande discussão na tenda dos chefes gregos. O guerreiro Aquiles acha que o exército está sendo destruído pelo deus Apolo, o arqueiro [...].
[...] A deusa Atena lhe agarra os cabelos. - Engole o ódio, Aquiles, prêmios melhores te esperam, guarda a espada. - Tens razão, ó deusa, pior para eles [...].
Tétis ainda encontra Aquiles abraçado a Pátroclo, aos primeiros raios da Aurora.
_ Filho, é hora de o deixares descansar. Eis as tuas armas, Hefesto as fez [...]
Isto é um trabalho de um deus, não há dúvida- ele diz. (HOMERO, 2009, p. 5, 45).

Augusto, por sua vez, é aquele que é grande, e se torna pequeno e humilde. Sua humildade é fruto do cultivo no sagrado, no fio da navalha que é a sua experiência de quase morte. Ele realmente encarna o texto sacro que diz “dos pequeninos é o Reino dos céus” (Mateus 19:14). Ele encontra em seu trabalho para Deus e os pobres remissão, servindo aqueles que antes feria, essa é sua redenção. Sua vida é inicialmente guiada pelo seu mentor o padre, e depois ele segue o exemplo do próprio Cristo sacrificando sua vida no fim. Ele é o enviado de Deus: “E o povo, enquanto isso, dizia: — “Foi Deus quem mandou esse homem no jumento, por mór de salvar as famílias da gente!...” (ROSA, 2006, p. 337). Matraga é aquele que caminha junto ao sagrado e procura fazer de seu coração um templo de habitação divino:

[...] –Você nunca trabalhou, não é? Pois, agora, por diante, cada dia de Deus você deve trabalhar por três, e ajudar os outros, sempre que puder. Modere esse mau gênio: faça de conta que ele é um poldro bravo, e que você é mais mandante do que ele.. Peça a Deus assim, com esta jaculatória: ‘Jesus, manso e humilde de coração, fazei meu coração semelhante ao vosso...’ (ROSA, 2001, p.380).

Assim, este jogo entre o sagrado e o humano é a epopeia da vida acontecendo com seus diversos cantos e versos sendo entoados pelo homem, e Aquiles e Augusto Matraga são jogadores por excelência.

3.5. O JOGO DA VIDA

Aquiles e Matraga são jogadores da vida, a palavra jogador vem da expressão jogo, originária do latim *iocus*, *iocare* e significa brinqueado, folguedo, divertimento. Ora, a vida é um constante movimento cinético, que produz energia e equilíbrio, um dançar eterno. É uma celebração perpétua, celebramos no início (nascimento) e no fim (o funeral é uma espécie de celebração). No jogo da vida tudo converge: mundo-sagrado-homem:

Nos jogos, mantínhamos uma relação com o mundo e não apenas relações no mundo. O jogo como culto restaurava a capacidade afirmativa e equilibrada do homem, ou seja, no jogo como culto, as mais insignificantes coisas falavam desde o movimento de fundo, desde o fogo - que ilumina, morre e produz, jogando. (LUZIE, 1999, p. 17).

Conta uma história antiga que há muito tempo, quando havia menos estrelas brilhando no céu os deuses se cansaram de jogar dados e criaram vários humanos, assim como os mundos onde eles vivem. Eles iam para aventuras onde às vezes venciam, às vezes perdiam e às vezes morriam. Essa é a história de Aquiles e a história da humanidade. Assim, a vida e a morte são como uma dança entre liberdade e destino, onde os dados se movem para a decisão das sinas humanas:

Mas risco atroz nos preme: vida ou morte
Pende aos Gregos do gume de um cutelo.
Tu, que és moço e de mim te compadeces,
Ajax de Oileu convoques e o Filides.”
Leonina talar pele ombreia fulva
Logo Diomedes, pega a lança e corre,
Volve aqueles guerreiros conduzindo. (HOMERO, 2009, p. 209).

Matraga é aquele que é resgatado da morte para a vida, é quando o herói chega ao fundo do abismo existencial e encara face à face o semblante da morte, que no amor e na caridade dos “pretos” ele encontra como a fênix das cinzas uma nova possibilidade para a vida:

Mas o preto que morava na boca do brejo, quando calculou que os outros já teriam ido embora, saiu do seu esconso, entre as taboas, e subiu aos degraus de mato do pé do barranco. Chegou-se. Encontrou vida funda no corpo tão maltratado do homem branco [...]. (ROSA, 2015, p. 309).

Neste percurso, visualizamos a vida como diversão, e mesmo que pareça o contrário de dever, “a vida é justamente aquilo que acontece enquanto planejamos” (SAUNDERS, 1957, tradução livre). Diversão significa desvio; alteração da direção; mudança de rumo. E é assim que nossos heróis encaram a viagem da vida, ouvindo seus oráculos, mas ao mesmo tempo trilhando seus próprios caminhos. O jogo da vida é um constante divertir-se (sem esquecer do dever) para Aquiles e Augusto Matraga:

Porque divertir-se é separar-se do que se deve ser, porque diversão troca a necessidade pela liberdade. Jogar é evadir-se das imposições de um mundo de regras e deveres e encaminhar-se para o mundo do inesperado e da surpresa na criação da inventividade. De que o homem se diverte no jogo? Ele se diverte das restrições e constrictões. Com que o homem se diverte no jogo? Ele se diverte com a liberdade. É o jogo da memória que nos faz esquecer e deixar cair as injunções e nos joga na diversão da liberdade e nas peripécias da criação. (LEÃO, 2003, p. 146).

Para os dois heróis a vida é arcano velado, que se desvela enquanto se percorre sua estrada, no entanto permanece mistério. “Mistério, aqui, diz da própria vida acontecendo dialeticamente, infinita em tudo o que é finito” (CASTRO, 2014, p. 9). Nesta empreitada, os valentes enfrentam de maneiras diferentes o mar revoltoso da existência e olham diante da face do abismo do insólito, dentro do olho do furacão, encontram-se com as questões que os exortam a agir poeticamente no interior da roda viva da história, de onde nutrem-se do pensar meditativo.

Em suas trajetórias Aquiles e Augusto Matraga descobrem em si uma terra fértil para a semeadura da serenidade, porque enfrentam de uma forma diferente e ao mesmo tempo meditativa os acontecimentos que os interpelam continuamente para um florescer da vida. Como declama Gaiacoia: “A palavra serenidade não é sinônimo de resignação. Com ela, o filósofo [Martin Heidegger] pensa um agir amadurecido, liberando da insânia compulsiva do ativismo, do falatório vazio e pomposo vigente na esfera pública contemporânea” (GAIACOIA, 2013, p. 103). Mas, que vestígios os encaminham para esse desencobrimento? As questões que os assaltam na estrada da vida, questões como a morte de um amado amigo, como a angústia diante da uma tentativa de assassinato.

Elementos vestigiais que os encaminham para o o-culto da vida. No entanto, tal como a grande floresta, com suas copas e névoas, obscurece nossa visão para o que há em seu interior, a vida apresenta vestígios que nos encaminham para sua essência, e o principal elemento para essa compreensão está no pensamento meditativo. Aquiles e Matraga, escutam o silêncio na serenidade, quando caminham entre as transformações do mundo a que pertencem e triunfam sobre os inimigos da vida. No jogo do existir vemos os personagens jogando-se nos limites da condição humana.

Em Aquiles e Augusto Matraga, vemos o humano jogando e divertindo-se. “Por que será que existe no universo uma criatura que gosta tanto de jogar, que adora divertir-se? - É a pergunta que mobiliza e encanta todo desafio histórico.” (LEÃO, 2003, p.146). A jornada dos heróis é uma narrativa que vigora no ser e os conduz para o horizonte final e eterno da vida onde o humano está constantemente nascendo, vivendo, morrendo e nascendo novamente.

3.6. THANATOS, O ABISMO INTRANSPONÍVEL

A consumação do humano é o derradeiro olhar sob o horizonte da imagem que todo vivente contempla continuamente em seu existir, é a inelutável e enigmática questão que assombra e alumia o homem, em todos os tempos e mundos, é um acontecer poético onde o humano é a poesia que é declamada no principio e no fim. A vida “é um vapor que aparece por um pouco e depois desvanece” (Tiago 4:14), é assim que vida e morte obram de mãos dadas com a existência de Aquiles e Augusto Matraga de maneira distinta em cada um opera a mão do destino inexorável que os leva à ruína e à glória. Neste interim, os heróis dialogam e confabulam em sua mortalidade com a imortalidade. O que há no além? todo humano se questiona, e geração após geração continuamos no ciclo virtuoso do questionar. "Na morte advém aos homens o que não esperam nem imaginam" (HERÁCLITO, 1991, p. 65).

Para Aquiles e Augusto Matraga a morte se revela de maneira própria a cada um, como o inimaginável fenômeno de onde vigora o amor, o cuidado, o mistério, que os lança radicalmente no limite e no ilimitado, no permanente e transitório, no ser ou não ser e em todas as questões que aparentemente se mostram paradoxais, a finitude amarra em si todas as questões, como em uma jura de amor, onde os amantes se comprometem diante do sagrado:

Eu [...]. Prometo ser fiel,
Amar-te e respeitar-te
Na alegria e na tristeza,
Na saúde e na doença,
Na riqueza e na pobreza,
Por todos os dias da nossa vida
Até que a morte nos separe.

Aquiles é aquele que salva a todos da morte, embora ironicamente não salve a si mesmo. Auxilia seu povo como pastor e oferece a própria pele como armadura e escudo, seus punhos são a espada dos aqueus e assim a morte o glorifica e o consome, pois ela é o evento vitorioso que se manifesta enquanto chama viva que queima e purifica. Nesta vereda, vemos o herói trágico grego com sua vida e em sua morte cantando um hino à finitude:

Oh! morte eu padecera, antes que o toro
Por teu Páris tivesse abandonado,
E os irmãos e a só filha e as companheiras!
Eu vivo e em mesto pranto me definho. (HOMERO, 2006, p. 106).

Matraga por sua vez, enfrenta a morte como um cavaleiro sagrado, um paladino que cavalga para a sua fortuna. Esse herói voa nas asas da alvorada e nesta aventura ele alquimicamente se transforma como uma troca equivalente. Ele se sacrifica em sua vida e como resultado transmuta a cura de si mesmo, de seu inimigo e de seus semelhantes:

A lâmina do Nhô Augusto talhara de baixo para cima, do púbis à boca-do-estômago, e um mundo de cobras sangrentas saltou para o ar livre, enquanto seu Joãozinho Bem-Bem caía ajoelhado, recolhendo os seus recheios nas mãos. Aí, o povo quis amparar Nhô Augusto, que punha sangue por todas as partes, até do nariz e da boca, e que devia de estar pensando demais, de tanto chumbo e bala. Mas tinha fogo nos olhos de gato-do-mato, e o busto, especado, não vergava para o chão.

- Espera aí, minha gente, ajudem o meu aparente ali, que vai morrer primeiro... Depois, então, eu posso me deitar.

- Estou no quase, mano velho... Morro, mas morro na faca do homem mais maneiro de junta e de mais coragem que eu já conheci! ... (ROSA, 2015, p. 411).

É na e pela morte que Aquiles e Augusto Matraga ganham o jogo da vida, “pois se o grão de trigo não cair na terra e não morrer, permanecerá ele só; mas se morrer produzirá muito fruto” (João 12:24). Na obra *O homem bicentenário* (1976), de Isaac

Asimov²⁹, o androide Andrews, protagonista da narrativa, é aquele que quer ser humano, contudo, sua humanidade é negada porque ele é imortal, mas no fim do romance ele morre e assim é considerado humano. A finitude nos humaniza, nos mostra que somos *húmus*, pó e que da terra viemos e a ela retornaremos.

O encontro de Aquiles e Augusto Matraga com a morte não foi acidente, mas sim destino, pois este embate revelou-lhes o não mais estar para o acontecer poético de ser, em thanatos o tempo e o amor se consumam. Morrer é da natureza essencial do humano, pois: “Somente o homem morre e, na verdade, somente ele morre continuamente, ao menos enquanto permanecer sobre a terra, sob o céu, diante dos deuses” (HEIDEGGER, 2001, p. 130). A experienciação do morrer é uma peregrinação contínua e singular para cada um destes heróis trágicos, ela faz o homem tanto o vivo quanto o morto se reconectarem à terra: “O filho de Nestor chega a Aquiles com a notícia fúnebre. O guerreiro se atira no chão, agarrando a terra negra e espalhando-a pelo rosto em lágrimas. Se estende na poeira e arranca os cabelos [...]” (HOMERO, 2006, p. 42).

O que significa morrer? Cada um de nós morre de forma única e diferente, mas todos morremos, assim como Aquiles e Augusto Matraga. Compreender o que ocorre nesta travessia é a possibilidade de se enxergar o que há de oculto no universo, é um véu que se abre apenas de tempos em tempos. O fio da finitude percorre toda a vida humana, nascemos e neste mesmo momento já começamos o morrer. É um processo que inicia e não há como interromper sua dança. Os heróis trágicos encontram-se com a morte em todas as suas trajetórias, ela é acompanhante constante no vagão da vida. Nesta encruzilhada, o herói trágico é aquele que segue adiante seu caminho, mesmo que na travessia perca sua alma, Aquiles quase perde sua alma quando seu amigo Pátroclo morre, mas desta morte este herói renasce, e Matraga, diante dos capangas que o derrubam do cavalo, anda no limite, no nada, e quase perde sua vida e sua alma: “Empurraram-no para o chão, e ele nem se moveu. — É aqui mesmo, companheiros. Depois, é só jogar lá para baixo, p’ra nem a alma se salvar...” (ROSA, 2015, p. 308).

Aquiles e Augusto Matraga são privilegiados e nos privilegiam com suas vidas, mortes e memórias que são diferentes, mas que conversam com o humano. A memória

²⁹ Isaac Asimov (1920-1992) foi um escritor norte americano, considerado um dos mais importantes escritores de ficção científica do século XX. Foi professor da Universidade de Boston. Em 1958, Asimov deixou o cargo na universidade, para se dedicar inteiramente à sua atividade de escritor. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/isaac_asimov/> Acessado em: 30 Out.2018.

que estes heróis manifestam não é uma simples reminiscência comum, mas uma Memória Cosmogônica e o que seria essa memória? “[...] uma Memória Cosmogônica, é uma divindade cujo ser é dado por esse mesmo mo(vi)mento que dá ordem ao Mundo (o momentum cosmogônico)” (TORRANO, 1992, p. 81).

No presente percebemos e tememos o futuro, e o maior dos medos é o carrasco que nos encaminha à presença da finitude. Nas ágoras homéricas o tema de *thanatos* estava sempre presente, conduzindo os homens para o silêncio e o mistério do Olimpo. Assim como nas ágoras, no agora vivemos uma época de dessacralização da morte, o que faz com que muitos não enxerguem a aura mística e poética da realidade e dos fenômenos. Somente o homem morre, porque pensa e sente a proximidade da morte, seu hálito é inconfundível e embora neguemos e fuçamos de sua chegada, ela nos encontra diariamente. Na ficção, que não é o contrário do real, vemos o homem tentando fugazmente enganar e fugir da morte. Na obra “Supernatural”, de David Reed (2014) os irmãos Samuel e Dean Winchester são caçadores do sobrenatural que estão constantemente enganando a morte, na obra cinematográfica clássica *O sétimo selo* o cavaleiro Max Von Sydow é aquele que joga com a morte, em busca de encontrar um caminho de fuga para o destino inexorável, mas a morte não perde nunca. Aquiles e Augusto Matraga não fogem da morte, mas a enfrentam sem recuar, é por isso que eles são tão diferentes dos irmãos Samuel e Dean Winchester ou do cavaleiro Max Von Sydow, eles vivem enquanto podem, mas abraçam a morte como uma grande amiga.

Nas culturas de influência judaico-cristã o anjo é o mensageiro da morte, o arauto da destruição. Como cita o livro de Êxodo: “Quando o Senhor passar para matar os egípcios, verá o sangue ali nos batentes e não deixará que o Anjo da Morte entre nas suas casas para matá-los” (Êxodo 12:23). Mas o que é o anjo? É um mensageiro e neste sentido Aquiles e Augusto Matraga são mensageiros da vida e da morte, suas vidas são a própria mensagem, o evangelho, as boas novas da salvação, mas não no aspecto dogmático, contudo suas trajetórias se tornaram livros, do latim *liberare*, que significa liberdade, livramento. Deste modo, a morte é a maior das liberdades.

Desse modo, a morte é para Aquiles e Augusto Matraga a grande canção que harmoniza o mundo, o palco em que se encena o ato final do teatro da vida. Na série *O toque de um anjo* (1994), de Michael Scott (XVIII)³⁰, no centésimo capítulo da obra vemos o anjo Mônica com sua centésima missão, guiar a vida de uma criança para o

³⁰ Michael Scott (XVIII) foi escritor irlandês de histórias fantásticas e de mitologia irlandesa.

céu, nesta aventura ouvimos a canção da morte acontecendo e se doando para todos, uma celebração ocorre na cerimônia que festeja como um cortejo a jornada do humano. Neste momento, Peter, o protagonista do episódio é aquele que tem o dom do amor e sua mãe tem o dom da música. A mãe de Peter vive para seu filho, pois o mesmo é doente e vive no limiar da finitude; enquanto a mulher vive a vida do outro, não vive a própria vida, mas o menino inspira sua genitora a compor o salmo 151 (ora, sabe-se que existem apenas 150 salmos na “Bíblia”), canção-poema que ao ser entoada faz com que Peter siga em paz sua jornada para o além, enquanto sua mãe continua sua jornada terrena. Assim é que a morte está sempre no além e na travessia, devorando a amando a todos os seres, como Castro (2011) nos provoca:

Quando se pergunta, o que há para além da morte, nessa pergunta se esquece o essencial: todo além pressupõe um aquém. Seria mais importante pensar o além ou o aquém? Ou nenhum dos dois? Ou os dois e o meio, que é a travessia, já que não pode haver travessia que não faça parte do aquém e do além? Essas três dimensões dadas pelos advérbios recebem um nome muito comum e usado: tempo. Nenhum conceito dá conta da questão tempo. Não foi sem sentido que os gregos mostraram o tempo como devorador dos seus filhos, ou seja, o tempo é a morte vigorando (CASTRO, 2011, p. 247).

A morte acontece no *ethos* da odisseia de Aquiles e Augusto Matraga como obrar da verdade, mas o que é a verdade? O verdadeiro determina o que é ético ou o ético determina o verdadeiro? “‘A-letheia’, descobrimento, provém do feito e do fato de encobrir, velar, respectivamente, desvelar, descobrir” (HEIDEGGER, 2007, p. 111). A verdade, assim, é uma doação do sol e da terra, o brilho da verdade a tudo ilumina, embora não deixe de fazer sombras, terra se desvela como sentido poético do habitar e do tempo eterno de onde a verdade se movimenta e revela o ético como questão ontológica. É assim que poeticamente Homero em “A Ilíada” nos pinta uma tela com as cores da verdade e da vida: “Logo o matreiro: ‘Eu te afianço a vida, Conta a verdade sem temor. No escuro Às naus caminhas, quando os mais repousam!’” (HOMERO, 2006, p. 213). Castro nos mostra que as ações éticas são verdadeiras porque são provenientes do ser se doando ontologicamente: “Ética vem do grego *ethos*, fundando os valores éticos e, portanto, as ações éticas. Estas dizem respeito ao ser e seu sentido. São valores e ações ontológicas.” (CASTRO: Ética, 1).

A verdade é uma viagem que leva o homem ao seu destino, e qual seria a destinação do homem? Céu, inferno? Olimpo, Hades? O homem é da terra, mas sempre sonhará voar as alturas mais inalcançáveis e neste percurso sempre também atravessará

os vales mais ínfimos. Mas os heróis trágicos são aqueles que chegarão à sua sorte, “nem que seja à porrete” como diz Matraga:

Largaram à noite, porque o começo da viagem teria de ser uma verdadeira escapada. E, ao sair, Nhô Augusto se ajoelhou, no meio da estrada, abriu os braços em cruz, e jurou:

— Eu vou p’ra o céu, e vou mesmo, por bem ou por mal!... E a minha vez há de chegar... P’ra o céu eu vou, nem que seja a porrete!... E os negros aplaudiram, e a turminha pegou o passo, a caminho do sertão. (ROSA, 2015, p. 313).

A finitude é o maior de todos os mistérios, é o fogo que purifica e transforma a vida, não somente daquele que morre, mas principalmente daqueles que ainda vivem. Para Aquiles e Augusto Matraga a morte é o fogo que transfigura alquimicamente suas vidas. Aquiles é um fogo selvagem que destrói e devasta tudo e à todos em seu caminho: “Forte em vão, sem piedade espera Aquiles, que hostil fogo, apesar do esforço nosso, consuma as naus, e pereçamos todos” (HOMERO, 2006, p. 234). Enquanto que Matraga é aquele que mesmo perto da morte tem “fogo nos olhos”: “punha sangue por todas as partes até do nariz e da boca, e que devia de estar pesando demais, de tanto chumbo e bala. Mas tinha fogo nos olhos de gato-do-mato, e o busto, especado, não vergava para o chão”. (ROSA, 2015, p. 336). O fogo em diversas culturas é o elemento que expressa o sagrado no mundo, a chama ilumina a escuridão enquanto guia a existência humana no caminhar dos bosques sombrios. Nesta vereda, o humano geração após geração faz suas preces pelos vivos e pelos mortos, na trajetória genealógica do “crescer, multiplicar e dominar a terra” (Gênesis 1:28).

Quando Baal Schem, fundador do hassidismo, tinha uma tarefa difícil pela frente, ia a certo lugar no bosque, acendia um fogo, fazia uma prece, e o que ele queria se realizava. Quando, uma geração depois, o Maguid de Mesritsch viu-se diante do mesmo problema, foi ao mesmo lugar do bosque e disse: “Já não sabemos acender o fogo, mas podemos proferir as preces”, e tudo aconteceu segundo seus desejos. Passada mais uma geração, o Rabi Mosché Leib de Sassov viu-se na mesma situação, foi ao bosque e disse: “Já não sabemos acender o fogo, nem sabemos as preces, mas conhecemos o local no bosque, e isso deve ser suficiente”; e de fato foi suficiente. Mas, passada outra geração, o Rabi Israel de Rijn, precisando enfrentar a mesma dificuldade, ficou em seu palácio, sentado em sua poltrona dourada, e disse: “Já não sabemos acender o fogo, não somos capazes de declamar as preces, nem conhecemos o local do bosque, mas podemos narrar a história de tudo isso”. E, mais uma vez, isso foi suficiente (AGAMBEN, 2018, p. 27-28).

A finitude é o caminho poético da aprendizagem para a vida, nela os heróis trágicos encontram a solidão e enquanto ensinam por meio de suas mortes, nos

direcionam o olhar para o epitáfio da carreira do homem, isso faz com que reflitamos sobre o (s) sentido (s) essencial da condição humana. Na travessia da morte os heróis também aprendem, pois esta questão proporciona o repouso e o diálogo para o qual já estavam lançados não no apenas ser solitude, mas no só ser, como Castro expõe:

A finitude gera a solidão que não é ser só, mas só ser o sendo que somos e tende continuamente para o ser, ou seja, experiência-se sendo e gerando a angústia da finitude e seu apelo de ser infinito, pleno, luz e claridade total vigorando. É da condição humana: ser finitude e solidão. (CASTRO: Finitude, 1).

Na morte, aquele que parte deixa um testamento, não apenas isso, mas um legado para aqueles que vivem, uma herança, quando um humano decide não dar a luz à próxima geração, não é apenas uma vida que deixa de ser gerada, mas um universo deixa de existir, talvez o sangue dos justos deixe de clamar na terra, e a intolerância e o desumano vençam a batalha da verdade. Nesta vereda, Aquiles e Augusto Matraga voam em direção ao alvo da sinestesia da vida. Eclode então, o sinal que manifesta as mudanças que ocorrem no movimento dialético do viver e morrer. Aquele que vive se multiplica e enquanto morre, planta sementes deixando filhos em diversas dimensões. Assim é que a morte propicia o nascimento! Como nos ensina poeticamente Rosa: “Um menino nasceu. O mundo tornou a começar” (ROSA, 1994, p. 669).

No diálogo gerado pela finitude da condição humana a angústia desabrocha como uma flor escondida e protegida pelas sépalas no deserto. Nesta caminhada a aurora da verdade vai se tornando cada vez mais clara lançando seus raios sobre a alma humana, o angustiar-se se dá em uma esfera onde o homem se manifesta como um microcosmo aprendente. Assim é que a angústia reconduz o homem para o caminho traçado pelo destino, os discípulos de Jesus eram conhecidos como os seguidores do caminho, este era o destino deles, e qual o destino de Aquiles e Augusto Matraga? Na angústia da finitude estes heróis passaram pelas águas e pelo fogo e não se afogaram e nem se queimaram (Isaías 43:2). Pela angústia, Aquiles e Augusto Matraga mergulharam nas águas lodosas das trevas e emergiram para a luz, para o desvelamento, que transpassa a noite e revela a realidade de todo sendo. Matraga nos mostra como a angústia acontece poeticamente no ser do herói trágico:

Agora, parado o pranto, a tristeza tomara conta do Nhô Augusto. Uma tristeza mansa, com muita saudade da mulher e da filha, e com um dó imenso de si mesmo. Tudo perdido! O resto, ainda podia..mas, ter a sua família direito, outra

vez, nunca. Nem a filha...para sempre...E era como se tivesse caído num fundo de abismo, em outro mundo distante. (ROSA, 2015, p. 378).

A angústia se dá no labutar, é na dança que acontece a harmonia e a unidade dos corpos, é neste trabalhar poético que procede o repouso, como Kierkgaard orchestra melodicamente: “só o trabalhador tem pão, só o angustiado encontra repouso, só aquele que desce os infernos salva a bem-amada, só quem empunha a faca recebe Isaac” (KIERKGAARD, 1979, p. 210).

No desespero humano ante a morte, acontece a dor. Sofrimento este que nos recorda a agonia de uma paixão, o ardor de um sentimento que corrói por dentro o coração. O confronto entre o medo e a verdade. Durante esta trilha Aquiles e Augusto Matraga enfrentam a dor sem recuar, pois “os tímidos e incrédulos não herdarão o reino dos céus” (Apocalipse 21: 8), nossos heróis trágicos lançam-se no abismo da consternação. Olhando o horror da dor e prosseguindo na valsa da vida. Mas o que desespera o homem? O não-sabido, aquilo que está por trás do véu da morte, o encontro com as forças e os deuses que estão além de sua compreensão, como nos mostra Aquiles:

[...] os Aqueus nas crinipulcras
Bigas circundam vezes três Pátroclo,
E Tétis exacerba o luto e o pranto;
Do afugenta-esquadrões saudosos todos,
O chão regam do choro, as armas regam.
Em soluços Aquiles, urra impondo
As homicidas mãos do sócio aos peitos:
“Salve, Pátroclo, na Plutônia estância!
Hei-de a palavra encher: Heitor em pasto
A cães dar; em vingança, doze ilustres
Jovens de Ílio ante a pira degolar-te.”
Aqui, no pó de bruços, obra indigna!
Roja à tumba do amigo o herói Troiano.
As éreas deixam coruscantes armas,
Os cavalos altíssonos desjungem:
Da capitânia em roda, o lauto aprestam
Feral banquete: a ferro bois sangrados
Mugem, balam ovelhas, berram cabras;
Tostam-se ao fogo de Vulcano os pêlos
De gordos porcos de alvejantes presas;
Mana em torno a Pátroclo o sangue em ondas. (HOMERO, 2006, p.407).

O desespero é o confronto com a vacuidade, o vazio que evoca a agonia diante do enigma que acompanha o homem inquieto até o desvelo assombroso que se consumará na contemplação da realidade do que há no além. O que seria, então, o vazio? Seria carência ou lacuna? como questiona Calfa (2014):

O vazio não é o desocupado, nem o destituído. Ele é a condição de toda possibilidade, fonte originária que desvela o mistério de ser, em meio ao qual procuramos pensar toda vigência e toda ausência como excessividade poética. Vazio é o que permite todo figurar-se e lançar-se, criando escritas infinitas de mundo, que se tecem tempo-espço, e se mostram como imagem, teia, passagem, o entre os nós e o vazio: o fio que atravessa a agulha. (CALFA, 2014, p. 80).

Nesta trilha, para Aquiles e Augusto Matraga morrer é de-cisão, cada qual a seu modo decide conscientemente agir a favor do destino em obediência ao seu chamado sagrado. Aquiles caminha à frente do exército grego e em direção à finitude, mesmo sabendo de sua fraqueza não recua de sua dita, enquanto que Augusto Matraga marcha para a ruína e ao mesmo tempo para a redenção. Ambos percorrem a estrada sacrificial, para a qual todo homem é embalado. Aquiles é aquele que tem seu encontro final com o trágico quando seu calcanhar é flechado pela sina da finitude, talvez Zeus ou Ares o tenham acolhido no Olimpo; Matraga por sua vez tem seu diálogo derradeiro com o trágico quando decide encarar a morte, mesmo que isso lhe custe o fogo do chumbo e da bala penetrando o seu ser, na batalha final com Joãozinho Bem-Bem o herói trágico os encomenda para a terra prometida:

— Estou no quase, mano velho... Morro, mas morro na faca do homem mais maneiro de junta e de mais coragem que eu já conheci!... Eu sempre lhe disse quem era bom mesmo, mano velho... É só assim que gente como eu tem licença de morrer... Quero acabar sendo amigos...
— Feito, meu parente, seu Joãozinho Bem-Bem. Mas, agora, se arrepende dos pecados, e morre logo como um cristão, que é para a gente poder ir juntos... (ROSA, 2015, p. 337).

Nestas trajetórias tão singulares e próprias, vemos o acontecer poético na dobra da finitude e da eternidade. Os atos de Aquiles e Augusto Matraga ecoam na posteridade, pois geração após geração estes heróis provocam, inspiram, apaixonam, horrorizam e perturbam o humano até hoje, deixando como herança o silêncio e o não-dito, embora eles nos digam muita coisa. Eles são verdadeiras obras de arte, haja vista que inauguram aberturas e novos mundos de possibilidades. Estes paladinos nos ensinam acerca do mistério noturno da morte e são convites ao pensar poético, como pinta Jardim (2005):

O pensar poético é o pensar se manifestando realização concreta, por uma modalidade de fazer, tal como diz o verbo *poiéo*. Nessa manifestação, realizando, se dis-põe ao desvelamento. Por sua vez, nesse desvelamento não há certeza, há dinâmica. Sua concretude advém precisamente da ausência de

certeza e da vigência de uma dinâmica. O pensar é apresentado como o pensar que pensa realizando, diferentemente de uma modalidade de pensar que se realiza como cumulação de abstrações, como informações coligidas para se apresentarem, no mais das vezes, como simulacro de alguma realização externa a esse mesmo pensar. O pensar vigente como desencadeador de realidade é o que faz com que o desvelar se pronuncie. (JARDIM, 2005, p. 33).

Desse modo, as questões que acontecem em Aquiles e Augusto Matraga nos despertam para um aprendizado constante de interpretação de onde vigora a escuta do que somos e do que não-somos para o que podemos ser e não-ser. Nesta trilha, os guerreiros nos educam sobre como enfrentar as batalhas da vida, por meio de suas dores e sofrimentos nos desafiam a atravessar o a-ser-pensado, nos penhoram a escutar o poema de suas vidas e mortes para a partir dele aprendermos sobre o mundo e o tempo, ultrapassando matéria e ampulheta. Estes heróis tocam uma canção que não pode ser escutada por uma audição comum, mas os seus cantos são como hinos sagrados que nos permitem compreender uma dimensão mais profunda da existência, indo além do ordinário e manifestando o fantástico, o extraordinário e o impossível, alcançando assim o terreno dos deuses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante esta tecelagem, costuramos fios e camadas com cores agitadas e vivas. Nesta travessia procuramos deixar as obras de Homero e Rosa falarem, vigiamos com todo o cuidado para que Aquiles e Augusto Matraga pudessem livremente expressar o ser de suas vozes, permitindo assim o manifestar da música, mas também do silêncio e do nada que acontecem em toda a obra de arte. Na floresta que percorremos, buscamos pensar de que forma o herói trágico grego e o cristão atuaram diante da angústia e do desespero humano ante à finitude, mas quando olhamos para estes dois enxergamos nossa própria face refletida como num espelho. Não como um espelho comum, mas mágico e vivo que fala conosco e se abre como um portal para multiversos³¹.

Em um primeiro momento perguntamos sobre as jornadas de Aquiles e Augusto Matraga como heróis trágicos. Nelas escutamos a história do herói grego e a trajetória alquímica do herói cristão e como eles dançam com a liberdade e o destino. Caçamos verificar de que modo a obra poética de Homero e de Rosa dialogam com o trágico por meio das personagens heroicas, desejamos sondar os corações de cada uma destas personagens poéticas para entender o que elas dizem e especialmente o que não dizem e como cada qual caminha e dialoga com a questão do heroísmo trágico e a condição humana de finitude, compondo o teatro poético do existir. E, de fato, se bem notarmos cuidadosamente a trilha onde cada herói deixa suas pegadas, veremos que cada um traz consigo uma mensagem, como um cancionista traz uma canção em seu peito apaixonado. Mas, que mensagens eles transmitem? Temos, por exemplo, Aquiles desencobrendo o mistério velado da guerra de Tróia, e neste palco ele é o autor principal que encena o papel de herói trágico grego. E Matraga, por seu turno, encarna o verbo vivo do seu Cristo cujo sangue ele derrama para salvar, mas não num sentido dogmático e sim no plano poético-ontológico. Cada um desses heróis assume uma postura diferente diante da vida e da morte e ao mesmo tempo se encontram e dialogam com suas sortes e mundivisões.

³¹ Multiverso é a última pesquisa do físico Stephen Hawking que aponta que nosso universo pode ser apenas um de muitos outros parecidos com ele. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-43979777>> Acessado em: 31 Out. 2018.

Como pano de fundo vemos questões como o amor, o sagrado, o tempo, a vida, mundo, identidade, especialmente finitude e diversas outras que “[...] se cada uma delas fossem escritas, pensamos que nem mesmo no mundo inteiro haveria espaço suficiente para os livros que seriam escritos.” (João 21:25).

Na segunda badalada deste enredo, vimos o trágico, a angústia, o desespero humano e com essas questões percebemos como Aquiles e Augusto Matraga encarnam poeticamente uma fonte de água cristalina que jorra possibilidades de reinvenção criativa e enfrentamento destes estados da condição humana diante da finitude. Nestes bosques é que acontece a cura, mas não no sentido usual, físico e comum da desgastada palavra. Nesta vereda estes heróis se encontram em suas pro-curas consigo mesmos e com o sentido da vida e da existência. Nesta caminhada eles descobrem seus propósitos e seus destinos. As leituras aqui realizadas nos mostram cada personagem trágico deixando cair suas máscaras e encenando um modo peculiar de enfrentar a finitude e o trágico como um jogo mortal onde a vida é a moeda de aposta que movimenta a roleta do coração humano. Quando o relógio de ébano toca a alma humana vai ao encontro do ceifeiro e cumpre sua viagem final.

Ainda nesta badalada, é possível escutar a canção da esperança ressoando por todo a obra de Homero e Rosa. O herói trágico é aquele que penetra em um estado de suspensão e neste entre-lugar ele repousa, se ergue e dança com o trágico e a esperança. Nesta valsa ele se movimenta junto com a terra e com passos certos conduz a sua parceira no bailado da vida. Assim, cada herói aponta para uma possibilidade de enfrentamento da vida e da morte, e do desespero e da angústia humana diante da finitude.

No capítulo final deste cortejo poético, no último ato desta “peça trágica”, vemos Aquiles e Augusto Matraga enfrentando a fatal dita, a finitude, e também assistimos a consumação do nada enquanto dobra desdobrada que dirige a jaez humana: o humano e o divino. O fundamental neste prisma foi percebermos cada guerreiro heróico em seu modo característico de lidar com o tema do sagrado, da vida, do tempo, do mundo, do trágico e por fim da agonia e do desespero da morte. O mistério silencioso da floresta habitada pelos heróis teatralizou o diálogo entre dois universos distintos e o acontecer poético do trágico enquanto dimensão da existência humana. Neste caminho apontamos similaridades e diferenças entre as duas personagens poéticas em face do mausoléu subterrâneo em meio à morte e o trágico e seguimos a faixa brilhante do destino consumado em sangue e glória, vimos em suas jornadas a morte ser conquistada e a vida se tornar o primeiro passo para a eternidade. Testemunhamos a colheita da morte como

um gélido abraço de nossos oponentes, ela é sombra, é vento, é inescapável, é imbatível. Aquiles e Augusto Matraga participaram do jogo cósmico e tomaram a mão da morte como peregrinos em busca de respostas e tudo para nos desafiar e inspirar a pensar naquilo que sabemos e especialmente no que não sabemos, para o germinar das possibilidades humanas e florescer do entendimento da vida e do sentido do ser.

Na derradeira nota desta canção que procuramos compor neste trabalho, buscamos demonstrar o herói trágico como um educador poético, pois ele é aquele que com sua história desvela e vela a abertura do ser, pondo em obra a verdade como uma sublime questão que acontece na vida e na morte. O herói trágico é aquele que tem suas dobras em constante movimento, por exemplo seria possível comparar Augusto Matraga, herói trágico cristão, com o herói cristão Jean Valjean e desta confabulação pensar um educar poético? talvez pensar sobre o herói trágico cristão seja uma dobra para questionar o sagrado, mas esta questão só seria possível ser pesquisada em outro *kairós*. Neste sentido, acreditamos que esta dissertação foi fruto de uma pesquisa que não tem a pretensão de esgotar as possibilidades e não esgota nenhuma das questões aqui pensadas, pois aquilo que se consume não é uma questão, haja vista que uma legítima questão não cessa de queimar como o fogo da sarça ardente³².

³² A sarça ardente é uma planta descrita no texto bíblico de Êxodo (3:1–4:17), situada no Monte Horeb. De acordo com a história judaico-cristã o arbusto ardia em chamas, mas não era consumido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A paixão de Cristo. Dir. Mel Gibson. Perf. James Caviezel, Maia Morgenstern. Nwemarket Filmes, 2004. Film.

AGAMBEN, Giorgio. **O fogo e o relato: ensaios sobre criação, escrita, arte e livros.** São Paulo, Boi Tempo Editorial, 2018.

ALVES, Rubem. **A complicada arte de ver.** São Paulo: Folhaonline, 2004. Disponível em: <folha.uol.com.br/folha/sinapse>. Acessado em 20. Março 2018.

_____. **Ostra feliz não faz pérola.** São Paulo: Editora Planta do Brasil, 2008.

ASIMOV, Isaac. **O homem bicentenário.** São Paulo: Hemus, 1980.

AURÉLIO, Marco. **Meditações.** Tradução de Thainara Castro. Brasília. Editora Kiron, 2011.

BARROS, Manuel de. **Memórias inventadas- a segunda infância.** São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.

BURKERT, Walter. **A Religião Grega das Épocas Arcaica e Clássica.** São Paulo: Lisboa: Edições 70, 1993.

CAEIRO, Alberto. **O guardador de rebanho.** Belém: Editora Estudos Amazônicos, 2012. Organização do texto: Sílvio Holanda. 1ed. (Coleção Clássicos e Atividade).

CALFA, Maria Ignez de Souza. **Espaço.** In: *Convite ao pensar.* CASTRO, Manuel Antônio de. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014.

CALVINO, Ítalo. **Porque ler os clássicos?** Tradução Nilson Moulin. São Paulo. Companhia das letras, 2007.

CAMPBELL, Joseph. **As Transformações do Mito Através do Tempo.** São Paulo: Editora Cultrix Ltda, 1993, p 195.

_____. **O herói de mil faces.** São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1949.

CASTRO, Manuel Antônio de. **A paixão de Cristo.** Rio de Janeiro: texto impresso, 2004.

_____. “Aprender com a dança: fluxos e diálogos poéticos”. In: TAVARES, Renata (org.). **O que me move, de Pina Bausch – e outros textos sobre dança-teatro**. São Paulo: LibersArs, 2017.

_____. **Arte: o humano e o destino**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2011.

_____. Convite ao pensar. Manuel Antônio de Castro et al. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014.

_____. “Disputa, 1”. In: **Dicionário de Poética e Pensamento**. Internet. Disponível em: <[http:// www.dicpoetica.letras.ufrj.br/index.php/Disputa](http://www.dicpoetica.letras.ufrj.br/index.php/Disputa)> Acessado em: 04/Jul. 2018.

_____. “Dialética e diálogo: a verdade do humano”. In: **Revista TB**. Rio de Janeiro, 192, jan-mar., 2013.

_____. “Época e tempo poético”. In: **Leitura: questões**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2015, p.282).

_____. "Eros, o humano e os humanismos". In: **Eros, tecnologia, transumanismo**. Org. Maria Conceição e Outros. Rio de Janeiro: Caetés, 2015.

_____. “Ética, 1”. In: **Dicionário de Poética e Pensamento**. Internet. Disponível em: <[http:// www.dicpoetica.letras.ufrj.br/index.php/Ética](http://www.dicpoetica.letras.ufrj.br/index.php/Ética)> Acessado em: 04/Ago. 2018.

_____. “Finitude, 1”. In: **Dicionário de Poética e Pensamento**. Internet. Disponível em: <[http:// www.dicpoetica.letras.ufrj.br/index.php/Ética](http://www.dicpoetica.letras.ufrj.br/index.php/Ética)> Acessado em: 05/Ago. 2018.

_____. “Grande Ser-Tao: diálogos amorosos. In: MELO E SOUZA, Ronaldo e Outros (org.). **Veredas no Sertão rosiano**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

_____. "Interdisciplinaridade poética: o 'entre'". In: **Revista Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, 164: 7/36, jan.-mar., 2006.

_____. "Mundo, 7". In: CASTRO, Manuel Antônio de. **Dicionário de Poética e Pensamento**. Internet. Disponível em:< <http://www.dicpoetica.letras.ufrj.br/index.php/Mundo>> Acessado em: 10.Jul.2018.

_____. “O ler e suas questões”. **Leitura: questões**. Rio e Janeiro: Tempo Brasileiro, 2015.

_____. "O mito da cura e o ser humano". In: **Arte: o humano e o destino**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2011.

_____. **O acontecer poético**. Rio de Janeiro: Antares, 1982.

_____. **O educar poético**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014.

_____. "Poética-ecológica". In: **Arte: corpo, mundo e terra**. CASTRO, Manuel Antonio de (org). Rio de Janeiro: 7letras, 2009.

_____. "Sagrado, 1". In: CASTRO, Manuel Antônio de. **Dicionário de Poética e Pensamento**. Internet. Disponível em: < <http://www.dicpoetica.letras.ufrj.br/index.php/Mundo> > Acessado em: 01.Jul.2018.

COLASANTI, Marina. **Eu sei, mas não devia**. Editora Rocco: Rio de Janeiro, 1996.

CORRÊA, **O trágico e a tragédia, vinculação e escolha**. Cogito. 2006, vol.7. Acessado em 27 jun. 2018.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro: Rocco, 1981.

DIAS, Daise L. F. **O erro trágico de Cathy em O morro dos ventos uivantes**. Revista Ângulo 117, 2009. Disponível em: <<http://publicacoes.fatea.br/index.php/angulo/article/view/250/207>> Acessado em: 07 Jul. 2018.

DOLZANE, Harley F. **Destino**. In: CASTRO, Manuel Antonio de e Outros (org). *Convite ao pensar*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014.

EAGLETON, Terry. **Doce violência a ideia do trágico**. Tradução de Alzira Vieira Allegro. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972, p 80.

FEIJÓ, Martin Cezar. **O que é herói**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984, p 12.

FERRAZ, Antônio Máximo. "Liberdade". In: CASTRO, Manuel Antônio de e Outros (org). **Convite ao pensar**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2015.

_____. **O que é uma questão?** Revista Litteris. N. 6, 2010.

_____. **O trágico em Aristóteles e Fernando Pessoa**. Terceira Margem. Rio de Janeiro, n. 22, 2010.

FILÍPOVNA, Verônica. **Música**. Convite ao pensar. Manoel Antônio de Castro et al. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014.

FROST, Robert. **A estrada não trilhada**. Tradução de Renato Suttana. 1916. Disponível em: <www.entreculturas.com.br/2011/05/robert-frost-a-estrada-nao-trilhada/> Acessado em: 05 jul. 2018.

GADALLA, Moustafa. **Cosmologia egípcia- o universe animado**. Trad. Fernanda Rossi. São Paulo: Madras Editora, 2003.

GALERA, Fábio. Do caminhar poético, ou de quando o educador saiu a poetizar. In: CASTRO, Manuel Antônio de. **O educar poético**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014.

_____. **Do caminhar poético, ou de quando o educador saiu a poetizar**. In: CASTRO, Manuel Antonio de e Outros (org). *O educar poético*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014.

GALVÃO, Lúcia Helena. **Canção de Tróia**. 2011. Disponível em: <<http://luciahga.blogspot.com/search/label/Can%C3%A7%C3%A3o%20de%20Tr%C3%B3ia>> Acessado em: 16.Mar.2018.

GIL, Gilberto. **Esotérico**. Salvador, Gege Edições / Preta Music (EUA & Canadá), 1982. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=axrewUxPYZ4>> Acessado em: 10. Fev. 2018.

_____. **Superhomem, a canção**. Salvador, Gege Edições / Preta Music (EUA & Canadá), 1979. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X_3jZK9hD2k> Acessado em: 08. Jan.2018.

GOIÁS. **Manual de Metodologia Científica**. Itumbiara. Universidade Luterana do Brasil, 2011. Disponível em <<http://www.ulbra.br/upload/57c82ea6221906e563c5cf8acba19f84.pdf>>. Acessado em 19 de Maio de 2016.

GROETAERS, Elenice. **A poética da noite em Vinícius de Moraes**. São Paulo: Scortecci, 2007.

HAAR, Michel. **A obra de arte**. Trad. Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP7A, 2001.

HAUSER, Arnold. **História social da literatura e da arte. v.2**. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

HAVEL, Václav. “Esperança, 1”. CASTRO, Manuel Antônio de. **Dicionário de Poética e Pensamento**. Internet. Disponível em: <<http://www.dicpoetica.lettras.ufrj.br>> Acessado em: 07. Jun. 2018.

HEGEL, Friedrich. **A Razão na história**: uma introdução geral à filosofia da história

HEIDEGGER, Martin. “A palavra”. In: **A caminho da linguagem**. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis (RJ): Vozes. Bragança Paulista (SP); Editora Universitária São Francisco, 2003.

_____. **A origem da obra de arte**. Tradução de Idalina Azevedo da Silva e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010.

_____. “A questão da técnica”. In: **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **Ensaio e conferências**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **Ensaio e Conferências**. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, Vozes, 2002.

_____. **Ensaio e conferências**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

_____. “Que é Metafísica?- Posfácio (1943)”. In: **Heidegger- Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

_____. **Ser e verdade**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **Ser e Tempo**. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. São Paulo. Editora Vozes, 2005.

_____. **Sobre o humanismo**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

HERÁCLITO. **Fragmento 50**. In: Os pensadores originários- Anaximandro, Parmênides, Heráclito. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. **Fragmento 27**. In: Os pensadores originários - Anaximandro, Parmênides, Heráclito. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 1991.

História sem fim. Dir. Wolfgang Petersen. Perf. Alan Oppenheimer, Gerald McRaney. Warner Bros, 1984. Film.

HÖLDERLIN, Friedrich. **Poemas**. Trad. Paulo Quintela. Coimbra: Atlântida, 1959.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução de Manuel Odorico Mendes. A. R. Saraiva, 2009.

HUMMES, Frei Cláudio. **Metafísica**. Texto mimeo distribuído no curso “Metafísica”, por ele ministrado. Dalto Filho/Imigrantes, RS, em 1963.

JARDIM, Antonio. **Música: vigência do pensar poético**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1964.

JUNQUEIRA, Leandro Gama. **Mistério**. Convite ao pensar. Manoel Antônio de Castro et al. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014.

KIEKGAARD, Soren. **Coleção Os pensadores**. Tradução de Carlos Grifo e Maria José Marinho. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

_____. Apud SZONDI, Peter. **Ensaio sobre o trágico**. Tradução de Pedro Sussekid. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. **O conceito de angústia**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis, Vozes, 2010.

_____. **Temor e tremor; O desespero humano**. Traduções de Carlos Grifo, Maria José Marinho, Adolfo Casais Monteiro. São Paulo. Abril Cultural, 1979.

KOTHE, Flávio René. **O herói**. São Paulo: Ática, 1985.

KROOK, Dorothea. In: SCARDINO, Rafaela. **Cobrar a dívida: elementos trágicos em A música do acaso, de Paul Auster**. Espírito Santo: Revista Urutágua, 2015.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: leitores e leitura**. São Paulo: Moderna, 2001.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. **Aprendendo a pensar**. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. **Filosofia grega - uma introdução**. Teresópolis: Daimon Editora, 2010.

_____. “Heidegger e a questão da liberdade real”. In: **O que nos faz pensar- Homenagem a Martin Heidegger**. Rio de Janeiro: Cadernos do Departamento de Filosofia da PUC- RIO, v. 1, out. de 1996.

_____. **O esquecimento da memória**. In: Revista *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, 153, abr.-jun., 2003.

_____. **O que significa pensar.** In: Revista Usina, 2016. Disponível em: < <https://revistausina.com/2016/08/09/emmanuel-carneiro-leao-fragmentos-no3/> > Acessado em: 05.Mai.2018.

LEWIS, C.S. **As crônicas de Nárnia.** Tradução de Paulo Mendes Campos. Editora Martins Fontes, 2005.

LUZIE, Marta. **A dobra do destino.** Rio de Janeiro: 7Letras, 1999

MATIAS, Hugo J. D. **Da hamartia como falta e a dimensão trágica da vida na psicanálise.** Rio de Janeiro: Ágora. V. XV N. 1 jan/jun, 2012.

MATTOS, Célia Regina de Barros. **Quem disse que ficção é mentira?** Revista electrónica de los Hispanistas de Brasil. Vol. XVI, nº 63, 2015.

MERTON, Thomas. **A via de Chuang Tzu,** 9. e. Petrópolis: Vozes, 1999.

MICHEL, Jacqueline Barus. **O sujeito e o destino.** *Psicologia em Revista.* Belo Horizonte. V. 14, N. 1. Junho, 2008.

MILLER, Arthur. **Arthur Miller: collected plays 1944-1961.** Nova York: Library of America, 2006.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A vertente grega da gramática tradicional.** São Paulo: Hucitec, 1987.

NIETZSCHE, Friederich. **Além do bem e do mal: Prelúdio a uma Filosofia do Futuro.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **A origem da tragédia proveniente do espírito da música.** Tradução de Erwin Theodor. São Paulo: Cupolo, 2006.

_____. **Assim falou Zaratustra.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

O Senhor dos Anéis. Dir. John R. R. Tolkien. New Line Cinema, 2003. Film.

O sétimo selo. Dir. Ingmar Bergman. Perf. Gunnar Bjornstrand, Bengt Ekerot. Det Sjunde Inseglet, 1957. Film.

O toque de um anjo. Dir. Michael Scott (XVIII). Perf. Roma Downey, Della Reese. CBS, 1994. Film.

PASTORE, Jassanam Amoroso Dias. **O trágico: Schopenhauer e Freud.** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

PEDRON, Denise. **O ensino da tragédia no Teatro Universitário: Prometeu Acorrentado**. Universidad de La Habana. Número 282. 75-80. 2016.

PESSANHA, Fábio Santana. **A hermenêutica do mar- Um estudo sobre a poética de Virgílio de Lemos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2013.

_____. “Homem: corpo insólito”. In: GARCÍA, Flavio; PINTO, Marcello de Oliverira; MICHELLI, Regina (orgs.). **O insólito e seu duplo- Anais do VI Painel- Reflexões sobre o Insólito na narrativa ficcional/ I Encontro Regional Insólito como Questão na Narrativa Ficcional**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2010.

PESSOA, Fernando. A educação ontológica: uma possível relação entre educação e arte a partir do pensamento de Martin Heidegger. In: CASTRO, Manuel Antonio de e Outros (org). **O educar poético**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014.

PESSOA, Fernando. **Poemas Completos de Alberto Caeiro**. Lisboa: Presença, 1994.

PINHEIRO, Victor Sales. **O phatos trágico de Aquiles**. Archai n. 7, jul-dez 2011.

PIPER, John. **Em busca de Deus: a plenitude da alegria cristã**. Tradução de Hans do Fuchs. São Paulo: Shedd, 2008.

PLATÃO. **A República**. Tradução Pietro Nasseti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2000.

PUPPI, Ubaldo. **O trágico: experiência e conceito**. Revista Transformação, São Paulo, 1981.

REED, David. **Supernatural**. Tradução de Gilson B. Soares. Rio de Janeiro: Gryphus, 2014.

ROCHA, Marcos F.C. **Memória, passagens e permanência da tragédia na literatura alemã**. Revista *Pandaemonium germanicum*, 2010. Disponível em <www.fflch.usp.br/dlm/alemao/pandaemoniumgermanicum>. Acessado em 20 jun. 2018.

ROCHA, Zeferino. **Esperança não é esperar é caminhar: reflexões filosóficas sobre a esperança e suas ressonâncias na teoria e clínica psicanalíticas**. Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., X, 2, 255-273. Recife, 2005.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1994.

_____. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. **Sagarana**. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira, 2015.

SARACENI, Rubens. **O guerreiro do sétimo selo**. São Paulo: Editora Madras, 2016.

SAUNDERS, Allen. **Beautiful Boy**. Nova York. Double Fantasy, 1957.

SCHUELER, D. **A construção da Ilíada. Uma análise de sua elaboração**. Porto Alegre, L&P, 2004.

SHAKESPEARE, William. **Antônio e Cleópatra**. Tradução de Beatriz Viegas Faria. São Paulo: Coleção L&PM Pocket, 2005.

_____ **Hamlet**. Tradução de Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 2012.

SILVA, Amós C. **Etmologia Clássica e Moderna**. Disponível em <http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ6_10.htm>. Acessado em 27 de jun. 2018.

SMITH, Mark Eddy. **O senhor dos Anéis e a Bíblia**. Mundo Cristão, 2002.

STAIGER, Emil. **Conceitos fundamentais da poética**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

SZONDI, Peter. **Ensaio sobre o trágico**. Tradução de Pedro Sussekid. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

SZYMBORSKA, Wisława. **O poeta e o mundo: nove poemas da polonesa, que em 1996 ganhou o prêmio nobel da literatura**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2007.

TAVARES, Renata. **Do silêncio à Liberdade- Uma Aprendizagem ou O livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2012.

TORRANO, Jaa. **O mundo como função de musas**. In: HESÍODO. *Teogonia*. São Paulo: Iluminuras, 1992.

VELOSO, Caetano. **Oração ao tempo**. Salvador. Cinema Transcedental, 1989. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PhSpjxxC31E>>. Acessado em: 04/Jul. 2018.

ZANOLINI, Mauricio. MORENO, Iberê. **Os dois lados da Guerra Civil**. São Paulo: Craitivo, 2016.

ŽIŽEK, Slavoj. **Bem-vindo ao deserto real!** Cinco ensaios sobre o 11 de Setembro e datas relacionadas. Tradução de Paulo César Castanheira. São Paulo. Boitempo Editorial, 2003.